

A Defesa Nacional



10 DE OUTUBRO

1 9 4 4

NÚMERO

3 6 5

CEL. RENATO BATISTA NUNES

TEN.-CEL. BENJAMIN GALHARDO

TEN.-CEL. LIMA FIGUEIREDO

CAP. JOSE SALLES



ADQUIRA A VITALIDADE DE UM INDIO



A razão da resistência dos índios está na sua alimentação, sobretudo nos atributos insuperáveis

do guaraná, fonte de saúde, de energia e de vigor, ao alcance de todos, na deliciosa bebida - *Guaraná Champagne*



3 COPOS
EM UMA
GARRAFA



MATERIA PRIMA
De primeira qualidade
HIGIENE ABSOLUTA
PERFEIÇÃO TÉCNICA

Guaraná Champagne

É UM PRODUTO DA **ANTARCTICA**



Sport factor de
SAÚDE

GYMNASTICA



"Mainho de vento" Gymnastica dos musculos abdominaes 10 vezes



Gymnastica dos musculos das pernas 20 vezes



Extensão dos musculos dos braços 20 vezes

Flexão do tronco 10 vezes



Arqueamento do corpo 10 vezes



"Ponte" 10 vezes



Oscillação de omoplav 10 vezes



FLEXÕES DE CABEÇA

De 5 a 15 vezes
cada exercicio



Para o pescoço, o thorax e as costillas

O corpo humano tem necessidade de exercicio. A vida sedentaria, impedindo a acção normal dos musculos, affecta a saúde e favorece o accumulo de reservas gordurosas. A gymnastica evita esses inconvenientes. Para maior eficiencia, deve ser praticada como um habito diario, pela manhã, si possivel ao ar livre. É um exercicio racional que não rouba tempo, pois requer apenas alguns minutos.

Para sahir de casa disposto, com uma physionomia attrahente, deve o homem moderno fazer tres coisas, todas as manhãs: a gymnastica, o banho e a barba. São tres preceitos basicos de hygiene, indispensaveis para se adquirir boa apparencia, que tanto ajuda a vencer na vida. Com Gillette é facil, rapido e economico barbear-se em casa. Adquira uma Gillette e passe a fazer sua propria barba, com laminas Gillette Azul, as unicas rigorosamente assepticas

Gillette

Caixa Postal 1797 - Rio de Janeiro



Enquanto **DURAR A GUERRA...**

com a autoridade de nosso passado e das nossas realizações, com a pujança da nossa organização e do nosso aparelhamento e com o vigor da nossa larga experiência, permaneceremos fundamentalmente empenhados no **ESFORÇO DE GUERRA**, para o que mobilizaremos todos os nossos recursos e toda a nossa técnica com o fim principal de prover o falta de certas matérias primas e de vários produtos, até então importados, indispensáveis à continuidade do ritmo fabril em múltiplos setores e à manutenção, instalação e desenvolvimento de inúmeras atividades intimamente ligadas ao preparo bélico e à defesa do País. Dentro desse programa podemos citar, como produtos inteiramente novos, fabricados com a maior precisão técnica, os seguintes: Aço Rápido, Aço Inoxidável, Cobre Fosforoso, Duralumínio, Zinco Eletrolítico, Tubos de Níquel, Tubos de Aço Sem Costura, Vergalhões de Aço e Máquinas Operatrizes.

E QUANDO A PAZ RAIAR,

estaremos habilitados a continuar a nossa tarefa produtiva, com a compreensão nítida do muito que há a se realizar para o fim da construção de um novo mundo, em que, a par da liberdade, da igualdade e da dignificação do homem, haja melhores condições de vida, maiores facilidades em todos os gêneros de trabalho, maior conforto em todos os ambientes, maior prosperidade em todos os setores e maior felicidade em todos os lares, graças à multiplicidade imensa de coisas novas, boas e úteis. Atuando incansavelmente na solução desses problemas, como elemento criador de primeira plana, honraremos a nossa tradição, fieis aos princípios de trabalho honesto, intenso e esclarecido que nos têm norteado, desde a nossa fundação pelo Dr. Julio Pignatari.

LAMINAÇÃO NACIONAL DE METAIS S/A

Fundador: JULIO PIGNATARI

R. BOA VISTA, 91 • C. POSTAL 154-A • TEL. 3-6161 (Rede interna)

**Eu ainda lembro
o que mamãe
dizia:**



Cuida dos dentes, e... terás um sorriso bonito

Dentes sadios e bellos são como plantas preciosas: devem ser cultivados com carinho desde pequeninos.

Crianças que desde tenra idade tiveram assistência semestral do dentista, com a higiene diária, chegam á maturidade com a dentadura perfeita e sem contratempos.

Mostre, feliz, seus dentes bonitos iluminando seu sorriso bonito. E diga a todos que você, desde criança, os conselhos ODOL:

- 1) Frequente seu dentista pelo menos duas vezes ao anno.
- 2) Consulte seu medico e seu dentista sobre o regimen alimentar mais adequado á saude de seus dentes.
- 3) Trez vezes ao dia use sobre uma escova ODOL um centimetro de pasta dentifricia ODOL. Á noite, bocheche e gargareje com o liquido ODOL.



- PASTA
- LIQUIDO
- ESCOVA

Odol

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXXI

Brasil - Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1944

N. 365

SUMÁRIO:

	Págs.
Editorial	569
Doutrina de Guerra e Processos de Ação. — Cel. J. B. Magalhães	573
Um Emprêgo para o "Bazooka" — Trad. — Ten.-Cel. Armando Vasconcelos	583
Estabilização dos Solos em Campanha. — Adapt. — Ten.Cel. Paulo Mac Card	595
"O Exército Vermelho Emprega sua Cavalaria" — Trad. — Major Paulo Eneas F. da Silva, de Cav.	615
O Fogão de Campanha do Exército M-1937 — Trad. — Cap. I. E. José Salles	625
"Oração aos Jovens Oficiais" — Trad. — Major Adalardo Fialho	635
Cavalaria Moderna — Ten.-Cel. Arthur Carnaúba	637
O Cão em Serviço de Guerra — Cap. Diogenes Nunes de Assumpção	639
Commemoração do 25.º aniversário da Fortaleza de Itaipú	649
Excertos. — Trad. — Cel. R. B. N.	659
S. Sebastião — Gen. Silveira de Melo	669
Organização do Terreno — Major Pastor Almeida	685
Administração do Dr. Fernando Costa em S. Paulo	699
O Significado de Volta Redonda na Renovação Econômica do Brasil	705
Livros Novos	709
Revistas em Revista	715
Boletim	723
Noticiário & Legislação	727

EDITORIAL

Nesse setembro de 1944, que marcou o batismo de fogo dos soldados expedicionários brasileiros, nos campos de batalha da Europa, comemoramos o centenário do Marechal José Bernardino Bormann.

Como disse o Gen. Benicio na sua expressiva Ordem do dia de 26 de setembro, o Marechal Bormann constitui a "concretização das mais belas virtudes que podem glorificar o homem, distinguir o cidadão e engrandecer o soldado".

"Nos perigos do combate, o seu exemplo é de bravura. Nos horrores da peste, apresenta-se-nos como o enfermeiro piedoso que não teme contágios. Nos labores da paz, é o profissional apto e brilhante, que se desempenha de todos os encargos a si entregues; é ainda o cidadão eleito pelos compatriotas, impondo-se pela eficiência com que cumpre mandatos tanto na esfera da alta administração pública, como nas elevadas funções de elaborador de leis".

Com efeito, são essas as grandes linhas da personalidade de Bormann. Foi ele, conforme se vê, um chefe militar completo. Tinha a experiência pessoal dos campos de batalha, pois fizera a campanha do Estado Oriental do Uruguai, em 1864

e toda a guerra do Paraguai, inclusive a campanha da Cordilheira. Curuzú, Curupaití, Itororó, Avaí — são lances memoráveis de que Bormann participou como combatente dos primeiros postos, por isso que ainda frequentava o 1.^o ano do Curso Superior da Escola Militar, quando marchou para os campos de batalha do Sul.

Porem não foi apenas o heroísmo instintivo e contagioso dos combates que se afirmou em Bormann. Ele demonstrou outra sorte de heroísmo ao fazer-se enfermeiro dedicado, incansável, dos camaradas atacados de cólera-morbus, a peste aterradoradora, que devastou os nossos acampamentos na margem do Paraná.

Que beleza e que valor nesse heroísmo silencioso, obscuro, frio e prolongado, que é talvez o mais elevado e seguramente o mais difícil de todos os heroísmos!

Na paz continuaram a crescer o soldado e o homem.

O capitão do fim da guerra do Paraguai concluiu o curso na Escola Militar, ocupou a função de ajudante de ordens do Duque de Caxias, depois foi enviado à Europa numa comissão incumbida de estudar encouraçamento de fortalezas e telegrafia militar, e de regresso, entre outras comissões, coube-lhe fundar a colônia militar de Chapecó.

Foi Ministro da Guerra, Chefe do Estado Maior e Ministro do Supremo Tribunal Militar, funções que definem o prestígio atingido pelo Marechal Bormann.

Fóra do Exército também atuou com proficiência e brilho, exercendo os cargos eletivos de vice-presidente do Paraná e de deputado federal.

Devemos ainda considerar o intelectual, porque Bormann o foi do melhor quilate. Fez um romance histórico, escreveu diversas obras técnicas, mas impôs-se sobretudo como historiador militar, deixando sobre as nossas principais campanhas externas estudos que se tomaram clássicos.

E', pois, o Marechal Bormann um esplêndido modelo de chefe militar — o chefe militar completo.

Recordá-lo neste centenário, não foi apenas um ato de límpida justiça histórica, senão também uma oportunidade para mergulharmos nas puras fontes da nossa tradição militar.

* * *

Do passado nobre e valoroso, representado pelo grande exemplo de Bormann, podemos passar orgulhosos e confiantes a êsse presente cheio de glória tecida pela ação dos soldados expedicionários brasileiros, nos chãos da Europa. A F. E. B. já luta. A terra martirizada dessa bela e espiritual Itália já embebeu o sangue dos nossos.

Esta página, porem, não é feita para expansões emotivas. Ao batismo de fogo dos soldados da F. E. B. devemos pensar no seu valor e na sua eficiência, unanimemente louvados pelos mais famosos generais aliados da frente em que combatemos.

E aos que aqui ficaram, os que não tiveram o privilégio de integrar a F. E. B., desejamos fazer chegarem as seguintes palavras do Ten. Cel. Lima Figueiredo, escritas para o jornal "O Soldado", sob o título "Nós que não fomos para a guerra":

"Nós, oficiais e praças, devemos nos considerar em guerra, desprezando o conforto e labutando, intensamente, nas praças de desportos, nos campos de instrução, nas salas dos estados-maiores, fazendo exercícios, tomando contatos íntimos com o armamento e demais petrechos bélicos modernos, lendo a documentação americana que reflete a experiência desta guerra, trabalhando todos os dias, todas as horas, todos os minutos, para que nada falte aos que já lutam pela liberdade dos povos e afim de que, sem demora, possamos pisar os campos de batalha — fortes, animados e preparados — de modo que estejamos em condições de levar a luta com a mesma intensidade, sem desmerecer os feitos gloriosos dos pioneiros dessa cruzada santa em pleno século das realizações grandiosas que bem podem representar a beleza da maior obra de Deus — o Homem".

DOCTRINA DE GUERRA E PROCESSOS DE AÇÃO

(Carta aberta ao Cap. HEITOR A. HERRERA, pelo
Cel. J. B. MAGALHÃES)

Presado e jovem camarada !

Começarei por felicitá-lo por seu interessante artigo de agosto em "A Defesa Nacional" sobre questões de doutrina (1), cuja leitura induziu-me a escrever-lhe esta epístola, a qual dirijo também a todos os jovens que amam o estudo. Ela manifesta em primeiro lugar o imenso prazer que sinto, prazer intelectual, quando vejo um jovem camarada preocupar-se com a compreensão da guerra a expôr com clareza o resultado de suas meditações a êsse respeito. Para mim, no mínimo, isto é prova de que êle se apercebe da importancia que ha em possuir-se uma doutrina, teoria, filosofia, ou cousa que o valha, a cuja luz se interpretem os fatos da vida.

Vejo nisto interesse de ordem capital para uma conduta prática produtiva. Considero impossivel julgar o que ocorre, seja em que campo de atividade fôr, com justa aproximação da verdade, sem êsse instrumento poderoso para o trabalho intelectual. Quem recebe o que vai acontecendo no mundo sem passar pelo filtro de uma doutrina, vive sem rumo, marchando apenas a mercê dos instintos e, não raro, procedendo com desacerto constante, praticando incoerências e ilogismos de toda a ordem.

Certamente, nem todas as doutrinas conduzem pelo melhor caminho, mas, embora mau, é sempre preferivel ter um critério que permita um judicioso julgamento do que sucede e fazer previsões do que pode advir, do que não ter critério algum.

Não quero, porém, dizer que uma vez adotada uma doutrina, jamais a troquemos por outra reconhecida melhor ou a retoquemos em pontos reconhecidos insuficientes. Quero apenas referir-me à necessidade de ter uma razão capaz de orientar nossas interpretações e nossos procedimentos. A necessidade de uma disciplina intelectual é evidentemente, uma imposição de ordem prática. Sem ela que podem ser nossos pensamentos e que podem valer nossos atos ?

Sem a plena posse de um certo número de idéias básicas a que possamos aferir os conhecimentos que vamos adquirindo das cousas novas e sem um método lógico de tratar essas cousas novas como será possível progredir ?

Sem a posse plena das cousas, ou melhor, das noções fundamentais ninguém pode ter através do presente o rumo seguro para o futuro, uma conduta ou um procedimento coerente e praticamente produtivo.

De tudo na vida é preciso possuir uma teoria, e isto será tanto melhor quanto esta fôr mais clara, mais certa e mais completa.

Na realidade todos possuem a sua, mesmo a seu pesar e muitas vezes sem o saber, como acontecia ao Mr. Jourdan, de Molière, com a sua prosa, e embora, de caráter puramente negativista. Negar-se a ter uma teoria, é já uma teória... Os desta especie, adotam apenas um procedimento comodo e acobertam assim a preguiça e outros egoismos.

Em tudo na vida se faz de durável e sólido sem saber descirnir em primeiro lugar as grandes linhas do quadro em que se quer agir e ligar essa conduta ao conjunto que fatalmente nos envolve, domina e condiciona. Fôra disto, são os entrechoques, os tempos e trabalhos perdidos em pura perda.

As questões de pormenores, os procedimentos restritos e ocasionais, os *menus details* da existência são uteis e necessários, imprescindiveis ao acabamento dos quadros em que nossa ação se desenvolve e muitas vêzes por desprezá-los tudo sacrificamos. Não são, porém, o essencial. Seu valor é concernente as grandes linhas. Os pormenores têm uma importancia sempre momentanea, ocasional e circunstancial.

Os que por se acoimarem de práticos, só se preocupam com as cousas particulares, os pormenores da execução, em maior ou menor escala, jamais conseguem realizar mais que verdadeiros *bric-à-bracs* de concepçõesinhas e cousinhas que se não ligam umas as outras nem no tempo e nem no espaço. Vivem do presente exclusivamente, do efêmero presente. Não podem ser fatores de progresso. Em vez de subordinarem o presente ao futuro, sujeitam, ao inverso este aquele. E, vê o camarada porque ? Porque não conhecem o passado e o desprezam...

A teoria ! Os teóricos ! Gente nefasta, sonhadores, homens incapazes de realizar !

E' curioso que possam dizer estas cousas os *práticos e predominar*, mas explica-se facilmente, por que conhecer a teoria exige muito esforço, tempo e trabalho e subordinar a pratica a teoria é cousa difficil e que é sómente acessivel aos mais bem dotados. Então, ao inferno a teoria ! Sejam os práticos !...

Mas, ha prática sem *teoria*? Praticar não é aplicar uma teoria?

Tomada esta pequenina vingança contra os que nos acoimaram algumas vezes de teóricos por insistirmos em proceder logicamente, por assimilação do que havíamos aprendido e nos negarmos a ter procedimentos de puro mimetismo, orientados por idéias indigeridas, conversemos diretamente sobre o assunto, que nos sugeriu esta manifestação.

Seu artigo versa sobre doutrina de guerra. E' útil e bem estudado. Parece-me no entanto, incompleto, mesmo considerado o quadro limitado em que o traçou. Faliu a doutrina de guerra francesa, conforme as citações que faz, nos embates de 1940? Sim e não. Na análise que o jovem camarada faz das prescrições regulamentares francesas e dos mestres que tratam da matéria, "*il y a du vrai e tam du faux*".

O que ocorreu em 1940 na França, tem sucedido e sucederá em todas as guerras em que entram em jogo elementos novos, ainda não bem experimentados nos campos de batalha. Aliás o comêço de uma guerra qualquer, mormente quando sucede a um longo periodo de paz, é sempre diferente das concepções do tempo de paz, pois então não se podem bem julgar as reações do inimigo. *Um plano de campanha ou de manobra serve apenas para iniciá-la*. Depois, é o trabalho constante de readaptação as circunstancias. Nêsses planos só ha uma cousa fixa, o resultado que se *quer obter*, o objetivo que se quer conquistar ou defender.

O estudo dos comêços de guerra em comparação com as previsões estabelecidas e as preparações feitas, é assunto que deveria preoccupar mais assiduamente nossas escolas militares superiores. Ao que me consta, somente a êsse respeito, se fez de uma feita estudos diretos na nossa Escola de Estado Maior em 1928 em conferências do Ten. Cel. Gaussot, cuja publicação, porém, nunca foi feita.

Qual é o acoimado êrro da *doutrina francesa*? Um único, não ter dado preponderância aos materiais novos. Mas ha nisto *êrro* ou *insuficiência*?

Qual é o seu defeito? No meu modo de vêr não está no acerto dos conceitos que emite; nem mesmo talvez na forma porque os exprime. Está em *ter teimado* em considerar caso mais corrente o que era já, na Europa, esporadico ou secundário e ter deixado em segundo plano o que de fâto se verificou ser a regra.

Era certa a *doutrina alemã* que tudo baseou na guerra panzer e que deu preponderância constante aos métodos panzer?

Os acontecimentos da Rússia provam em contrário, como em contrário provam os acontecimentos ultteriores d'esta guerra, mesmo somente considerado o teatro europeu.

Do ponto de vista *doutrinário*, em meu modo de compreender, foram os russos os que melhor conceberam a *guerra futura*. Em 1941, apresentaram-se com uma deficiência séria motivo dos efêmeros êxitos alemães. Não erro de doutrina, mas insuficiência de sua aplicação. Eles sempre conceberam a guerra efetuada e ganha pelo concurso coordenado de todos os meios, o que orientou a organização de suas forças. No entanto, repartindo os meios novos, carros e aviões, pelas unidades de ação, não souberam guardar reservas gerais suficientes para reforçar as zonas de ação mais interessadas de modo a ter preponderância sobre o inimigo em momento oportuno. Suas unidades motomecanizadas maiores, não formavam unidades de ação autônoma e pertenciam aos Exércitos. O resultado disto foi que, embora no total não possuíssem inferioridade numérica sobre os alemães, jamais, no decorrer de 1941, puderam enfrentar com meios bastantes, os ataques *panzers alemães*. Mas corrigido *este erro*, com o auxílio dos recursos industriais anglo-americanos, já em 1942 a guerra mudava o seu curso, sem que os russos houvessem abdicado dos métodos de ação pelo concurso coordenado de todas as armas, mesmo a cavalaria a cavalo. Em 1943, detida a *contra ofensiva preventiva* que os alemães desencadearam em Orel, eles retomam o movimento para nunca mais parar. E nunca se *afoitaram* em *pontas* demasiado profundas. Tiveram sempre o cuidado de reajustar suas frentes de batalha. E' ao menos o que posso perceber do que vou marcando na carta, conforme as notícias que se publicam.

O jovem camarada, na crítica que faz a doutrina de guerra francesa de 1940, condena judiciosamente a *teimosia dos processos*. Mas os erros são mais de aplicação que dos princípios, embora pareça um pouco cedo para se fazer um julgamento definitivo.

Os princípios da tomada de contacto, do engajamento, do ataque etc., prognosticados pelos regulamentos franceses, em meu modo de vêr ainda são verdadeiros, mesmo com os meios novos. Diferem, porém, os *processos* se houver emprego destes meios novos.

Mas na guerra, mesmo nesta guerra mundial atual não se empregam somente meios novos... Nós principalmente, precisamos prestar muita atenção a estes fatos. Não ha guerra somente com armas novas, faz-se a ainda com armas antigas... O que se passou e passa na Africa, na Rússia, na China, na Birmânia, na Oceania, difere totalmente dos acontecimentos do teatro ocidental europeu...

A *velocidade*, a *surpresa*, o *ataque poderoso* etc., não são cousas novas, verificam-se em todas as campanhas comandadas pelos mestres da guerra, com as modalidades apenas concernentes aos meios e às características de cada campanha. Todos se esforçaram sempre por obter a máxima potência no ataque, por ganhar o inimigo em

velocidade, por surpreendê-lo, etc., e por conseguir meios novos capazes de darem a esses respeitos melhores resultados.

A *corrida de velocidade*, a que se refere o jovem camarada não elimina as cautelas, as medidas de segurança, nem a corrida aos obstáculos... Amplia os lances. No momento em que escrevo os alemães correm para se colocar atrás do Reno e os russos rompem as defesas do Bug e do Narev...

A *velocidade* não elimina a necessidade da segurança. Não me parece invalidada a regra que estabelece uma relação entre a frente de ataque e a profundidade da penetração, *ni seu grande sentido de segurança*.

Permita-me que lhe faça algumas objeções sobre o absoluto de sua interpretação: "Com a celebre relação, diz o jovem camarada, entre a largura da frente e a profundidade do ataque, parece que a evolução foi semelhante — o que viria ainda uma vez confirmar a inanidade das formulas em ciência tão complexa. A realidade é que antes do advento da moto-mecanização, o apoio aos ataques era feito, exclusivamente, de uma base fixa onde os órgãos de fogo se desdobravam; mas a progressão do escalão atacante conduzia fatalmente, a uma fase crítica, quando as alças da artilharia atingiam seus limites e a mudança de posição se impunha, com consequente hiato na proteção; novo sistema era necessário então montar para que o ataque fosse retomado".

Hoje é diferente?

Examinemos, porém, por partes este seu modo de interpretar, com o qual de modo geral estamos de acordo. Mas...

Porque a relação *entre a frente e a largura do ataque*? Para questão de segurança. A regra envelhecida, ainda hoje só pôde ser infringida, se o atacante dispõe de *reservas sólidas* capazes de impedirem o fechamento da brécha aberta no *pé da ponta penetrante* no dispositivo inimigo ou se este não tem possibilidade de *contra-atacar* o flanco da ponta. Que teria acontecido ao exército americano do General Bradley em seu rápido avanço para o Loire, se Montgomery não se mantivesse firme na região de Caen e Falaise e se não houvesse reservas, inclusive os *Thyfoons* capazes de fazerem abortar o contra ataque de Kluge?

O apoio de uma *base parada* faz parar o ataque para reajustamento do dispositivo.

Mas hoje ainda isto se verifica, é mera questão de escolha, quando as distancias crescem demasiadamente. O ataque, mesmo moto-mecanizado, tem que parar de quando em vez.

Mas nem sempre se ataca somente com *exércitos panzer*, e então caímos na *formula obsolêta*...

E ainda nêsse caso, quando a força panzer esbarra com resistências que por si só não pôde vencer — Stalingrado, Al-Elamein, linha Mareth, a costa do Atlântico, é preciso formar as bases de *fôgo fixas* e poderosas, e apoiar a infantaria para vencê-las, com ou sem carros..

Na realidade desta guerra, as corridas de velocidade, só se têm dado depois de rompidas as defesas em toda a profundidade... já em *fase de perseguição*, tal como outrora...

Na tomada de contacto ainda se corre aos obstaculos, a posse das saídas ou entradas dos campos de batalha, mas se procede em conformidade com as possibilidades do inimigo e do plano de manobra que se concebe...

O *ataque em ponta*, contra um adversário em estado de reagir, tanto no campo tático como estratégico, sem ter os flancos cobertos, seja pela pronta intervenção de reservas, seja por uma justa proporção entre a profundidade da penetração e a largura da brecha, ainda conduz aos mais sérios desastres. Notemos o que se passou na Rússia no verão de 1942. A *ponta alemã*, aliás apoiada no mar, mas com seu flanco esquerdo exposto, por não ter sido conquistado, Voronez, nem Stalingrado, em sua corrida ao petróleo, só conseguiu alcançar o desastre...

A *velocidade, como a surpresa, a economia de forças* etc., valem tanto na guerra hodierna como na de todos os tempos. A guerra no fundo é sempre, em essência, a mesma.

Os princípios que a regem são os mesmos. Mas precisamos evidentemente empregá-los com pleno conhecimento da capacidade de rendimento dos meios de que dispomos.

E' bem possível, que *homem da reserva*, amigo apenas de conservar melhorando, amigo persistente da prática que deriva ou se funda numa teoria bem concebida e claramente expressa, vejamos mal os fatos desta guerra. Todavia, confessamos, ter encontrado em verdadeiro prazer intelectual ao ir conhecendo os fatos desta guerra, não em achar nela aspectos revolucionários, mas na aplicação nova dos velhos princípios que a pouco e pouco fomos conhecendo e compreendendo.

Nós o felicitamos sinceramente por seu artigo, mas sentimos nêle haver em seu espírito de jovem um gosto particular, e *muito natural*, pelo que é novo, com um certo deleite em repudiar o que é velho. Nós que somos velhos, preferimos tomar por base as cousas já estabelecidas e procurar vêr nos fatos novos em que é que elas são modificadas. E não procedemos assim por caturrice nem porque o reumatismo — que graças a Deus o não temos — nos aperreie o ânimo.

E' por isto que afeito a *doutrina francesa*, por formação e convicção, não pudemos deixar de lhe escrever estas linhas. *Que é a doutrina francesa de guerra?* Ter um método de raciocínio, capaz de

analisar os fatores de uma situação *qualquer de guerra — missão* (o que se quer fazer); *terreno* (onde se tem de fazer o que se quer); *o inimigo* (o que se nos pode opor); e *meios* (o com que contamos para realizar o que queremos), *é o que ha de essencial*. O resto é questão de interpretação e de *arte*, o que depende da capacidade de julgamento dos homens e de suas *aptidões naturais judiciosamente cultivadas pela meditação e pelo exercício*.

Em regra, perde-se muito tempo querendo regular tudo, tudo prever. Dá-se preferência a aspectos secundários, de execução, sem procurar encaixá-los, cotejá-los mesmo com o que ha de mais geral de mais fundamental, que existe e se verifica em todas as guerras. Estudam-se regulamentos, ou melhor a aplicação de regulamentos tomando por dogma o que lhes dizem, sem procurar compreender o porque. Raros são os que, seguindo os conselhos dos mestres da guerra, *de todas as épocas*, o côro unisono dos gênios, preocupam-se em estudar os fatos de guerra que a história registra para discernir as linhas mestras dos acontecimentos e esclarecer o espírito.

Doutrina de guerra! É a síntese de Verdy du Vernois — de que se trata! Foi o que fizeram Alexandre, Anibal, Cesar, Frederico, Napoleão, Foch e Eisenhower!...

Empregar os meios disponiveis, para a conquista dos fins colimados todos os meios conforme suas propriedades, de modo a que os resultados de sua ação se somem, sem desprezar nenhum, é o que as guerras ensinam. *E economia de forças*. É o que se tem feito sempre. Foi o que os *franceses* de antes de 1940, procuraram fazer, mas sentiram enorme, invenciveis dificuldades em fazê-lo! Daí, certo apêgo às velhas fórmulas, não obstante a clarividência de certos espíritos que nêsse mesmo país pugnavam por certas reformas radicais dos velhos processos.

E por que isso?

Ha multiplas razões, entre as quais a pequena profundidade da *terra francesa* e o grande ráio de ação dos poderosos meios de ataque modernos. Não puderam os franceses ou não souberam vêr que a profundidade de que dispunham era insuficiente para manobrar se limitassem suas concepções estratégicas ao campo de seu território metropolitano, em vista dos meios de que dispunham.

O alcance dos ataques modernos e a capacidade de ruptura das armas novas, impõem a manobra em grandes profundidades, fato que os russos, como expuzemos no "Fenomeno Militar Russo", viram com a maior nitidez, ou o acúmulo na fronteira de todos os meios para a defesa do país.

As nações sem profundidades são levadas a desenvolver sua potencialidade máxima instantaneamente, e se o seu adversário é poderoso só têm como recurso certo de não serem rapidamente esmagados,

a ofensiva. Mas a ofensiva requer superioridade de meios... e precisa ser constantemente alimentada até a vitória final, completa.

Era o caso da França, contra uma Alemanha que se preparara minuciosa e extensamente para a guerra?

A única salvação da França era uma guerra concebida e preparada sob a base do império francês e de solidas alianças, guerra que o espírito público e a política não souberam vêr e aceitar, mesmo diante dos fatos, como decorre da capitulação apesar das proposições de Churchill. Mas, este caminho leva nossa conversa muito longe... Fiquemos nas nossas considerações sobre a doutrina...

Estavam muito errados os seus regulamentos? Suponho que não. Expressões um tanto velhas, mas concepção justa. Apenas o fato ali considerado exceção apresentou-se como regra. As prescrições concernentes a batalha em grandes frentes e grande profundidade, caso para eles excecional, pelas razões expostas, foi a regra, para cuja aplicação não se achavam bem preparados nem dispunham de meios adequados, ao espaço disponível ou melhor a que pretendiam limitar os acontecimentos.

O mal dos franceses, e que é ainda de muitos outros povos, foi não quererem aceitar a pura realidade e pretenderem resolver o problema da guerra artificialmente, forçando na aplicação os próprios princípios de doutrina que adotam.

A guerra de 1914-1918, deu uma lição de ordem capital: — a *decisão pertence a maior potencia industrial*, que depende de carvão e de ferro.

Si os franceses e outros povos houvessem percebido isto nitidamente, e comparado suas possibilidades a esse respeito com as da Alemanha, ter-se-iam unido intimamente à Grã Bretanha e aos russos, formando um sistema militar de sólida estrutura.

A força militar não reside no nacionalismo, hoje, resulta da geologia!...

O nacionalismo, o patriotismo, e tudo mais que constitua as energias morais de um povo, são elementos preciosos para valorizar as produções das minas e das fábricas. Por si só restam, porém, impotentes.

Devemos desprezá-las? Não. Ao contrário, é preciso exaltá-las tanto mais quanto mais precários são os recursos de que dispomos. Será, porém, erro grave e funesto, atribuir-lhes maior valor, maiores possibilidades que realmente têm.

Um país como o nosso caro Brasil, por exemplo, se bem que na America do Sul, goze do ponto de vista de possibilidade industriais, de uma situação favorável, pelas matérias primas e fontes de energia de que dispõe, cometerá grave erro si não souber aplicar a doutrina de

guerra — que é universal —, para formular uma estratégia lógica e uma tática apropriada à sua situação.

Sua organização, seus processos de ação devem ser os mais *nacionais possíveis*, caracteristicamente nacionais, mostrando assimilação *dessa doutrina*. Mas sua política deve ser capaz de ter a sabedoria bastante para suprir as deficiências de seus recursos naturais e também para evitar que ele não desenvolva toda força de que é capaz por que não a pode formar tal como as grandes potências industriais.

Nenhuma *nação* existe isolada nem isolada pode subsistir.

As *transformações da guerra* de Colin, obra clássica que nenhum militar ou homem público deve ignorar, devem ser meditadas a fundo, mas precisam ser completadas pelos estudos das *razões fundamentais da força*. Elas, a "Teoria da História da Civilização Militar" de Cristovam Aires e "O combustível na Economia Universal" de Pires do Rio, formam uma trilogia, que todos devem conhecer para evitar erros e decepções.

Aí estão, jovem camarada, e por seu intermédio me dirijo a todos os jovens, as considerações que me ieram ao espírito lendo vosso interessante artigo sobre "A doutrina de guerra francesa e a campanha de 1940.

Doutrina de guerra, processos de combate... Devemos bem distinguir uns de outros — a concepção da aplicação. A *doutrina* não é francesa, não é russa, não é alemã... é única... é universal... e se colhe na história. A aplicação da doutrina é que adquire modalidades diversas conforme a geografia, a geologia, o ambiente e as possibilidades de cada qual e sobre tudo conforme a inteligência e o poder de assimilação da doutrina...

Ha no momento moderno dois exemplos típicos de assimilação perfeita da *doutrina*: os russos e os americanos.

Os primeiros, formularam sua concepção da guerra, depois de analisar a história e os segundos relembram constantemente os mestres das guerras passadas e não cessam de editar obras antigas...

A guerra é um fenómeno social humano, cuja fisionomia varia com os estadios da civilização. Para bem compreendê-la e poder marchar firmemente através do futuro, sempre mais incognito, é preciso saber vêr sua fisionomia em cada época e discernir o porque dessa fisionomia, destacando o que é permanente do que é efêmero.

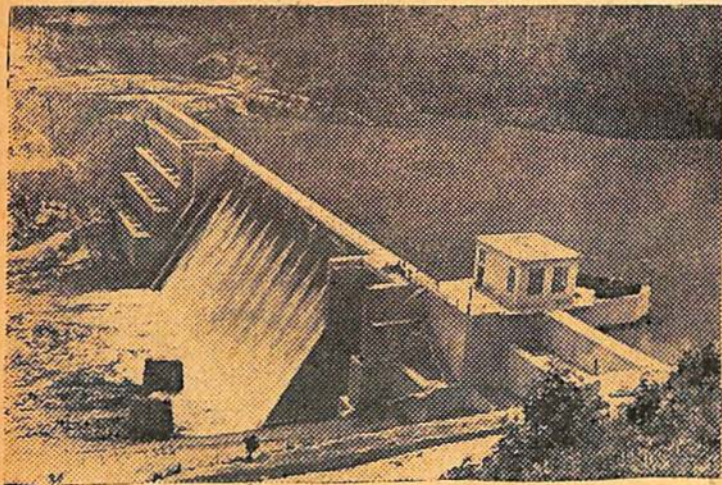
As tres obras que citamos não são as únicas que habilitam a conhecer a guerra e nem mesmo talvez bastem para satisfazer um espírito que ame as investigações e dissecações a fundo. Apresentamos apenas como tipos de cogitações indispensaveis para se abarcar todo o conjunto da questão. Os militares como Colin vêem em geral apenas os aspectos militares do problema; os historiadores como Cristovão Ayres, enleam-se com os efeitos e as causas históricas; os

economistas e espiritos matematicos, os homens práticos como Pires do Rio, procuram as raizes, as causas fundamentais do fenomeno e se sustentam com isto, a que tudo reduzem.

"E' preciso saber juntar todos êsses pontos de vista e colher as informações que êles nos ministram num fêcho único e homogêneo, para perceber as relações de causas e efeitos e conceber o quadro completo das realidades.

E aqui estão, presado camarada, algumas das idéias que o seu interessante artigo nos sugeriu. Ao senhor e aos outros jovens pertence o futuro, a nós o passado. O presente só pertence aos que vivem só para si mesmos, ou melhor, de fato, vegetam, porque viver assim não é viver.

(1) — A Doutrina de Guerra Francesa e a campanha de 1940.



oooooooooooooooooooo

Instalação hidro-
eletrica do Rio
Piracicaba, Esta-
do de Minas Ge-
rais, para Cia.
Siderurgica Bel-
go-Mineira S. A.

oooooooooooooooooooo

CHRISTIANI & NIELSEN

Engenheiros empreiteiros

Av. Nilo Peçanha, 151 - Rio de Janeiro

Santos, São Paulo, Paranaguá, Porto Alegre, Belo Horizonte, Baía, Recife, João Pessoa

Um emprêgo para o «Bazooka»

Pelo Major R. W. Schmelz de A. de Campanha (Traduzido, do The Field Artillery Journal de Novembro de 1943, pelo Ten Cel. Armando Vasconcelos).

Uma sugestiva distribuição dos bazookas pelas Baterias de tiro pôde ser a seguinte: Um para cada obus ou seção de canhões; um para a 5.^a seção, um para a seção de linhas (telefônica) e 2 para a seção de manutenção (um no carro motor e outro no caminhão de cozinha).

Na Bateria de Comando, um estaria bem em cada um dos seguintes elementos: no Caminhão C. T. (Central de Tiro), seção de observação; no caminhão do Posto de Comando (C. P.); em cada caminhão de linhas telefônicas e de rádio; no caminhão das guarnições; no caminhão de suprimentos do Batalhão; em cada seção do trem de munições; no caminhão cozinha da bateria; caminhão suprimentos da bateria; caminhão de suprimentos de motor do grupo e caminhão de manutenção de motores do grupo. Não quer dizer que esta distribuição satisfaça a toda situação, mas o emprêgo tático do «bazooka» que vamos discutir, basea-se nesta distribuição.

A artilharia necessita proteger-se contra um ataque de tanques durante os 3 períodos gerais: em reunião (ou bivaque), em marcha e em posição.

Cada um desses períodos deve ser considerado separadamente.

Quando estacionados (Bivaques ou reunião).

Estamos todos muito familiarizados com as necessárias precauções a tomar em uma reunião ou bivaque — sentinela de alarme, patrulhas, a própria pontaria ds armas orgânicas, etc.

Como vamos empregar o "bazooka" ?

Se todo o Batalhão (grupo) estiver numa área, as defesas devem ser coordenadas e cada bateria receberá um setor a defender.

A fig. 1 representa como se daria a defesa coordenada da área ocupada pelo grupo em terreno descoberto ou no deserto.

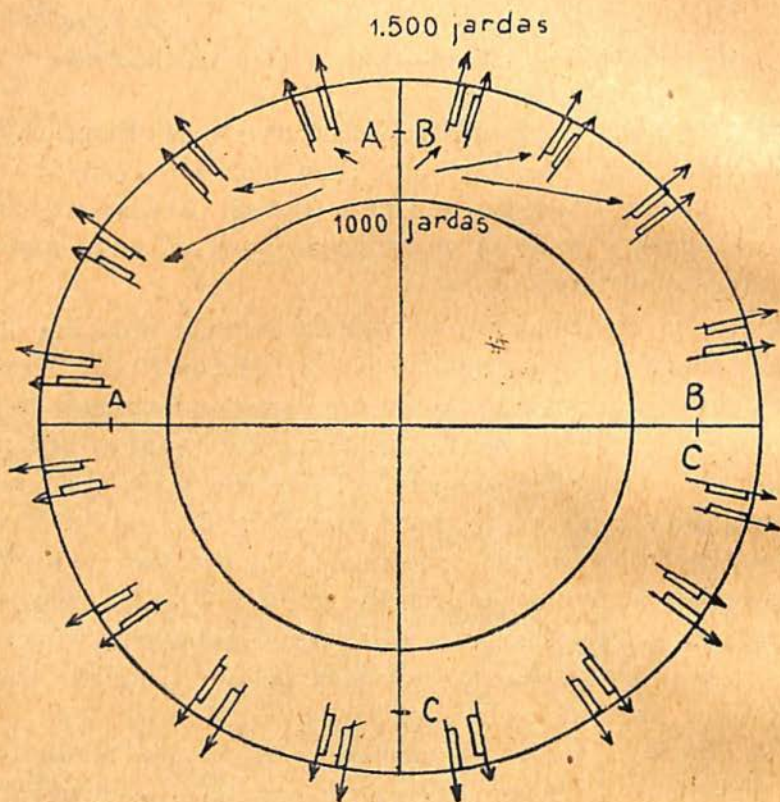


Fig. 1

A figura mostra somente os lança-foguetes (rojões) no perímetro da defesa.

Ela constitue, simplesmente, um diagrama não reportado ao terreno.

A área é dividida internamente em 4 setores mais ou menos iguais — um atribuído a cada bateria. Coloca-se os rojões aproximadamente a 1.000 jardas do centro da área do biva-

que, haverá um intervalo entre cada par de rojões, de cerca de 400 jardas, o que lhes permitirá apoiarem-se mutuamente, ficando escalonados em profundidade aproximadamente de 100 a 150 jardas. Em cada par de rojões, ter-se-á um dêles colocado à retaguarda entre 30 ou 50 jardas sobre o flanco do rojão testa. A distância de 1.000 jardas pois, é possível organizar um bom perímetro de defesa com $4/5$ dos "bazookas" distribuídos à Artilharia. Os 8 restantes da Bateria do Q. G. serão reservados à defesa interna, 3 dos quais (com o trem de munições) não devem ser empregados nas áreas de reunião ou de bivaque.

Os diagramas esquemáticos, do genero do que apresentamos, talvez não permitam responder todas as questões de emprego dos "bazookas" de uma dada situação particular. Em vista de que cada situação e terreno variam profundamente, torna-se impossível indicar por êsse modo algumas de suas possíveis variações. Sem embargo, daremos na fig. 2 um exemplo particular da área de um bivaque em que os "bazookas" são empregados em face de determinada situação.

Esta área foi dividida em 4 setores desiguais em tamanho. A Bateria do Q. G. coube o setor mais estreito da íngreme colina, terreno quasi montanhoso. Julgando somente como terreno de proteção contra tanques, parece que isto está errado porque o extenso setor de colina coberta seria atribuído a uma bateria ao passo que o estreito setor de terreno livre ficaria com a outra bateria. Com relação a posição de alerta dos tanques, considerada isoladamente, isto estaria certo. Mas se considerarmos os outros fatores da segurança local, particularmente contra as guerrilhas e as tropas de infiltração, torna-se claro que apenas um setor estreito e íngreme, de tipo movimentado de terreno, foi atribuído a uma bateria ativa.

Não nos esqueçamos, porem de que o *tanque* constitui apenas uma das ameaças à posição de Artilharia e que o "bazooka" corresponde a apenas uma das armas da bateria. Assim pois, todas as armas devem ser empregadas afim de que nos possamos guardar contra todas as ameaças possíveis.

O tanque que mais provavelmente se aproximará dos pares de lançadores não estará a mais do que 400 jardas deles e, nas melhores condições, os encontrará escalonados em profundidade. Com relação às montanhas, do setor atribuído a bateria do Q.G., somente 2 lançadores estão revelados. Esta área é tão coberta que é extremamente duvidoso que qualquer tanque possa explorar este terreno. Seria extremamente insensato, entretanto, não colocar os lançadores nesta área (*).

O "bazooka", pois, é uma arma de defesa estática. Entretanto, isto não significa que o atirador tome seu lançador, saia e cave uma seteira na trincheira ou abrigo individual, faça uma confortável cama, e permaneça nela. O termo defesa estática deve significar que eles não devem afastar-se de 5 — 10 — 15 milhas para observar os tanques. Os atiradores abrirão uma seteira na trincheira mas não devem sempre fixar-se nela. Em uma dada área, eles podem ficar frequentemente longe, dotados de meio tão móvel como um tanque de forma que, na ocasião propícia, utilizariam esta mobilidade. Se um ataque de tanques consegue penetrar suas defesas, eles estarão aptos a acompanhar os tanques e atacá-los pela retaguarda, onde são muito vulneráveis. Devem ser *agressivos, habituados pelo instinto a caçar* e devem, ainda, estar *"compenetrados" de que os tanques são vulneráveis e podem ser postos fora de ação*.

Estes princípios são absolutamente essenciais se seu batalhão está eficientemente preparado para um ataque de tanques. Lembrem-se constantemente de que seus planos não podem ser feitos no momento em que os tanques atacam: seus fundamentos devem ser estabelecidos antecipadamente, por ocasião do treinamento de seus homens e os planos e o SOP (?), antes da partida. Uma posição, organizada como indica a fig. 2, não é justo que surja repentinamente sobre o terreno. Não se deve aguardar que o batalhão se desloque para a área de bivaque,

(*) — Recordemos que alguns imprevistos têm ocorrido nesta guerra, em que terrenos impraticáveis foram rapidamente atravessados. A propósito, evoquemos a sortida dos tanques germânicos nas Ardenes e o desdobramento por Montgomery da Linha Mareth (Editor).

para que a defesa dos bivaques contra ataque de tanques seja perfeitamente coordenada. Seja como fôr, seus homens devem ser exercitados — intervindo o comandante do Batalhão (BC), o RO (?), o Executivo e o assistente Executivo — de tal forma que, no momento em que chegam a área do bivaque, o atirador já se tenha instalado para atingir o provável tanque que se aproximar. A situação ideal consiste em fazer os estacionadores precederem o batalhão no bivaque. Nêsse caso, terão com êles uma parte dos atiradores e o pessoal necessário de cada bateria. O oficial chefe dos estacionadores faria um reconhecimento do terreno e colocaria estes homens, onde puderem produzir o máximo rendimento na portecção contra os tanques, das unidades que se deslocam para a área do bivaque. Êles estariam então, aptos a sugerir ao Executivo um plano de defesa coordenada para o batalhão e facilitaria o complemento desta defesa.

Um SOP é essencial para o plano de trabalho da defesa. E' compreensível que o SOP não corresponderá a todas as situações e terrenos mas, si o SOP for estabelecido e pratica, no minimo alguma defesa será iniciada; êle pode então ser mudado para se adaptar ao terreno e a situação existente. Deve ser reconhecido que este esboço feito, não basta para exhibir a completa organização do batalhão para a defesa.

Patrulhas e destacamentos de segurança locais não têm sido indicadas nem tem sido consideradas as metralhadoras.

As únicas instalações reveladas são as dos "bazookas", as sentinelas de alarme e a posição das armas orgânicas.

QUANDO EM MARCHA

A vigilância e a rapidez devem constituir a chave da proteção da artilharia em movimento. Estas qualidades só podem ser conseguidas, graças a um prévio planejamento e treinamento. Ambas aquelas condições são essenciais e devem ser procuradas constantemente e de modo integral pelo exercício.

O "bazooka" pode atirar de cima de um veículo, embora não seja aconselhavel. A 1.^a objeção é quanto ao perigo para

bem em relação aos demais homens, entretanto, o SOP deve dar, no mínimo, o perímetro parcial da defesa. Aos homens em treinamento não deve ser permitido sentar-se nos caminhões quando chega o alerta do tanque: si êles se habituem a fazê-lo no exercício, certamente o farão na batalha e seu armamento acaba por tornar-se inutil. Devem ser treinados com espírito agressivo, para seguirem os tanques. Devem tomar a ofensiva quando os tanques atacarem e, então, estarão aptos a por fora de ação um número suficiente de tanques de modo que o ataque possa virtualmente ser limitado.

QUANDO EM POSIÇÃO — (grande finalidade)

Quando uma bateria chega a uma posição, torna-se particularmente vulneravel ao ataque de tanques, de forma que todas as precauções devem ser tomadas para protegê-la, nessa emergência.

Numerosos processos podem ser adotados nesse sentido. Tomaremos um deles para representa-lo na Fig. 4.

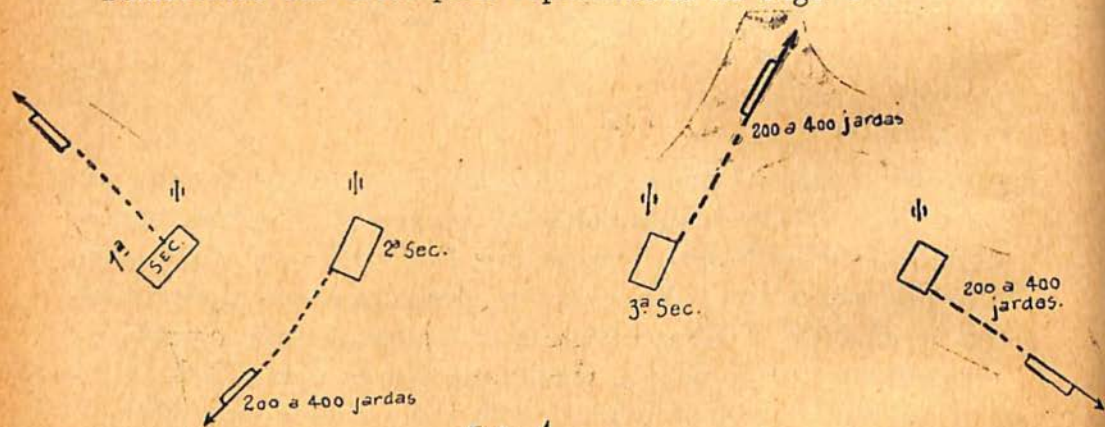


FIG. 4

Tão logo os veículos diminuem a marcha, cada lançador (mas sómente os homens designados para lançar o rojão) corre nas direções indicadas. Não importa em que direção um dado homem corra, para guia-los ha um SOP que indicará a cada homem a direção definitiva a seguir.

São conduzidos 4 foguetes M-1, sendo 3 na sacóla e um com o rcjão. Ha 2 missões neste instante: primeiramente no lance a fazer procura fornecer a melhor proteção possível à bateria que entra na posição e, em segundo lugar, realiza um reconhecimento. Reconheceria uma área de 200 a 400 jardas da bateria e cerca de 100 a 200 jardas para ambos os lados da direção em que ela se movimenta. Este reconhecimento do terreno é vital.

Conquanto o quadro de organização (T.O.) não preveja na bateria homens incluídos como lançadores, deve-se encarar que os meios homens, utilizáveis como serventes no bazooka, serão os artilheiros da seção de obuzes. Nessas condições, eles terão essa dupla tarefa, mas devem retornar às suas primitivas funções tão logo a bateria entre em posição.

Depois de reconhecer sua área, cada lançador fica melhor preparado para inutilizar os tanques, quando o alarme de ataque soar.

Quando o ataque se manifestar, eles tomarão seus rojões carregados e mais três foguetes e com seus auxiliares (conduzindo 8 foguetes na sacola M-2) correrão para as posições previamente escolhidas, as quais constituirão o perímetro de defesa da posição da bateria. As razões que limitam o reconhecimento a 200 — 400 jardas são ditadas pelo curto tempo que normalmente, os lançadores terão útil para atingir a posição de lançamento, antes da chegada dos tanques. Durante os períodos de calma e quando possam estar disponíveis, deslocar-se-ão para a área que lhes foi designada, afim de a reconhecerem mais para frente e construir abrigos individuais ou seteiras nas trincheiras. Este reconhecimento poder-se-ia estender aproximadamente a 800 e 1000 jardas da bateria. Sempre que praticável, devem transportar seus lançadores para as respectivas áreas, antes mesmo que a posição da bateria seja ocupada — mas nunca permitir que eles se aferrem a seus abrigos (covas de raposa). Eles devem tirar grande partido do terreno e deslocarem-se logo que possam atacar o tanque. Si esses homens não estiverem treinados para se tornarem agres-

sivos e compreenderem que sua principal tarefa é destruir tanques, será melhor ocultá-los nos fundos das trincheiras ou nos abrigos das posições de bateria. O Tanque pode e deve ser destruído. Seus homens também conduzem consigo (ou têm guardados) alguns lança-granadas, "cock-tails" de Molotov e granadas de mão.

Nunca se servem de uma só arma para destruir o inimigo. Esquadras de caçadores também são formadas para aniquilar as guarnições dos tanques imobilizados. Embora as operações de salvamento possam intervir rapidamente, o tanque deve ser destruído antes que o inimigo possa recolhê-lo.

Somente pela completa e integral destruição do pessoal e material inimigos é que a vitória pode ser conseguida.

Alertae-os nos seus exercícios e exercitae-os nos campos de batalha.

A Fig. 4 mostra apenas 4 lançadores de rojões empregados pela bateria.

Os que se encontram distribuídos ao caminhão de cozinha e ao caminhão motor seriam, nas melhores condições, mandados para o parque de caminhões (coluna de caminhões) para sua proteção contra ataques.

O 1.º Sgt. utiliza-los-á para proporcionar a melhor proteção possível. Si o parque de caminhões do grupo é constituído, os lançadores de todas as baterias que se acharem nos caminhões-parque serão utilizados para obter uma defesa coordenada, tal como a prescrita para as reuniões ou bivaques.

O lançador a disposição da 5.ª seção, estacionará normalmente com esta seção para fornecer-lhe proteção, durante o transporte de munição. Quando a 5.ª Seção está no parque de automoveis, seus lançadores serão empregados para fornecer uma proteção adicional ao seu parque de caminhões ou as posições dos obuzes. Normalmente, o lançador não será retirado da 5.ª Seção e conserva-se na posição de bateria — será sempre útil a esta seção para sua proteção sobre rodas.

Os lançadores da seção telefônica (fios) estariam com ela. Tão logo as transmissões estejam concluídas o Executivo

da Bateria poderá utilizar êsses lançadores para prolongar as defesas da posição de bateria.

O setor atribuído a êsses rojões depende da situação e do terreno. O SOP mostrado na fig. 4 poderia ser utilizado em todas as situações e todos os terrenos (salvo um obstáculo natural na retaguarda da bateria em que preventivamente se dispõe rojões naquela direção). Isto redundará em uma proteção imediata e agressiva contra tanques. Si o tempo permitir e o Executivo puder organizar melhor a posição, ele reajustará os setores para melhorar sua proteção. Sugere-se que os seguintes homens sejam designados na bateria de obuzes como lançadores: os artilheiros 5 e 7 na seção; o operador do caminhão telefônico (Wire Truck Operator) 5 e 7; na 5.^a Seção o chefe (basic) e o servente das munições; no caminhão de cozinha o chefe (basic) e o auxiliar do cozinheiro; e no auto-caminhão, o chefe (basic) e o mecânico de automovel. Deve ser lembrado, contudo, que todo pessoal de bateria deve ser treinado no emprego dessa arma.

Os homens da bateria do comando, sugeridos por escala para atuar no rojão são os seguintes :

Caminhão de direção de tiro — Sgt. calculador e Sgt. de operações;

Caminhão do Posto de Comando — Operador 2 do caminhão de fios e amanuense;

Caminhão telefônico 1 — Operadores de fio 11 e 13;

Caminhão telefônico 2 — Operadores de fio 12 e 14;

Caminhão rádio 1 — Chefe (basic) e operador rádio 4;

Caminhão rádio 2 — Chefes (basics) 2;

Caminhão das guarnições terrestres — Mecânico de avião e auxiliares das guarnições de terra;

Caminhão de Observação (survey) — 2 — Chefes (basic) 2;

Caminhão de Suprimentos do Btl. — Chefes (basics) 2;

Caminhão da Bateria de suprimentos — Chefes (basics) 2;

Caminhão de cozinha de bateria — 2 auxiliares de cozinheiro;

Caminhão de Suprimentos de autos do Btl. — Mecânicos de automovel e soldados;

Trem de munições — Serventes das munições e chefe (basico) de cada seção.

Sugere-se uma distribuição na Bateria do Comando de 8 lançadores no escalão avançado, 5 no escalão recuado e 3 no trem de munições. Ha tão diferentes situações para a localização dos PC que é difícil sugerir um SOP para sua proteção inicial. O assistente do S-3 parece ser logicamente o oficial do Estado Maior indicado para coordenar a proteção contra tanque e cabe-lhe designar, tão logo quanto possível, os setores para os rojões. O Sgt. (sgt. maior) ajudante fará o reconhecimento preliminar, determina as estradas mais prováveis a aproximação dos tanques e informa o assistente do S-3 de suas investigações tão logo chegue na área do PC.

O ajudante do Pessoal do Batalhão é logicamente o homem indicado para se incumbir da coordenação da defesa contra tanque no escalão retaguarda; seu plano obedeceria o processo indicado para a proteção da zona de reunião ou de bivaque.

Seja como fôr, empregamos o bazooka para obter o máximo de eficiência do armamento, mas ela depende inteiramente da agressividade dos oficiais e soldados da artilharia. Está comprovado que o bazooka constitue uma arma eficiente contra tanques. Os russos o têm empregado, mas até agora nenhum relatório foi recebido quanto seus resultados; eles desejam maior quantidade dessas armas, todavia, condição que provavelmente corresponde a sua plena satisfação.

Seja qual fôr a arena, seu uso e emprêgo deve ser planejado com muita antecedência, antes do aparecimento dos tanques. A presteza e rapidez são os requisitos necessários ao combate de tanques, mas eles só podem ser conseguidos mediante um prévio planejamento e apurado exercício.

ESTABILIZAÇÃO DOS SOLOS EM CAMPANHA

Por WALTER C. CAREY, Tenente-Coronel do Corpo de Engenheiros do Exército Norte-Americano.
Adaptação da revista "The Military Engineer" pelo Tenente-Coronel PAULO MAC CORD.

A técnica do tratamento dos solos em campanha, a cargo da Engenharia Militar, abrange um conjunto de regras práticas destinadas a permitir, de maneira rápida e eficiente, o estabelecimento de estradas, pistas, barragens, fortificações e outros trabalhos que impliquem maior ou menor movimento de terras. Estudo bem orientado do assunto tornará possível atingir facilmente êsse objetivo, mediante o aproveitamento, no próprio local, dos materiais existentes, daí resultando grande economia nos transportes, na maquinária e na mão de obra.

O tratamento do solo começa no momento da excavação e estende-se até ser conseguida a compactação final dos materiais empregados na estrutura a ser utilizada. Subentende uma diretriz que assegure, em todas as fases da construção, a existência de conveniente grau de umidade, dentro de limites prefixados, afim de evitar o retardamento na conclusão dos trabalhos. Conseguir-se-á, assim, o contrôlo final dos estados extremos a que chegam os materiais dos solos sob a influência da água: poeira e lama. E bem sabemos que a lama muito tem concorrido para a decisão das batalhas...

Não é demasiado salientar que a técnica do tratamento dos solos, tal como aqui a explanamos, é erigida em moldes inteiramente práticos e não demanda interferência direta da mecânica dos solos, que tanto assusta aos que com ela nunca privaram. Sendo relativamente simples e fáceis os estudos e exames que presentemente os solos exigem, sob o ponto de vista

das obras militares, torna-se compreensível que possam ser conduzidos sem maior precisão científica além da mera aplicação dos conhecimentos empíricos adquiridos e do emprêgo racional dos equipamentos de excavação, transporte, nivelamento e compressão.

Ao invés de se aprofundar na leitura das obras de Terzaghi, um dos pioneiros do estudo da mecânica dos solos, é mais proveitoso para o engenheiro militar encarregado de assegurar o tráfego por uma estrada de chapa de terra compenetrar-se de que cumprirá muito mais rapidamente a sua missão se dispuser de operários experimentados no serviço e de uma niveladora auto patrol com os tanques cheios de gasolina.

De não menor relevância é o engenheiro militar pôr-se a par dos aperfeiçoamentos verdadeiramente revolucionários introduzidos no equipamento de terraplenagem e nos métodos de trabalho durante os últimos dez anos. As modernas máquinas de excavação e elevação, evoluindo paralelamente com as de compressão (*rolo pé de carneiro* e compressor de rodas com pneumáticos), ao mesmo tempo em que novos métodos de controle e verificação estão sendo postos em prática por Proctor e outros, proporcionam, em conjunto, ao engenheiro cousa que êle nunca possuiu: o meio de construir obras de terra tão compactas e firmes logo após a execução quanto só o seriam, anteriormente, após anos de utilização e consolidação. Quando empregados segura e resolutamente, tais aperfeiçoamentos dão ao engenheiro militar a faculdade de influir decisivamente no curso de uma batalha ou mesmo de uma campanha. A grande dificuldade, para os próprios oficiais de engenharia, é perceberem a importância que alguns rôlos pés de carneiro possam ter na preparação das áreas avançadas para o movimento de veículos motorizados e aviões de combate, e, em seguida, convencerem o alto comando a deixar à retaguarda alguns tanques ou outras viaturas, em troca da possibilidade de fazer avançar aqueles engenhos compressores, para imediata entrada em ação, em lugar das anacrônicas tropas de Engenharia dotadas de pás e picaretas.

MODOS DE UTILIZAR O SOLO

Depois da exposição acima feita, a respeito da maneira de interpretar a engenharia dos solos em campanha, é oportuno examinar os diversos modos de utilizar o terreno de acordo com as necessidades militares. Em duas grandes chaves podem ser enquadrados tais trabalhos: primeiramente, a movimentação de massas razoáveis de terra para a construção de aeródromos, rodovias pesadas, ferrovias, fortificações, etc.; em segundo lugar, a simples preparação superficial de áreas relativamente extensas e mais ou menos planas, destinadas a campos de pouso e estradas diversas, para utilização imediata. No segundo caso, pode haver a previsão de um aperfeiçoamento progressivo, mediante a constituição de uma base ou plataforma em condições de receber posteriormente um revestimento impermeável e resistente.

Nos primeiros trabalhos, o engenheiro militar tem necessidade de abrir cortes, lançar aterros de certa envergadura, conduzindo as operações de molde a atingir os resultados que deseja em condições satisfatórias de rapidez, segurança e economia. Materiais de boa qualidade, como rochas escaváveis, cascalhos arenosos especiais, etc., dispensam qualquer consideração, visto ser difícil malbaratar a sua manipulação a ponto de se chegar precariamente ao objetivo colimado. Os demais terrenos, não somente as argilas arenosas convenientemente dosadas, os cascalhos argilo-arenosos, etc., como também os solos fortemente argilosos, condenados em absoluto por sua imprestabilidade, produzirão os melhores resultados se alguns pontos fundamentais forem observados.

O maior impecilho está na umidade, em intensidade variável. O bom tempo deve ser ininterruptamente aproveitado para o empreendimento das operações de excavação, transporte, compressão e revestimento, afim de evitar os inconvenientes causados pelo encharcamento do terreno. O estado de umidade do solo firme no seu fácies natural geralmente favorece a execução dos trabalhos. Ao ser procedida a excavação, as caixas

de empréstimo devem ser drenadas por gravidade, sempre que possível, ou por meio de bombas, quando necessário. O material escavado deve, em estado sêco, ser imediatamente transportado para o local do atêrro, que será realizado em camadas sucessivas fortemente comprimidas. Estabelecer-se-á como regra não deixar materiais desagregados em abandono sobre o leito da rodovia ou pista, nem trechos desnivelados, sulcos quaisquer ou profundas camadas de atêrro sem compressão. Assegure-se em todas as fases máxima precaução relativamente ao escoamento rápido das águas, impedindo-as de se estagnarem nas depressões e embeberem o solo. Tudo deve ficar subordinado a êsses princípios elementares. Cada homem precisa ser doutrinado no sentido de assimilar a filosofia básica dêste conceito de trabalhos de terraplenagem, que é simples ao extremo e dispensa o auxílio do laboratório. Sua prática persistente ajudará a ganhar batalhas. Nenhum conhecimento especial exige, apenas execução manual ou mecânica. Cumpre que seja como a própria religião: sempre presente ao espírito, sempre praticada com fervor.

Nos trabalhos de raspagem do solo, para preparação, de plataformas trafegáveis para utilização imediata, a camada do terreno deve apresentar certa dose de uma propriedade muito bem definida pela palavra "estabilidade" e que é função primordial do grau de umidade a que está submetido o solo.

Dentro de certos limites de variação dessa umidade, qualquer solo possui estabilidade capaz de permitir-lhe suportar regime mais ou menos intenso de tráfego direto. Também a compactação influe na estabilidade, devendo por isso ser levada ao máximo, e como depende, por sua vez, da umidade, é axiomático reafirmar que a estabilidade igualmente seja função desta. Em conclusão, o contrôle da umidade constitue a chave da estabilidade do solo.

No caso das estradas de chapa de terra, não revestidas, há uma ação de secagem superficial continuamente processada, a qual, além de atuar sôbre a água absorvida, tende também a atrair a umidade capilar do subsolo e a fazê-la evaporar-se.

Se leitos do mesmo material forem recobertos com pavimentação impermeável, o solo comportará o máximo de umidade compatível com o seu grau de compressão e outros fatores intervenientes e encontrar-se-á na iminência de rutura do seu estado de equilíbrio, por influência de acréscimo de umidade que consiga penetrar por alguma fenda existente na pavimentação.

Releva observar que a construção de uma estrada de terra natural para tráfego imediato deve ser considerada como uma fase de trabalho progressivo a ser realizado e que abrangerá, no seu final, o revestimento ou a pavimentação, logo que assim o permitam os recursos em material e mão de obra ou quando o aumento do tráfego o exigir.

Assim, muito trabalho executado pelo engenheiro militar na zona de frente será melhorado quando as áreas interessadas ficarem à retaguarda, após os deslocamentos dos exércitos.

Feitas essas considerações, abordemos, a seguir, o tema principal do presente artigo.

PROCESSOS FUNDAMENTAIS DE ESTABILIZAÇÃO DO SOLO

Quatro são os processos fundamentais de obter estradas ou pistas cujo leito apresentam certo grau de estabilização. Muitas vezes, mais de um de tais processos conduzem, de maneira idêntica, ao objetivo desejado.

1) *Estabilização natural*. É produzida por causas naturais, imanescentes ao leito a utilizar, dentro de certos limites de tempo, impostos pelas condições de umidade, e que variam de alguns dias a um ano inteiro, na gama qualitativa dos solos e das condições ambientes.

2) *Estabilização mecânica*. É a produzida pelo emprêgo de maquinária especial, como a niveladora auto patrol, destinada a manter o solo em tais condições de coesão, alisamento e abaulamento que as águas da chuva se escoem para fora do leito, evitando infiltrar-se.

3) *Estabilização pela seleção do material.* É a que se obtém constituindo o leito da estrada com materiais dotados de estabilidade própria. Os elementos necessários podem ser encontrados no local, ou transportados de outro ponto, total ou parcialmente.

4) *Estabilização por adicionamento de agente especial.* Decorre da incorporação ao material do leito da estrada ou pista de certa porção de um agente estabilizante artificial capaz de fixar a umidade ou de mantê-la entre certos valores limites, independentemente das condições do estado da atmosfera.

Estudemos agora mais minuciosamente os quatro processos fundamentais de estabilização ligeiramente descritos.

ESTABILIZAÇÃO NATURAL

O engenheiro precisa estar alerta para reconhecer as possibilidades nesse sentido. Mesmo quando sua duração seja curta, os benéficos resultados podem ser decisivos. Stalin, por exemplo, soube aproveitar-se do congelamento dos rios para empreender a sua ofensiva de inverno contra a Alemanha. Certas praias prestam-se perfeitamente à circulação de veículos motorizados em alta velocidade. Solos argilosos, em pântanos marginais a rios de aluvião, secam e ficam estáveis durante o verão e começo do outono, tornando-se capazes de suportar tráfego intenso de cargas pesadas. Argilas arenosas convenientemente dosadas e cascalhos argilo-arenosos proporcionam tráfego satisfatório durante quase todo o ano, salvo em seguida a períodos muito prolongados de seca ou chuva, em consequência da poeira ou da lama que então surge.

ESTABILIZAÇÃO MECÂNICA

O emprêgo de equipamento apropriado, como a niveladora auto patrol, é um dos principais meios de que dispõe o engenheiro militar para empreender a estabilização dos leitos

de estradas de terra, pistas de campos de pouso, etc., na zona de frente, enquanto aguarda outros recursos superiores em quantidade e qualidade referentes a mão de obra, maquinária e materiais diversos, para realizar o aperfeiçoamento progressivo dos trabalhos. E' admitido, de modo geral, que a estabilização, em todos os seus aspectos, não passa de um contrôlo permanente da umidade, visto que a maioria dos solos, dentro de certos limites de variação do seu teor de umidade, assumem a possibilidade de suportar cargas razoáveis sob tráfego direto. Contudo, tais solos tendem a perder umidade em tempo sêco e degenerar-se em poeira, ou a ganhar umidade em tempo chuvoso, transformando-se em lama. Ambas as tendências podem ser sensivelmente reduzidas e o período de eficiência das estradas consideravelmente ampliado, mediante o emprego continuado do equipamento destinado a manter o leito das mesmas em condições satisfatórias de nivelamento, compactação e drenagem, livre de depressões coletoras d'água e suficientemente abaulado, de modo a permitir o rápido escoamento das águas. O tráfego moderado de veículos com rodas, dotadas de pneumáticos facilita grandemente a conservação.

Com êsse regime, grande movimento de veículos pode ser realizado pelas estradas de terra natural, através dos períodos de chuvas abundantes. Assim também o será, com mais forte razão, se as chuvas tiverem pequena duração, mesmo que se apresentem com relativa violência. As chuvas violentas exigem cuidados especiais no que diz respeito à erosão dos solos que, quando comprimidos à máxima densidade, apresentam notável resistência à mesma.

No caso de chuvas leves durante períodos longos, deve ser removida a terra saturada temporariamente, deixando a descoberto o material firme, em estado sêco. A terra molhada será novamente lançada sobre o leito logo após cessar a chuva e comprimida pelo próprio tráfego ou outro meio.

A principal máquina para a conservação das estradas é a niveladora auto-patrol, que executa sua missão com uma velocidade de 25 quilômetros por hora, o que torna possível a uma

só máquina atender facilmente a grande extensão de estradas e caminhos. E' de fácil e variado manejo, podendo desempenhar todas as tarefas relacionadas com o deslocamento de pequenas quantidades de terra a pequenas distâncias com o objetivo de bem preparar o leito das estradas: limpeza de valetas, regularização da beira dos atêrros, acêrto do abaulamento, etc. Além de tais funções, peculiares à conservação, essa máquina ocupa lugar importante em todas as operações de terraplenagem realizadas durante a construção.

Tal método de conservação, por processo mecânico, de estradas sem revestimento é também igualmente aplicável a estradas em construção, pois não sómente auxiliará o andamento da própria construção como eliminará defeitos que poderiam conduzir a posterior insucesso. Não há razão de ser para o princípio adotado por certos empreiteiros de que os trabalhos de construção de uma estrada possam ser empreendidos sem a preocupação simultânea do dessecamento do leito, que ficará encharcado em consequência da protelação dessa medida para os últimos instantes. Pelo contrário, há evidência bastante de que tal descuido na construção dá lugar a faltas incipientes que evoluem para fracasso completo durante a utilização. Mais ainda, há outra razão forte a favor da adequada conservação dos trechos construídos: é que, em regra, são tais trechos aproveitados pelo próprio serviço da construção e os veículos no mesmo empregados só poderão viajar devidamente carregados e nas velocidades próprias se o leito da estrada estiver firme e regularizado. Do contrário, cairemos no quadro desolador que apresenta um lamaçal aparentemente sem fundo, os caminhões com metade da carga e engrenados em baixas velocidades, consumindo combustível desmedidamente e elevando ao máximo o desgaste próprio. Tudo isto é, naturalmente de grande interêsse para o engenheiro militar, que precisa fazer grandes cousas com poucos elementos.

Parece, à primeira vista, não apresentar grande importância a conservação das estradas de terra natural, mas deve-se ter em mente que, em comparação com as que não forem objeto de tais cuidados, apresentarão possibilidades muito maiores, tanto

no tempo de duração como na capacidade do tráfego. Mesmo no caso de se degradarem, poderão ser reconstituídas em muito menor tempo, com influência decisiva, talvez, no desfêcho de uma operação particular ou mesmo de uma campanha.

ESTABILIZAÇÃO PELA SELEÇÃO DO MATERIAL

A utilização de materiais escolhidos ou a associação de materiais diversos, com o propósito de obter plataformas de alta estabilidade mecânica, capaz de enfrentar grandes variações climáticas e intenso tráfego de veículos, é um dos meios de estabilização de que pode frequentemente lançar mão o engenheiro militar para construir estradas e campos de pouso em condições satisfatórias, até que novas exigências apareçam ou possam ser objeto de consideração. O essencial nesse trabalho é o reconhecimento hábil e inteligente do terreno, sem desprezar (como sucede às vezes) as camadas profundas do mesmo, de melhor qualidade do que as superficiais. Inevitavelmente, êsse processo constituirá, na maioria dos casos, um passo apenas na construção "progressiva", que levantará mais tarde o nível de capacidade do tráfego, com o recurso da estabilização artificial, da pavimentação ou do emprêgo de redes e trilhas metálicas. A estabilização pela seleção do material requer conservação continuada por niveladora auto patrol, para atingir seu mais alto grau de perfeição.

ESTABILIZAÇÃO POR ADICIONAMENTO DE AGENTE ESPECIAL

A estabilização produzida pela incorporação ao solo, ou à mescla de materiais do solo, de um agente estabilizante artificial, proporciona ao engenheiro militar campo para grandes realizações.

Entretanto, cumpre, por economia e rapidez, fugir à errônea tendência de se supor que um terreno qualquer deva ser estabilizado por êsse processo. Na maioria dos casos, é possível

a estabilização pela seleção do material, quando o solo já não é naturalmente estável. Muito frequentemente, a questão se resume em transportar materiais escolhidos a alguns metros de distância e a misturá-los com o do leito da estrada em construção. O reconhecimento consciente e adequado, executado por quem possua discernimento e experiência de terrenos, é condição inicial, a ser cuidadosamente considerada. Ao invés de se delegar a subordinados essa função, que é a pedra de toque da engenharia dos solos, os melhores homens devem ser incumbidos do seu desempenho. Os seguintes exemplos servem para abonar esta afirmação:

1) Certo aeródromo da RAF em terreno de macega necessitava ser estabilizado com petróleo. Depois de iniciado o trabalho, terreno muito melhor foi encontrado, a um metro de profundidade. O emprêgo desse segundo material de superior qualidade facilitou grandemente a realização de um excelente serviço.

2) Um aeródromo americano em terreno semelhante ao anterior foi objeto de exame para fins de estabilização. As provas realizadas não se mostraram satisfatórias, quer com cimento Portland, quer com petróleo. Aqui, ainda, uma associação de materiais praticamente perfeita foi encontrada no subsolo e finalmente empregada com extraordinário êxito.

3) Um aeródromo americano deveria ter suas pistas estabilizadas por meio de cimento Portland, de acôrdo com estudos realizados, aliás incompletamente. O trabalho foi iniciado, apesar dos resultados pouco promissores de novos estudos, mas o solo portou-se tão mal que foi necessário empregar 14 % de cimento. Mesmo assim, nada se obteve de satisfatório, não obstante a precaução de aumentar a espessura da camada estabilizada para 15 centímetros. Entretanto, havia a cêrca de 3 quilômetros boa mina de saibro, cujo aproveitamento teria praticamente poupado o revolvimento do leito das pistas e reduzido de 50 % o consumo de cimento, com resultado final perfeitamente aceitável.

E' evidente, dêste modo, que a estabilização do solo, na maioria dos casos, implica na seleção cuidadosa e contrôle rigoroso dos materiais que o constituem.

No processo ora estudado, fator importante que tem escapado à percepção geral é a necessidade de distribuir uniformemente todo o agente estabilizante, não sòmente pela perfeita realização da mistura (inteiramente controlada no local), como pela finura da granulação do agente. Os conhecimentos práticos e certos estudos referentes ao emprêgo do asfalto, alcatrões e resinas indicam que sua distribuição uniforme e completa podem reduzir de mais de 50 % a quantidade necessária do estabilizante.

Quando há tempo suficiente para os estudos adequados e para decidir qual o agente estabilizante que melhor diz com as condições climatéricas dominantes e com as limitações de manufatura e transporte, as propriedades dos diversos agentes abaixo examinados poderão servir para determinar, então, qual o estabilizante conveniente.

Cloreto de cálcio. Largamente empregado para estabilizar misturas cascalhíferas, nas quais, além de assegurar a existência de baixo teor de umidade, por sua ação higroscópica, facilita, também, a compactação inicial em densidades muito maiores que as usuais, aumentando, assim, a estabilidade e reduzindo ao mínimo a absorção de umidade. A quantidade exigida é pequena, em comparação com muitos outros estabilizantes, e de simples manejo, não exigindo rigorosa sincronização das diferentes fases do seu emprêgo, como sucede, em geral, aos demais. Com ótimos resultados é espargido sob forma de solução sôbre as chapas de rodagem, auxiliando o assentamento da poeira e impedindo a saturação do solo, principalmente quando há conserva bem realizada por auto patrol.

Asfalto refinado. Agente estabilizante de grande poder, particularmente empregado com areias mais ou menos puras, cascalhos arenosos, etc. E' de emprêgo difícil em presença de umidade e frio, necessitando longa aeração para eliminar a umidade absorvida. Novos métodos, muito desenvolvidos nos

Estados Unidos e na Inglaterra, tendem a diminuir algumas das dificuldades encontradas nas tentativas de utilizar areias molhadas. Todavia, mesmo êsses métodos não parecem muito aconselháveis nas rotineiras condições de emergência das zonas da frente.

Asfalto emulsionado. — Muito eficiente, apropriado aos mesmos materiais tratados pelo asfalto refinado, até certo ponto, mas de preferência destinado aos casos em que proporções razoáveis de material de fina granulacão (transvasado na peneira n. 200) encontram-se perfeitamente misturadas com o cascalho. A exigência de ser dosado com água constitue uma desvantagem em relação à possibilidade de emprêgo em campanha, onde a água é o elemento mais temido pelo engenheiro. Além disso, devendo ser submetido a dessecação por operações tediosas e demoradas de aeração, torna-se difícil admitir a sua aceitação sob o ponto de vista militar, onde o tempo é fator essencial. Entretanto a possibilidade do seu preparo e armazenamento em determinados locais escolhidos previamente reduzem de muito tais objeções.

O cimento Portland é outro importante agente estabilizante. Contudo, militam as seguintes restrições contra o seu emprêgo em campanha: 1) Necessidade de contrôlê exato da umidade na ocasião da mistura; 2) Exigência de serem todas as fases da operação completadas dentro de três a quatro horas após a colocação do cimento; 3) Presença de quantidades relativamente grandes de material suscetível de ser facilmente estragado; 4) Complexidade e demora das operações de cura. A despeito de tudo isto, o cimento, pela facilidade de ser encontrado, terá ampla utilização.

Quando incorporado ao cascalho argilo-arenoso, a quantidade de cimento necessária cái rapidamente (como sucede com outros estabilizantes) e o produto resultante apresenta possibilidades de suportar tráfego direto de considerável intensidade. Algumas associações dêses cascalhos podem ser estabilizados apenas com 6 por cento de cimento.

Resinas pulverizadas. O produto Vinsol e (mais recentemente) o Pextite são derivados da destilação de pinheiros no sul dos Estados Unidos. O aspecto simpático desses estabilizantes é demandarem pequenas quantidades para ser utilizadas. A resina Vinsol tem sido muito empregada nos Estados Unidos, mas foi sobrepujada ultimamente pela "321" (Pextite), que possui características mais favoráveis. A "321" pode ser aplicada ao solo sob forma pulverizada, de maneira semelhante ao cimento na construção do *solo-cimento*. Cerca de 0.25 % do peso é a proporção com que figura no traço para as aplicações normais. A resina pulverizada, em estado seco, é misturada com o solo depois de se ter adicionado a este água bastante para trazê-lo ao teor de umidade suficiente, procedendo-se em seguida à compressão da mescla com um rôlo pé de carneiro.

E' conveniente que o solo comprimido possa secar um pouco antes de ser molhado novamente pelas chuvas, exigência que se torna menos rigorosa com o emprego da "321". Um trecho construído por experiência com este estabilizante em uma base aérea dos Estados Unidos foi mantido com a superfície continuamente molhada durante dez semanas, findas as quais o atrito da circulação deixava a descoberto superfícies secas. Ficou também verificado que o solo se tinha tornado tão refratário à água que o material raspado da chapa de rodagem não mais tinha possibilidade de se deixar embeber por aquele elemento e receber nova compactação. A principal restrição feita a este estabilizante presentemente é de que ele apenas reage com êxito sobre solos ácidos. Os solos alcalinos não são suscetíveis de tratamento, mesmo com elevadas porcentagens de "321". Em regiões onde existem solos ácidos e as condições climáticas permitem deixá-los secar a um teor de umidade suficiente, a resina "321" pode produzir boa camada impermeável com a incorporação apenas de cerca de 15 a 75 toneladas do produto por quilômetro.

A ESTABILIZAÇÃO COMO PROCESSO DE PROLONGAR A SERVIBILIDADE DOS REVESTIMENTOS DE EMERGÊNCIA, METÁLICOS OU IMPERMEÁVEIS, PREVIAMENTE FABRICADOS

Os vários métodos Propostos ou atualmente em uso em campanha para estradas e pistas longe estão de resolver o problema da estabilização das mesmas durante todas as estações do ano, devido à impossibilidade de realizar perfeito controle da umidade. No caso do emprêgo das telas de arame, grades de aço ou chapas metálicas para improvisação de pistas ou leitos, a ação contundente do movimento dos veículos e aviões tende a produzir falhas que evoluirão com o tempo. As telas de arame parecem ter valor limitado, exceto em terra dura ou areias movediças (como Allenby as empregou na Palestina em 1917), ao passo que as chapas de aço, devido à sua grande superfície de contato e resistência, duram mais tempo, e sob piores condições, do que a tela de arame ou a grade de aço. No caso das telas de algodão previamente tratadas com asfalto, o ponto fraco está no fato de que o revestimento contínuo impermeável, conquanto impeça com muita propriedade a saturação do solo pela água da superfície, anula, por outro lado, qualquer evaporação, fazendo o solo absorver por ação capilar a umidade máxima admitida pelo grau de compressão. Há assim motivo para recear que esse valioso processo de construção de estradas e pistas, possuidor de vantagens indiscutíveis para o trabalho rápido na zona de frente, venha a fracassar, finalmente, pela infiltração de umidade capilar.

Parece haver, assim, conveniência de que os tipos de revestimento de emergência citados sejam assentes sobre base estabilizada, para evitar a saturação do solo, desde que o estabilizante se enquadre nas condições impostas pelo campo de batalha, isto é, ser empregado em pequenas quantidades, não depender do grau de umidade, não exigir sincronização com outras fases da operação. Como os estabilizantes do tipo resina pulverizada obdecem a essas limitações, parece existir nos

mesmos um campo excepcionalmente favorável a um emprêgo intensivo, numa base de espessura provável de oito centímetros, afim de proporcionar aos tipos de revestimento em aprêgo um funcionamento eficiente durante o mau tempo.

EQUIPAMENTO MECÂNICO PARA CONSTRUÇÃO E CONSERVAÇÃO DOS LEITOS ESTABILIZADOS

Todo equipamento mecânico destinado à construção e conservação de leitos estabilizados é simples e rústico. O material necessário para trabalhos extensos é pequeno e o espaço que toma a bordo não é exagerado, em comparação com a importância do serviço que presta ao movimento de veículos e aviões, facilitando deste modo o transporte terrestre e aéreo. Em geral, a maior parte do equipamento destinado aos leitos estabilizados é o mesmo dos trabalhos de construção de estradas e pistas. As necessidades totais para um Batalhão de Engenharia são insignificantes quando comparadas com as hordas de veículos motorizados ou flotilhas de aviões cujo emprêgo eficiente depende do trabalho desempenhado por êsse equipamento.

As variadas máquinas que constituem tal equipamento têm sido aperfeiçoadas na América durante anos de constante aplicação. A seguinte análise dos principais elementos põe em destaque os mais importantes aspectos.

Niveladora auto patrol. Máquina capaz de aplicações diversas, foi estudada anteriormente por ocasião da referência feita ao processo de estabilização por processo mecânico. Como foi então dito, é também uma ferramenta de construção e dotada de um escarificador, assim como de lâmina niveladora. Pode desempenhar o papel de regularizar as chapas de rodagem. Devido à grande distância entre os seus eixos, a auto patrol é particularmente apropriada para os trabalhos de acabamento da plataforma. É comum a prática do êrro de empregar uma "bulldozer" (empurrador de terra) em trabalhos que

deveriam ser executados pela auto patrol, em cuja honra os engenheiros deveriam erigir monumentos.

Escarificador com dentes em cinzel. E' uma ferramenta reforçada, empregada para desagregar o solo e nas operações de mistura e estabilização, com profundidade de corte suscetível de gradação. Pequeno trator de esteiras ou de rodas com pneumáticos conduzi-la-á, conforme as circunstâncias.

Grade triangular de discos graduáveis. E' a ferramenta mais importante dos trabalhos de desagregação e mistura dos solos para fins de estabilização. O dispositivo de gradação, que a torna diferente dos outros tipos de grades triangulares de discos, assegura a simples realização do destorroamento e da mistura sem ondular o terreno com altos e baixos. Pequeno trator, de esteiras ou de rodas munidas de pneumáticos, aciona-a.

Grande com dentes ponteagudos. Auxilia a desagregação final, sendo mais particularmente empregada para eliminar planos de compactação produzidos pelo rôlo pé de carneiro. Apesar da importância que tem, sua utilização nem sempre é realizada com acêrto. E' tirada geralmente por um trator de rodas pneumáticas.

Destorroador-misturador rotativo. Conjunto mecanizado para desempenhar todas as operações de desagregação e mistura durante os trabalhos de estabilização dos solos, em substituição a quase todas as ferramentas pertencentes ao chamado equipamento de agricultor. E' ferramenta de grande valor nos solos que não contenham grandes pedras, etc. Será usada em grande escala, mas não parece impedir a necessidade das charruas ou arados. E' acionada automaticamente, quanto à mistura, mas rebocada por trator de pneumáticos.

Charrua de discos. Destinada geralmente a revolver a terra e a impedir o crescimento de raízes. E' utilizada erroneamente na estabilização dos leitos das estradas, visto falhar no desempenho da mais importante função necessária a êsse trabalho: o revolvimento completo da mistura, de maneira a trazer para a parte superior os materiais parcialmente mistu-

rados e o agente estabilizante, não misturado, os quais tendem inevitavelmente a permanecer no fundo durante as operações de mistura. Ao invés da charrua de discos, o emprêgo da charrua de conchas parece preferível, porque realiza o revolvimento completo dos materiais.

Compressor de rôlos metálicos lisos, de 5 a 8 t. Utilizado com proveito até certo limite nas últimas fases da compactação do solo estabilizado. Pode ser dispensado, entretanto, em troca do compressor de rodas com pneumáticos, possuidor de maior eficiência. Frequentemente causa danos aos trabalhos de compressão e estabilização dos solos, pouco rendimento aí apresentando na realidade, sendo mais apropriado aos trabalhos com pedra britada, como no macadame, ou à compressão das mesclas de asfalto e peixe.

Compressor de rodas munidas de pneumáticos. Engenho de compactação recentemente aperfeiçoado, essencial aos estágios finais de todas as operações de compressão do solo ou das misturas estabilizantes. Suas rodas de pneumáticos múltiplos adaptam-se melhor ao terreno, produzindo trabalho mais seletivo, bem como um amassamento, que o compressor de rodas de aço lisas não podem dar.

Rôlo pé de carneiro. — É a ferramenta básica nos trabalhos modernos de terraplenagem e nos de preparação de solos estabilizados, capaz de exercer pressão variável de 150 a 325 libras por polegada quadrada de superfície nas extremidades dos pés (10 a 20 kg/cm²), pelo enchimento dos tambores com água molhada. O pé com a forma de uma pirâmide truncada de base quadrada, é superior ao antigo modelo de pé, que efetivamente parecia o de um carneiro, e pode ser retirado do solo sem o efeito de cisalhamento que aquele produzia. Levando a compactação às camadas inferiores, tem desempenhado papel saliente nos recentes progressos introduzidos na prática dos trabalhos de construção de estradas e pistas.

Trator de rodas com pneumáticos Valioso elemento do conjunto de construção, pode se encarregar de muitas partes atribuídas ao conjunto destinado aos trabalhos de estabilização.

Os tipos mais leves podem, na sua maioria, ser manejados durante toda a operação, em quaisquer condições, ao passo que, nos estágios finais, é altamente importante que substitua o trator de esteiras que, sem as "chapas lisas" (que parecem nunca ser encontradas) causa sério estrago ao material já estabilizado.

CONCLUSÕES

Que ensinamentos nos dá esta guerra com respeito à engenharia dos solos em campanha? A literatura veiculada pela imprensa nos permite afirmar:

2) No Egito, em novembro de 1941, o General *Lama* aderiu aos aliados. Os aeródromos do Eixo próximos da costa, em altitude muito baixa, tornaram-se tão lamacentos, em consequência do intenso movimento de aparelhos e da chuva, que os aviões britânicos, voando de campos relativamente secos, situados na elevação, puderam manifestar sua superioridade, destruindo o inimigo no terreno encharcado. O General *Lama* teve, assim, sua participação na vitória do Egito.

3) Ainda no Egito, em outubro de 1942, na mesma zona do ano anterior, as mesmas condições foram reproduzidas com intensidade duplicada. Desta vez, porém, o General *Lama* esmerou-se na sua influência, transformando a superioridade aérea britânica em aterradora devastação do inimigo. De novo, o General *Lama* é digno de louvor pela colaboração prestada no êxito de El Alamein.

4) A partir de então, a dedicação do General *Lama* tornou-se um pouco turva, sob a forma de neutralidade temporária. Em seguida, inclinou-se ligeiramente a favor do Eixo, permitindo que um comboio motorizado britânico caísse em atoleiro, nas proximidades de Benghazi. Prosseguindo, empenhou definitivamente sua aliança ao adversário, durante o resto da campanha, até a Tunisia. Finalmente, sobreveiu o verão, que secou as estradas e permitiu aos aliados utilizarem livremente o transporte motorizado e, o que é mais importante, empregar sua superioridade aérea com eficiência, pelo apro-

veitamento das pistas de terra dos campos de pouso das zonas de frente.

E' fora de dúvida que a lama, por certo evitável em parte, tem exercido profunda influência nesta guerra, não somente em batalhas isoladas, senão em campanhas inteiras — mesmo no Norte da Africa, considerado "sêco". Impossível, entretanto, ainda é avaliar com exatidão o papel da engenharia dos solos no desenrolar dos presentes acontecimentos e dos vin-douros, mas não se pode deixar de concluir que tem inegável importância vital e acentuado valor tático e estratégico.

Em resumo, a engenharia dos solos em campanha tem a preocupação precípua do contrôlê da umidade do terreno, com o objetivo final de preservar, a despeito das variações extremas das condições atmosféricas, as propriedades físicas do material constitutivos dos leitos das estradas e pistas. Cumpre fugir aos dois estados limites da degradação das chapas de rodagem: poeira e lama. O importante postulado que reconhece no engenheiro a possibilidade de controlar a umidade dos solos, mediante emprêgo inteligente de meios recentemente aperfeiçoados, é o tema principal do presente artigo.

Na estabilização das plataformas de terra das estradas encontra a engenharia militar vasto campo para as suas criações, tão espetaculares e impressionantes quanto as demais realizações da arte da guerra na evolução do armamento e dos meios de destruição.

E essas realizações terão aproveitamento limitado, se o engenheiro militar for mal sucedido na sua simples mas difícil missão: contrôlê da umidade do solo.

A INSTALLADORA

ELETRICIDADE E HIDRAULICA

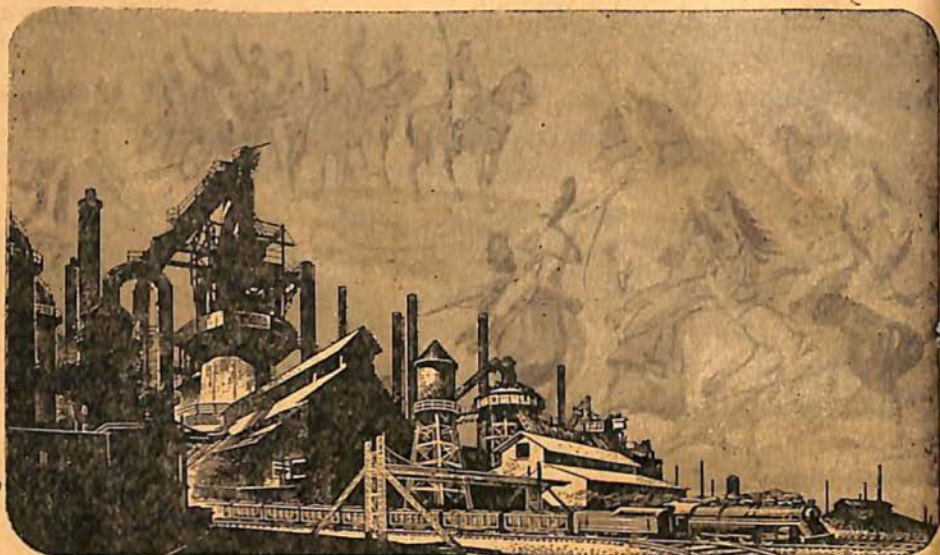
APARELHOS DE ILUMINAÇÃO

Fones: — 23.4438, Loja e Instalações. 43.6366, Escritório.

A. L. MORAES & CIA. LTDA.

148 — RUA URUGAIANA — 150 — RIO DE JANEIRO

SIDERURGIA!



Um novo "7 de Setembro" na história do Brasil

O Brasil desperta para o ciclo do ferro! Inicia uma etapa decisiva em sua economia, nivelando-se às potências que influem na civilização e no destino dos povos. Siderurgia! Ontem, um simples sonho, a miragem empolgante de visionários estáticos; agora, a realidade pujante que se agiganta em Volta Redonda, para que lá se forje uma nação industrialmente emancipada, operosa e florescente na expressão de riquezas naturais que o passado inaproveitava. Siderurgia! Mais pulmões para o Brasil, novo alento em avanço para o futuro! Chaminés erguidas para o céu, altos fornos que não tardarão a fundir os minérios das jazidas que eram uma força inerte no seio da terra! Óxidos, carbonatos, sulfuretos, dados em bruto pelos tesouros do sub-solo, fornecerão o ferro dútil e maleável, o aço rígido de boa temperatura, que se transformarão em elementos de vida, de energia, de

fôrça e fortuna no Brasil em marcha. Siderurgia! Berço de um Brasil maior, mais rico, mais forte, na terra, no céu, no mar! O país inteiro a festeja como um novo "7 de Setembro" em sua história, e os serviços Hollerith, sentindo os entusiasmos que a ciclópica realização do Estado Nacional estimula, sentem-se orgulhosos em poderem coadjuvar, com o seu sistema de cálculos mecanizados, para a solução dos problemas de administração, controle e rendimento do trabalho, quando Volta Redonda atingir a plenitude. Nos arsenais e nos estaleiros, nas locomotivas e nos trilhos, nos motores e nas ferramentas, nos arados, nos caminhões, nos aeroplanos, os Serviços Hollerith, com seu sistema de contabilidade mecanizada, sempre poderão trilhar em números exatos a grandiosidade da obra que o Governo realizou, audaciosamente, para integrar o Brasil na posse de si mesmo.

SERVIÇOS HOLLERITH S. A.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MECANIZAÇÃO

Av. Graça Aranha, 182



Rio de Janeiro

«O EXÉRCITO VERMELHO EMPREGA SUA CAVALARIA»

Tradução de dois artigos do "The Cavalry Journal" pelo Major Paulo Eneas F. da Silva, de Cav..

Nosso objetivo, traduzindo estes artigos, é tão somente evidenciar que os principios de emprêgo da Cavalaria não mudaram. Quaisquer que sejam os teatros de operação, as condições da luta, as situações, a nossa Arma, chamada a intervir, continúa agindo da mesma fórma, cooperando de modo idêntico com as demais. Prossegue vitoriosa, cobrindo-as, colaborando na batalha, explorando magnificamente os êxitos obtidos e, principalmente, desmoralizando o inimigo, quando batido.

As passagens citadas nesses artigos, reais, ocorridas num teatro de operações, embora longínquo, mas bem presente em nossa imaginação, constituem, fóra de dúvida, a melhor documentação para aquelas afirmações. O seu exame atento e cuidadoso, o seu estudo, nos proporcionarão a convicção de que a Cavalaria, mau grado as opiniões dos que desejam vê-la no esquecimento, continúa sendo uma arma de valor inestimável e indiscutível nas mãos do alto comando.

Dentre as citações, cumpre-nos destacar uma que, por ser muito objetiva, e de dura realidade, nos impressionou. Referímo-nos á necessidade de se cuidar com carinho, e o devido apreço, da nossa Arma, em tempo de paz. Se sua recuperação é difficil, particularmente num país em que o rebanho cavalár é deficiente, mais ainda, senão impossível, improvisá-la. E os Alemães sentiram bem essa verdade, pois deante dos sucessos da Cavalaria Vermelha, em várias frentes, amarga-

ram profundamente o descaso em que haviam lançado a sua. Pagaram bom preço por essa incúria.

No decurso desta tradução faremos apreciações relativas aos fatos e procuraremos colher os ensinamentos resultantes.

O TEXTO TRADUZIDO

I — A CAVALARIA COMO ARMA OFENSIVA

(Artigo do Cel. P. Kolomeitsev)

Frequentemente chegam, da frente de batalha, informações sobre o emprêgo de grandes massas de cavalaria nas operações ofensivas do Exército Vermelho, ora perseguindo o inimigo em retirada, ora atacando-o com auxilio de tanks, ajudando a abertura de brechas nos dispositivos defensivos, ou, finalmente, conquistando cabeças de ponte através rios fortemente defendidos. E' uma fórmula ousada de combate que a cavalaria russa tem constantemente empregado. Seu equipamento bélico atingiu tal vulto que, apesar das ações maciças de aviação e tanks, é impossivel impedi-la de cumprir suas missões (1).

CAVALARIA E TANKS

A experiência demonstrou a eficiência da ação coordenada entre cavaleiros e tanks. No ano passado, atuando na direção do ocidente, em busca do grosso do 6.^o Exército Alemão, a Cavalaria Soviética obrigou-o a apelar para suas reservas, em operações de verdadeiro desgaste. Particularmente no sul, outras provas dessa eficiência foram obtidas. Basta citar, para isso, o profundo movimento de flanco executado por um grupo de cavalaria-tanks, cuja ação decisiva quebrou as defesas alemães ao longo da margem oeste do rio Mius, provocando a destruição das forças inimigas em Tangarog.

(1) — *Nota do tradutor*: nada de nevo. Como arma de guerra, a cavalaria também evoluiu em seus processos de combate. A vulnerabilidade resultante desse pesado equipamento foi compensada pela maior mobilidade e potencia de fogo. Assistiam-lhe, pois, maiores recursos para defender-se.

CAVALARIA ATACADA POR AVIÕES

Quando os alemães perceberam que os cavaleiros russos operavam na sua retaguarda (2), lançaram grandes formações aéreas para abatê-los. Em um só dia, perto de 1.500 saídas foram feitas pela Luftwaffe. Apesar de algumas perdas, a Cavalaria Vermelha provou (3) não era mais vulnerável que a Infantaria, ou outra arma terrestre, quando sob os ataques da aviação. Na verdade, é muito mais fácil, e mais rápido, aos infantéis adaptarem-se às dobras do terreno e procurar abrigo contra os estilhaços das granadas. A cavalaria, entretanto, é suficiente móvel para manobrar e fugir aos ataques aéreos, mudando rapidamente as formações e jogando-se através protetoras localidades. Além disso, as unidades da cavalaria soviética estão ultimamente dotadas de potentes armas anti-aéreas, que obrigam os aviões alemães a subir muito alto e lançar suas bombas sem objetivo preciso.

As massas de cavalaria vermelha, agindo a oeste de Tanagerog, foram também apoiadas por aviões de bombardeiros russos que abriam caminho aos cavaleiros, em seus objetivos. Esta perfeita coordenação foi mantida durante toda a incursão.

CAVALARIA ATACADA POR TANKS

Os alemães empregaram também grandes efetivos de tanks contra a Cavalaria Soviética. Mais de uma vez, porém, esta provou não era o simples cordeiro face ao lobo. As "panzers" enfrentavam cerrado e potente fogo de artilharia (orgânica das unidades de cavalaria) assim como das armas anti-tanks, com projetéis de todos os calibres (4).

(2) — As conhecidas incursões de nossa Arma, velhas como o tempo, mas sempre oportunas.

(3) — Flexibilidade de suas formações e potencia de fogo anti-aéreo.

(4) — Onde se conclui que a Cavalaria deve ser equipada, e cada vez mais, com esse armamento tão eficiente na guerra moderna. E sua instrução, no que diz respeito, particularmente ao moral do combatente, levada ao mais alto grau.

Os encontros havidos foram ferozes. Todavia, o inimigo foi incapaz de deter a cavalaria vermelha, com uma D. C.B. desenvolvida poderosamente desde o início da guerra.

De passagem posso dizer, que cometi grave erro subestimando o perigo de um inimigo couraçado, mas, afirmo, de modo algum ele é mais sério para uma cavalaria que para as demais armas (5).

CAVALO E MOTOR

Apezar de sua característica essencial, a mobilidade, a cavalaria cede lugar, neste particular, às unidades motorizadas. Como então o Exército Vermelho resolveu o problema? Como conciliou essas duas forças-cavalo e motor? o princípio tático por eles explorado foi o baseado no emprêgo da cavalaria não somente pelo valor de seu cavalo, ou de seu motor, mas sim pelo aproveitamento justo de suas ações conjugadas. Não é difícil imaginar-se que força representa um grupamento de cavalaria-tanks, penetrando profundamente nas retaguardas alemãs! Os tanks, precedendo e cobrindo os flancos das vanguardas de cavalaria, quebrando as defesas do inimigo. Quando estas eram muito fortes, os cavaleiros apeavam e, apoiados por sua artilharia, agiam como infantes, secundados pelos tanks. Em seguida, retomando os cavalos, exploravam rapidamente a mobilidade e acompanhavam os tanks na perseguição do adversário em retirada. (6).

TRAVESSIA DE RIOS À VIVA FORÇA

Durante a atual ofensiva do Exército Soviético, a característica da cavalaria — possibilidade de executar rápidas manobras em qualquer terreno e direção (flexibilidade), foi larga-

(5) — Afirmamos, de nossa vez, será realmente maior para uma cavalaria sem flexibilidade e impetuosidade desejadas.

(6) — Haverá alguma novidade no emprego da cavalaria desta forma? nosso regulamento a todo passo chama atenção para o combate a pé da arma e insiste sempre numa retomada rápida do movimento a cavalo, condição indispensável para definir a mobilidade, como característica essencial.

mente empregada, particularmente na travessia de rios. Basta recordar os sucessos do Corpo de Cavalaria comandado pelo Major General Kryukov que, irrompendo através as linhas do inimigo, conseguiu estabelecer uma cabeça de ponte na margem ocidental do rio Desna e garante-la até a chegada da Infantaria, apesar de quatro dias de poderosos contra ataques alemães, apoiados por forte aviação (7). Outros exemplos poderiam ser trazidos para demonstrar o poder da cavalaria na presente guerra. Esta velha e experimentada arma provou seu valor mesmo na era do motor...

II — A TÁTICA DOS GRUPAMENTOS CAVALARIA-TANKS

(Artigo do Cel. V. Iereshenko)

Com seus tanks, a cavalaria soviética possui hoje uma coragem que pode cobri-la durante a batalha e transformá-la num poderoso ariete, capaz de destruir as formações de combate do inimigo.

Para o emprego desses grupamentos, os russos adotaram certas regras, das quais as mais importantes transcrevemos:

- emprego em massa dos tanks,
- perfeito e estreito entendimento entre as duas armas e apoio (8) recíproco,
- apoio ao grupamento de ataque com toda a artilharia disponível.

Um exemplo nítido dessa solidariedade ocorreu no setor sul, em 1943. A cavalaria havia sido dada a missão de, agin-

(7) — O articulista nada diz. Entretanto, é de se prever que a surpresa, outra maneira de agir da cavalaria, tenha sido um dos fatores de êxito na obtenção dos resultados iniciais e que, convenientemente explorados, tenham permitido o sucesso final. E, quem sabe, se a perfeita coordenação das armas anti-tanks e da própria artilharia dessa cavalaria?

(8) — Nos nossos clássicos estudos de emprego da cavalaria também preconizamos essa forma de agir, em massa, da artilharia. O acréscimo dos tanks somente veio aumentar a potência do ataque.

dô em íntima ligação com as unidades blindadas, lançar-se sobre as retaguardas inimigas e cortar-lhes as linhas de comunicação para oeste. Os preparativos da operação desenvolveram-se através ordens claras e precisas dadas aos cavaleiros e tanks. A situação exigia que a cavalaria tivesse seu flanco direito e retaguarda apoiados pelos tanks, por isso que, quando penetrasse na brecha, devia irromper para o sul e infletir depois para sudeste.

Os comandantes das duas armas, encontraram uma boa solução para o problema. Quando a brecha foi aberta pelos tanks, estes executaram uma conversão para noroeste e assim alargaram-na para a cavalaria passar e atrair sobre si as reservas do adversário. Durante a ação, a cavalaria, por sua ousada ofensiva, atirou-se para frente e, após quebrar as resistências encontradas, intrometeu-se nas retaguardas dos alemães, cortou-lhes as linhas de retirada. O inimigo tentou ainda deter a cavalaria levando sobre as regiões, onde ela havia irrompido, suas reservas, mas esse intento foi frustrado. As unidades de tanks, após terem desfechado o golpe na direção indicada, e terem preparada a passagem á cavalaria, deixaram á margem o inimigo, passando então a cobrir o flanco da sua companheira no ataque.

Este movimento dos tanks protegeu a cavalaria contra os possíveis golpes do adversário, com suas reservas mais afastadas. Quando estas caíram sobre o flanco direito da cavalaria, os tanks, subitamente, e juntamente com ela, voltaram-se contra essas reservas, inflingindo-lhes pesadas perdas. Depois disso, os alemães foram envolvidos e esmagados. Tudo foi obra da perfeita coordenação entre as duas armas.

Outro exemplo evidente da aplicação desses principios está no seguinte episódio: o inimigo já em retirada, agarrou-se á uma posição vantajosa, preparada é verdade ás pressas, para defender-se de um fracasso contra a cavalaria e os tanks soviéticos. O ponto chave dessa posição era uma localidade, em que haviam os alemães concentrado numerosas forças.

Um ataque frontal seria inutil, importaria em pesadas perdas e muito tempo. Decidiram então, aferrar o inimigo de frente, mediante ações executadas por alguns esquadrões a pé enquanto o restante, também a pé, seria lançado sobre o flanco externo da posição, na cidade (9).

O movimento das tropas que iam operar no flanco, esbarrou numa região pantanosa, que os alemães haviam transformado em verdadeiro obstáculo. As reservas, prontas para cooperar com a cavalaria, haviam sido disfarçadas em um bosque próximo. Elas seriam lançadas á luta desde que a cavalaria tivesse transposto a tal região difícil. Ai, os tanks, ultrapassando-a, desbordariam a localidade.

Quando a zona alagadiça foi transposta, e a cavalaria surgiu além, o combate desenvolvia-se como previsto fora. Deu-se um imprevisto: reservas alemãs, que surgiram detrás de uma elevação (um grupo de tanks, alguns canhões auto propulsados e duas companhias de infantaria), a oeste do pantano, atiraram-se contra o escalão de ataque. O Cmt. da Cavalaria soviética decidiu então: primeiro, desbaratar as reservas inimigas postas em ação; em seguida, atacar a localidade. Para isso, todas as armas anti-tanks disponíveis, e artilharia, concentraram seu fogo sobre os engenhos blindados do adversário. Foram postas logo fora de ação várias dessas máquinas de guerra. Contra a infantaria alemã, concentrou-se o fogo das metralhadoras e morteiros existentes. (10). As reservas russas que estavam ocultas no bosque haviam recebido ordens para não desmascarar suas posições e somente abrir fogo quando o inimigo chegasse á distancia de uns 300 ou 400 metros. O choque não se fez esperar. Os tanks alemães, caindo sob o fogo concentrado de artilharia e das armas anti-tanks, o mesmo acontecendo com vários canhões auto propulsados,

(9) — O regulamento da arma, quando estuda o combate, fala nessa manobra combinando os ataques frontais com as manobras de flanco, mais favoráveis á queda da resistência inimiga.

(10) — Convem apreciar aqui a decisão justa e oportuna. Cada armamento dirigido e segundo suas características e o objetivo que lhe tocava. Mais uma vez a potencia de fogo da cavalaria (agora mais dotada de armas de fogo) evidenciou-se nos princípios de emprego.

foram, obrigados a retroceder. A' infantaria aconteceu o mesmo. E as forças da localidade também quizeram tomar o mesmo destino. A ocasião do chéque mate havia chegado. Urgia uma decisão energica e rápida. O comandante da cavalaria (11) reuniu sua gente e deu-lhes ordens para uma carga, no que seriam acompanhados pelos tanks. Estes, precedendo aqueles de cerca duns 400 metros, destroçaram as defesas inimigas nos limites da cidade, e mesmo dentro dela. Após ligeiras escaramuças, os alemães renderam-se. As perdas da cavalaria soviética foram relativamente leves. A empresa mais pareceu-lhe uma passeiata, completamente imprevista dos alemães.

III — CONCLUSÃO

O objetivo desta tradução, supomos, foi atingido. Os fatos narrados, e que demonstraram claramente quanto ainda é oportuno o emprego de nossa Arma, não deixaram a menor duvida sobre a necessidade de ampliarmos, em nosso meio, sua organização, instrução e, sobretudo, su equipamento bélico.

Suas carateristicas essenciais — *mobilidade e potencia de fogo*, com o acréscimo e o volume dos novos engenhos de guerra (tanks, armas anti-tanks, etc.) em nada diminuiram. Pelo contrário, seu poder ofensivo, sua rapidez de intervenção, desenvolveram-se cento por cento. Daí os sucessos obtidos, principalmente nessa fase de operações, de verdadeiro aproveitamento de êxito, no território russo, e quando o inimigo, obrigado a se retirar, acossado de perto pelas unidades soviéticas, o fáz desastradamente, sem tempo sequer para reagrupar seus elementos. A cavalaria russa, em todas essas oportunidades, frisamos bem, agiu de acordo com os principios basicos e imutaveis. Aproveitou sempre, e muito bem, o terreno e as situações de crise nas linhas adversarias. Jámais o combate a pé

(11) — Sempre os Chefes de Cavalaria, com seu espirito galopando á frente de seus cavalos, ou motores...

foi despresado, embora às vezes passageiro, precedendo uma retomada de movimento rápido e ousado.

Pudéssemos nós reproduzir aqui as excelentes fotografias que a revista americana nos proporcionou, e teriam todas ocasião de ver, ainda hoje, na época do motor e dos blindados, os longos sabres dos cossacos, levantados bem alto, por mãos fortes e destros, reluzindo ameaçadoramente e lembrando ao mesmo tempo, os hussards franceses e, porque não dizermos, os nossos valorosos e heroicos cavaleiros de Osório e Andrade Neves.

Terminemos pois, levantando mais um avez a nossa voz para afirmar: a cavalaria é, foi e sempre será a arma das decisões rápidas. Não podem negar aqueles que a desmerecem...

APARECEU:

HOMERO DE CASTRO JOBIM
DICIONÁRIO
INGLÊS-PORTUGUÊS
DE
TÊRMS MILITARES

Cr\$ 24,00

EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO
Porto Alegre

DICIONÁRIO *Inglês-Português* **DE TÊRMS MILITARES**

Uma obra planejada de forma a habilitar o militar brasileiro que possua conhecimentos básicos de inglês a tirar o máximo proveito da literatura militar em língua inglesa. Registra perto de 7.000 termos, vocábulos e locuções de estratégia, tática, armamento, ciências aplicadas, emprego do material, serviço em campanha e vida de caserna. Possui, em apêndice, um útil código de abreviaturas.

Pedidos às Livrarias ou pelo Reembolso Postal

LIVRARIA DO GLOBO—Rua dos Andradas, 1416—Porto Alegre—R. G. do Sul

EMPRESTIMOS

Para liberação de hipotecas onerosas ou aquisição da casa própria
Pagamentos a longo prazo, pela Tabela Price, com juros modicos,
sem comissões de qualquer natureza.

APARTAMENTOS A VENDA

Otimos apartamentos e prédios residenciais vendidos mediante reduzida entrada em dinheiro e o restante em módicas prestações mensais a longo prazo.

Informações sem compromisso Banco Hipotecario Lar Brasileiro S. A.
Rua do Ouvidor, 90 — Sucursais: São Paulo — Santos — Bahia

Indústrias "CAMA PATENTE L. LISCIO" S./A.

A maior fábrica de camas da América do Sul

Legítima só com a faixa azul!

Grande
fornecedora
dos Exércitos
Nacional
e Americano



Matriz: Rua Rodolfo Miranda, 97 - S. Paulo

Filiais: RIO DE JANEIRO - Rua Figueira de Melo, 307 — Loja:

— Rua 7 de Setembro, 177.

— BELO HORIZONTE, RECIFE, BAHIA, PORTO ALEGRE e

— PELOTAS.

Agências: MANÁUS, BELÉM DO PARÁ, FORTALEZA, NATAL e

— MACEIÓ.

Escritorio Geral: Rua General Canabarro, 91 — Tel.: 28-9003

RIO DE JANEIRO

Distribuidora de Charutos Suerdieck Ltda.

Comercio de charutos fumos e artigos para fumantes

Seção de varejo:

RUA BUENOS AIRES, 177

Tel. 43-6802

Rio de Janeiro

O fogão de campanha do Exército M-1937

Pelo 1.º Ten. *JULES EBINS, Q.M.C.*

Tradução da "Quartermaster Review" pelo Cap.
I. E. José Salles.

A cozinha movel do Exército, o fogão de campanha M-1937, é o menor mecanismo de sua espécie, do mundo. Nossos aliados têm demonstrado uma notável preferência por êle, que é a inveja dos nossos inimigos. Onde quer que tenha sido usado de acôrdo com as instruções, suas vantagens têm sido incontestáveis, e seu funcionamento tem estado acima das críticas. Onde não tem funcionado perfeitamente, isto tem sido por motivos de sua manutenção descuidada, e, em certos casos, devido à inexperiência do pessoal que com ele trabalha.

Anos de cuidadosos exames, experiências e melhoramentos, no Depósito de Intendência de Jeffersonville, procederam a adoção pelo Exército do M-1937 como "cozinha rodante" a ser utilizada por nossas forças. Ele tem acompanhado nossas tropas aos diferentes teatros de operações. Na Tunísia, em várias zonas de combates, M-1937 ligado aos caminhões preparou refeições para nossas forças combatentes a cerca de 300 jardas (274,30 metros), atrás das linhas de frente. Camufladas contra as vistas inimigas, essas cozinhas contribuíram grandemente para a eficiência combatente dos homens que elas serviam. Quando se efetuaram os desembarques em Amchitka, os M-1937 foram desembarcados quasi simultaneamente e prepararam logo refeições quentes para as tropas.

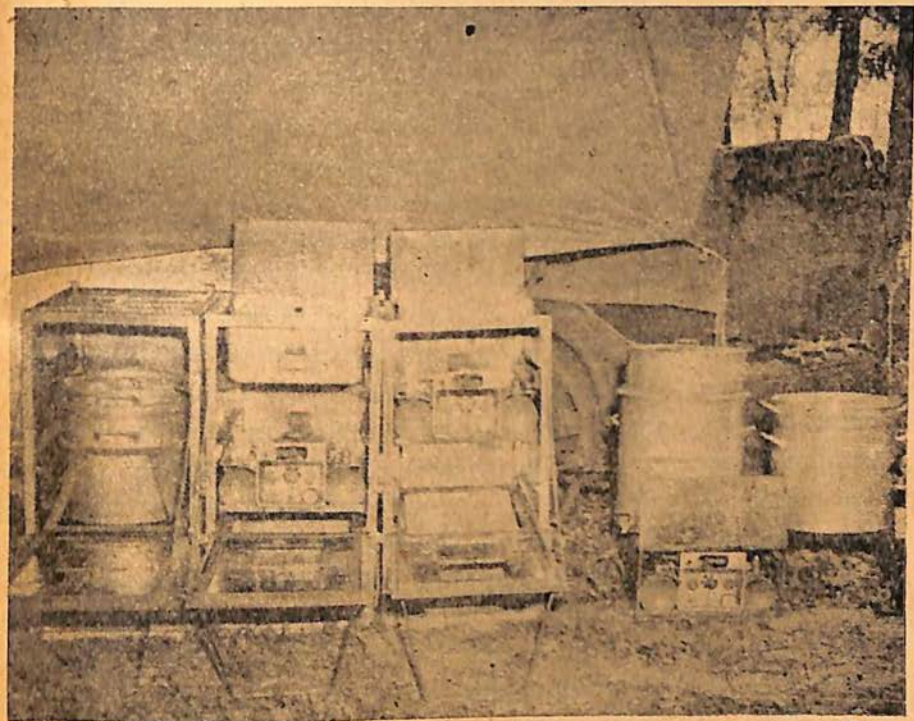
Experiências no além mar mostraram as vantagens e a eficiência do fogão; como acontece algumas vezes, quando se

trata de novos equipamentos em uso, surgiram algumas dificuldades em sua utilização. Observações cuidadosas, porém, indicaram que, se um conjunto de instruções mais perfeitas para o uso e manutenção do M-1937 for seguido, esses defeitos podem ser eliminados. As necessidades quanto ao suprimento adicional de peças sobressalentes foram também previstas, assim como as instruções completas para sua perfeita utilização, regulação e limpeza. Várias dificuldades foram removidas pelo provimento, para cada fogão, de muitas peças suplementares e preparo dessas novas instruções, escritas em linguagem muito simples e clara. Em complemento, novos trabalhos de inspeção e recomendações têm sido feitos, reiterando os processos corretos a serem observados no uso e na limpeza do M-1937.

As últimas informações têm confirmado a excelência desse fogão e as notícias recebidas dos teatros de operações indicam conclusivamente que, onde os cozinheiros e seus ajudantes são bem treinados, as unidades de cozinha funcionam perfeitamente.

O problema do saboroso, bem aceito e bem dosado preparo dos cardápios quando uma tropa se movimenta distante de sua sede foi, no passado, o mais difícil do Serviço de Intendência. Pode ser, comparativamente, simples assar, fritar o cozer alimentos ou criar saborosos manjares nos quarteis permanentes de uma unidade, em sua guarnição, porém sérias dificuldades se apresentam quando uma força está sendo transportada e quando ela se acha no terreno das operações. A solução foi dada pelo Depósito de Jeffersonville (abreviadamente "Jeff", na gíria de caserna dos soldados americanos). *Jeff* tem removido muitas dificuldades e resolvido importantes problemas relativos aos provimentos desde os dias da Guerra Civil (Guerra da Secessão). *Jeff* tem se interessado desde há muito tempo pela questão do preparo das refeições em marcha. O caso foi de grande interesse durante a última guerra e, depois de terminada esta, a criação de uma eficiente "cozinha rodante, foi uma das preocupações dos planos do Exército. Havia dois defeitos manifestos nas cozinhas moveis usadas

na Grande Guerra n.º 1: O primeiro era a questão da mobilidade; nesse período elas eram aquecidas a lenha, pesadas, rústicas e montadas sobre rodas próprias. Funcionavam com relativo grau de eficiência nas marchas a curtas distâncias, mas, quando distâncias consideráveis tinham de ser vencidas, havia



Vista do M-1937 em funcionamento, mostrando à direita a peça extra para aquecimento da água

sempre a possibilidade das rodas se soltarem além de outros sérios incidentes.

De grande importância, também, era a questão do aquecimento; um melhoramento absolutamente essencial era a criação de um sistema que não queimasse lenha. Fogões a lenha denunciavam sua presença aos grupos de observação inimigos; a aviação destes pode facilmente localizar uma organização, no campo, de uma grande altura pela fumaça produzida pelos mesmos. A crescente mecanização dos serviços militares e a

utilização em grande escala de veículos a gasolina — em terra e no ar — deu a solução ao problema do aquecimento. Onde quer que as tropas possam estar, parece que elas podem ter seu suprimento de gasolina assegurado; além disso, esta não produz fumaça. Experiências posteriores no campo com a queima de gasolina foi o caminho natural.

Sob a supervisão de Mr. Styles T. Howard, engenheiro mecânico-chefe do Depósito de Intendência de Jeffersonville, portador de um passado de trinta e um anos de experiência, um modelo de fogão de campanha a gasolina foi construído em 1935. A autorização para ser adotado o equipamento proposto foi originalmente concedida em 1932, tendo sido construídos vários exemplares. Apesar de terem sido essas cozinhas as melhores criadas até então, elas ainda exigiam muitas modificações e aperfeiçoamentos, que posteriormente foram realizados. O fogão de 1935, fabricado na “Jeffersonville Experimental Shop”, se bem que muito pesado e incômodo, foi um grande melhoramento e provou ser o predecessor do atual. Continuadas as experiências, surgiu o modelo presente nos últimos dias de 1936, o qual foi aperfeiçoado em 1937” (fogão de campanha a gasolina, modelo 1937).

Este era exatamente o que o Exército desejava. Pouco pesado, facilmente transportável, queimando gasolina, capaz de realizar todas as operações de cozinha; com pequenas modificações, esse fogão, em uso pelas nossas tropas, é uma duplicata da máquina de Mr. Howard e seus colaboradores, criada nas oficinas de “Jeff”.

O Fogão de Campanha M-1937 foi construído para nele se fazerem várias operações culinárias, usando gasolina comum ou etil-gasolina como combustível. Nas ocasiões em que não se tem a temer a observação aérea inimiga, ele pode funcionar a lenha, sendo provido de uma grelha adaptável para esse fim. A construção desses fogões de pequeno tamanho, permite sua adaptação fácil às necessidades de organizações de qualquer espécie. Um, dois ou três fogões podem ser instalados nas proximidades do “front” em um caminhão de 1,5 to-

nelada, ligados sobre este com pinos-ferrolhos, ou presos ao corpo do mesmo por meio de correntes, e com suas frntes voltadas para a cauda respectiva.

As refeições são assim preparadas mesmo enquanto o conjunto está em marcha, cozinhando em viagem; uma refeição quente fica assim pronta para as tropas, quando estas fazem um alto. Às unidades em bivaque, na hora *rancho*, pode ser distribuída uma refeição que não difere muito da preparada em seus quartéis.

Cada um desses fogões é equipado com as seguintes peças de cozinha: Uma panela de assar com 4 alças e com capacidade de 10 galões; uma panela-tampa que pode ser virada e usada como grelha; uma panela de bolos que pode ser colocada ao lado da panela de assar; um panelão com 15 galões de capacidade, com uma panela adaptável de 10 $\frac{1}{2}$ galões; esta pode ser usada ao lado do panelão formando um conjunto de ferver; ou pode ser suspensa ao berço das panelas e usada como panela de cozer. Uma tampa suspensa ao berço das panelas e usada como panela de cozer. Uma tampa com prato para resíduos completa o conjunto. (N. T. — O galão, medida de capacidade americana, é equivalente a 3,78531 litros).

A peça de aquecimento é uma parte completa e separada; pode ser usada em três posições diferentes no interior do fogão, dependendo do cozimento a ser feito; para o uso simultâneo do panelão e da panela de assar aquela peça é colocada em baixo; nas operações de fritar, usando-se a panela própria, é colocada ao meio; se fôr necessário o uso da grelha (para certos assados) esta panela é virada e apoiada nos encaixes da parte superior, sendo para este fim a peça de aquecimento colocada no meio ou em cima. Além disso essa peça pode ser utilizada fora do corpo do fogão.

Todos os M-1937 são distribuídos completamente equipados e prontos para o serviço imediato; as diversas panelas e vasos, que são equipamento básico de toda a cozinha moderna, fazem, assim, parte do conjunto; completam este: cutelo de magarefe, facas, serra para carne, garfos de cozinheiro, mer-

gulhadores, conchas, escumadeiras, colheres de bater, facas de aparar, amoladores de facas, fôrmas de bolos de diversos tipos e lâminas extras, tudo de modelos padronizados.

Uma panela galvanizada de 24 galões pode ser incluída e serve como um vaso ideal para aquecimento d'agua e para lavar os utensílios. Uma peça de aquecimento, extra, pode ser atribuída a cada conjunto de três fogões; destina-se a aquecer a panela de 24 galões. Assim, enquanto as refeições são preparadas, agua pode ser aquecida, ao mesmo tempo, para a limpeza do material de cozinha.

Peças suplementares, peças de limpeza e outras necessárias à sua manutenção e operações manuais compõem o conjunto da cozinha de campanha.

Peças suplementares, peças de limpeza e outras necessárias à sua manutenção e operações manuais compõem o conjunto da cozinha de campanha.

O M-1937 completo apresenta as seguintes características:

Peso — 370 libras (cerca de 169,850 quilos);

Altura — 41 polegadas (1,051 metro);

Largura — 22 polegadas (0,559 metro);

Fundo — 25 polegadas (0,635 metro).

Tem. capacidade para preparar refeições bastantes a 50 pessoas; três deles podem assegurar a alimentação de 200 homens (*mais ou menos o efetivo de uma Cia. de guerra*) com todos os elementos de uma refeição completa.

A prática usual consiste em ligar três fogões a um caminhão e assim tem-se uma cozinha movel completa ao serviço da tropa. Esses fogões de campanha podem ser transportados ainda, funcionando, em carros de estrada de ferro (pranchas) e barcos.

Cada fogão e cada peça de aquecimento são inteiramente examinados e experimentados depois que saem das oficinas; as válvulas funcionam com a precisão das peças delicadas. O corpo do fogão é cravado, soldado e ligado com braçadeiras, de modo que possa suportar qualquer choque; os queimadores são cuidadosamente examinados e experimentados; o

fogão pode funcionar eficientemente se as instruções para seu uso forem rigorosamente obedecidas.

Conservar as partes vitais do M-1937 limpas é condição imperativa para seu melhor funcionamento; duas partes pedem especialmente cuidadosa atenção e limpeza a miúdo: o grador e a válvula da chama, que devem ser limpos diáriamente; isto feito o fogão funcionará com bastante eficiência. O disco-filtro de asbesto usado no gerador remove grande parte dos resíduos do combustível (fuligem), mas estes aos poucos obstruem o gerador e as passagens da válvula da chama; se essas passagens forem descuidadas ficam completamente obstruídas, o fogão não acende e as operações de limpeza podem se tornar mais difíceis. A limpeza freqüente elimina essa possibilidade e o processo não se torna penoso.

Quando se usa a etil-gasolina, um novo disco-filtro deve ser colocado depois que cada tanque de combustível é consumido; com o uso da gasolina comum basta substituí-lo cada dia. As instruções constam de um libretto distribuído com cada fogão; sua cuidadosa leitura e aplicação asseguram seu perfeito uso em todas as ocasiões.

Nossas forças combatentes estão hoje realizando um período de experimentação e de trabalho, aproveitáveis no aperfeiçoamento do Fogão de Campanha M-1937. Um Exército eficiente é uma organização bem alimentada e ele está prestando um grande serviço, conservando nossas tropas nessas condições. A facilidade de compreensão, quanto ao modo de utilizá-lo, por todo o pessoal que o serve, é o essencial necessário para seu sucesso.

O interessante artigo acima traduzido, de autoria do 1.^o Ten. Jules Ebin, do Quadro de Intendentes do Exército americano, trata de minuciosas referências técnicas sobre o uso do fogão de campanha M-1937, criação do Serviço de Intendência dos Estados Unidos, citando ligeiramente as instruções técnicas e o preparo dos especialistas cozinheiros que com ele tem

de lidar. Sobre esta questão, o preparo dos especialistas da Intendência daquele país, achamos de interesse para completar o referido artigo, traduzir também o seguinte trecho do livro "The Army of the United States", publicação oficial do Governo respectivo:

"As Escolas do Serviço de Intendência — O Serviço de Intendência tem várias Escolas. A Escola de Intendência ministra cursos gerais de intendência e instrução para oficiais. A Escola de Transportes a Motor ministra o ensino técnico de veículos a motor. O Laboratorio de Pesquisas de Subsistência estuda os generos alimenticios do Exército e ministra cursos sobre esta materia. O Serviço de Intendência possui também doze Escolas para padeiros e cozinheiros. Eis a sua descrição minuciosa:

A Escola de Intendência, de Schuylkill Arsenal, Philadelphia, Pensylvania, (atualmente em Camp Lee, Richmond, Virginia), possui 13 oficiais e 2 sargentos, e ministra dois cursos por ano. O curso regular para oficiais é frequentado por 40 alunos e tem a duração de 9 meses; a instrução ministrada abrange a técnica, os reaprovisionamentos e as funções administrativas nos Batalhões e Regimentos de Intendência das Divisões de Infantaria de Cavalaria ou de outras Grandes Unidades.

Os cursos de sargentos e praças duram cerca de 8 meses sendo frequentados por 65 homens; os alunos se preparam para as funções de assistentes administrativos e amanuenses. Ensinam-se — contabilidade, matemática, comercial, administração de rancho, recebimento, administração e contabilidade dos reaprovisionamentos do Exército, transportes terrestres e equóreos, planos de construção, reparos e emprego de utilidades.

A Escola de Transportes a Motor acha-se em Holabird Quartermater Depot, Baltimore, Md. Tem 7 oficiais e 9 praças como instrutores e é ao mesmo tempo um centro de desenvolvimento dos veículos a motor; os cursos de oficiais, frequentado por 20 alunos anualmente, consiste em 13 semanas de

instrução do emprego dos veículos a motor do Exército em campanha e em tempo de paz. Inspeção de motores e oficinas, administração de parques e operações de comboios motorizados estão entre os objetivos a serem atingidos; existe um curso similar de 8 semanas frequentado por 15 oficiais da reserva. Há ainda dois cursos de 9 semanas de duração para mecânicos frequentados por 140 alunos e um curso de especialistas para indivíduos selecionados; esses cursos preparam assistentes dos oficiais dos transportes motorizados, motoristas, contra-mestres de oficinas e outras praças especialistas.

O Serviço de Intendência mantém mais 12 Escolas para padeiros e cozinheiros, uma em cada "Corps Area" (*circunscrição territorial correspondente às nossas Regiões Militares*) e departamentos de além mar. *Os homens saídos e preparados por essas escolas são os que alimentam o Exército.* Praças escolhidas fazem um curso de 4 meses em que aprendem as funções de padeiros ou cozinheiros, havendo também cursos de *rancho* para oficiais e sargentos. O curso de cozinheiros abrange as seguintes matérias: Determinação da qualidade das carnes frescas, gêneros e produtos; higiene de cozinhas e refeitórios; armazenamento e refrigeração de alimentos; corte de carnes; usos e cuidados com os utensílios e equipamentos de cozinha; preparo dos viveres crus; cozimentos de todos os tipos; trabalhos de pastelaria e massas de cozinha; temperos e serviços dos alimentos; custo dos alimentos e contabilidade do rancho. São assim preparados centenas de cozinheiros militares que preparam e servem a sua alimentação.

Funcionam, no Exército, 87 padarias que produzem aproximadamente 28.260.000 libras de pão por ano. Os peritos homens necessários a esses serviços adquirem seu preparo nessas escolas de padeiros e cozinheiros.

O Serviço de Intendência mantém no Depósito de Intendência de Chicago, um Laboratório de Pesquisas de Subsistência, onde novos tipos de alimentos e novos processos de manufatura recebem, através de experiências perfeitas e intensivas, a determinação de suas possibilidades para o uso do Exér-

cito. Este Laboratório mantém cursos de 4 meses para Oficiais Intendentes em que eles estudam tipos e qualidades dos alimentos e os métodos de exame dos mesmos (*bromatologia*).

Os oficiais intendentes ainda podem frequentar mediante escolha e determinação, os seguintes cursos :

Leis — nas Universidades de Georgetown e de Virginia;

Industria de tecidos (Textile Engineering) — no “Lowell Textile Institute”;

Administração de Empresas (Business Administration) — no “Babson Institute” e na “Graduate School of Business” da Universidade de Harward.

BANCO LINO PIMENTEL LTDA.

TRAV. DO OUVIDOR,
34 — RIO

DEPOSITOS — DESCONTOS — COBRANÇAS

CONSULTE NOSSAS TAXAS

Abra sua conta e pague com cheque

BAIRRO RESIDENCIAL “Gávea Parque”

ESTRADA DA GAVEA, 142

Informações na Cia. de Investimentos Industrial e Construtora

C. I. I. C.

Avenida Nilo Peçanha, 155 - 4.º - Salas 401/6

Telefone 22-9971 (Rêde Interna)

635

«Oração aos Jovens Officiais»

Pelo General ABEL MIRANDA, do Exército Argentino. — Traduzido do "The Cavalry Journal" pelo Major ADALARDO FIALHO

Vossas palavras serão sempre ouvidas com respeito pelos vossos subalternos, si as apoiardes com a ação e o exemplo; si assim não o fizerdes, essas proprias palavras porão em relevo os vossos defeitos. Cumpri o vosso dever pelo amôr do dever, e não pelos beneficios que ele vos possa trazer, pois isso seria o aviltamento do vosso trabalho. Si vos derem cargos (ou posições), que signifiquem distinção ou honra, que seja isso o resultado do reconhecimento de vossos méritos, porem nunca o de um plano perseguido com esforços egoistas. Mantende zelozamente o vosso prestigio como soldado; procurai aumentalo constantemente, pois ele é indispensavel no exercicio do comando.

A ambição para alcançar os mais altos póstos da hierarquia militar é justa e nobre; porem essa não é a cousa mais importante e sim vosso proprio mérito e valôr em quaisquer posições que atingirdes.

Nem título nem diplomas são provas de capacidade profissionais, porem lembrai-vos que se comanda com mais respeito á custa de prestigio do que de conhecimentos. Esforçai-vos em merecer o mais alto conceito de vossos subalternos, não atravez de um espírito de vaidade barata, mas porque eles são os únicos a quem deveis dar ordens e para serdes bem sucedidos nisto, devem eles ter absoluta confiança em vossa habilidade. Um soldado requer uma vida para adquirir prestigio, po-

rem um segundo é suficiente para que o perca. Recordai, sob quaisquer circunstâncias, que usais um uniforme e não uma libré de lacaio. Não confundais nunca subordinação, que é a propria inerente virtude de um soldado, com submissão, a baixa condição do servo. Sêde um aeroplano e ganhei altitude por vossas proprias forças e não um planador, que se ergue somente porque é rebocado. Sêde mesmo um D. Quixote em vossos atos; nunca um Sancho. Não sufoqueis, em vossos subordinados, sentimentos de orgulho; ao contrario, encorajai-os e dirigi-os; si assim não o fizerdes, tereis carneiros e não leões no campo de batalha. Quando tiverdes um subordinado que pareça ser ambicioso, não o embaraceis; estudai-o e esforçai-vos por guia-lo; trata-se de forças como as de torrentes, que edificam ou destroem; tudo depende de como são guiadas.

Sem duvida, o fator sorte tem seus efeitos no sucesso de um empreendimento, porem este fator intervem o menos em face do talento e da previsão. Não destruíis o trabalho que encontrardes feito, a menos que o substituáis com alguma coisa inquestionavelmente superior. Meditação, solução e execução devem ser a sucessão continua das fases de todos os problemas militares que voç forem apresentados.

Camaradagem num exército é o índice da solidariedade moral do seu grupo de oficiais.

Este sentimento não é meramente baseado nas manifestações exteriores de caráter social, porem em alguma coisa mais solida: respeito mutuo, estima e consideração. A confiança em si proprio deve ser característica de um oficial e nunca deve ser confundida com uma petulante adoração de si proprio. Os oficiais argentinos tem a sorte de possuir em sua propria historia o arquetipo do soldado, o General San Martin. Mesmo que só a Deus seja dado conceder a dádiva de iguala-lo em seu genio militar, está contudo, dentro do alcance de nossas possibilidades o assemelhar-nos a ele, no que diz respeito ás suas virtudes de soldado..

A CAVALARIA MODERNA

IV

Divisão hipomóvel e Divisão Couraçada

Pelo Ten.-Cel. ARTHUR CARNAÚBA

Defendemos a idéia — em “A DEFESA”, da organização de dois tipos de Divisão:

— a D.C. hipo (D.C.H.);

— a D.C. Couraçada (D.C.C.) ou Moto-Mecanizada (D.C.M.).

Como se pôde conceber o emprêgo dessas Divisões?

Imaginemos um caso concreto. Admitamos uma situação de cobertura, por exemplo, na qual disponhamos de 3 D.C.H. e de 2 D.C.M.

As primeiras defenderão os setores de cobertura; as outras constituirão, naturalmente, a reserva movel, destinada, especialmente, a contra-atacar.

Um outro exemplo :

O Comando resolveu romper a frente e, em seguida, lançar na brecha 1 D. C. M. e 1 D. C. H., que constituirão um C. C., destinado a aproveitar o êxito e se apoderar de um importante nó ferroviário situado no interior do dispositivo e a uma distância da frente de cêrca de 100 km.

O ataque será desencadeado no dia D ao amanhecer.

A D. C. M. — irrompendo na brecha — poderá atingir o objetivo ainda no próprio dia D.

A D.C.H. — se se tratar duma tropa bem instruída e bem montada — poderá alcançá-lo a D + 1, substituir a Divi-

são Couraçada, que ficará, assim, disponível para cumprir outra missão ou ser empregada noutra direção, conforme as circunstâncias.

*
* *
* *

Como se vê, o emprego dessas grandes unidades é uma questão de espécie...

Cada caso é um problema novo que comporta uma solução particular.

Acreditamos, entretanto, que essa combinação do cavalo e do motor, realizada no interior do C. C. ou de outro grupamento qualquer, é mais frutuosa do que a efetuada no âmbito da própria D. C., como acontece com a nossa atual concepção da D. C. mixta.

EMILIO KUNZ & CIA. LTDA.

GRAMADO—RIO GRANDE DO SUL

Adega PETRONIUS

Os melhores vinhos nacionais levam a marca "Petronius".

Vinhos de mesa - Aperitivos - Vermute

- Quinado - Porto - Moscatel - Conhaque

- Bitter - Korn - Gin e **Wisky**

Deposito em Porto Alegre á Rua Vol. da Patria, 1.927

TELEFONE 3735

O Cão em serviço de guerra

Capitão Diogenes Nunes de Assumpção

FONTES DE CONSULTA:

- Notas da Escola de Transmissões (1941).
- Publicação do Capitão Temple Fielding, no "Rotarian".
- Regulamento das Ligações e Transmissões em Campanha

— GENERALIDADES:

Inestimáveis são os serviços que o cão presta ao homem na guerra. Sabemos ser proverbial a qualidade que distingue este animal de todos os outros, no tocante às suas relações com o homem, e este tem sabido tirar proveito desta qualidade, adestrando-o para missões úteis na guerra.

Além da característica acima (fidelidade), que aliás é inata no cão, o homem explora também nele a prodigiosa memória e boa inteligência, exceção de alguns que fogem à regra geral.

De longa data vem o cão sendo empregado pelo homem na guerra, sempre com bons resultados. Consultando documentação existente sobre este meio de transmissão, verifica-se que os gauleses e os romanos, desde os primórdios de sua existência, empregaram o cão como agente de transmissão, isto é, transportador de mensagens (texto escrito), a determinados destinatários. Datando da mais remota antiguidade, o emprego do cão, como meio de transmissão, atravessou a Idade Média, chegando até aos tempos modernos.

Na Europa foi que maior incremento teve o emprego de tal animal como auxiliar do homem na guerra.

Talvez como um derivativo do seu amor pelo homem, sente-se o cão compelido a acompanhá-lo à guerra, compartilhando com êle dos momentos tempestuosos ou de calma. Afastado de seus entes queridos, tem o homem ao seu lado o fiel e compassivo companheiro de todos os tempos.



Não só como agente de transmissão tem sido o cão empregado, mas também como remuniador (transportador de munição) e na procura de feridos. Como remuniador, o cão transportou, em várias ocasiões, durante a primeira guerra européia, 250 cartuchos para fuzil ordinário ou fuzil metralhador e na procura de feridos funcionou, durante a mesma guerra, como verdadeiro padioleiro, conduzindo, por vezes, em uma pequena bolsa (semelhante a um bernal) medicamentos de urgência. Como padioleiro farejou os campos e matas, latin-

do quando encontrava um ferido ou então tomando na boca o gorro, que trazia para a retaguarda; de um modo ou de outro despertando a atenção do pessoal do serviço de saúde e de outros elementos das proximidades.

Aliás, antes mesmo da eclosão da primeira guerra mundial, por volta de 1895, em países da Europa, foram os cães experimentados nas diversas missões acima descritas, verificando-se que, principalmente como agente de transmissão, mais eficientes eram tais animais. Também como sentinela foi o cão empregado, porém com fraco rendimento.

E' por todos reconhecida a prestabilidade do cão como guarda de propriedades do interior ou mesmo dentro das cidades, sendo, pois, de admitir possa êle cumprir a missão de sentinela, depois de inteligentemente educado.

Os cães a serem treinados como agentes de transmissão, devem ser animais selecionados, sem o imperativo racial, devendo no entanto serem fortes e habituados à vista do campo. A questão de tamanho assume importância secundária, pois é a resistência física que mais interessá, ficando a estatura ligada à oportunidade do emprêgo no que se correlaciona com a vulnerabilidade. Os chamados cães pastores, se têm revelado ótimos.

O emprêgo eficiente do cão, como agente de transmissão, depende exclusivamente do treinamnto, para que êste produza efetivamente algum resultado, é indispensável que o cão seja bem tratado, com uma boa alimentação e dispondo de um bom alojamento.

— A ALIMENTAÇÃO :

Deve ser controlada por um veterinário. Uma cousa não deve ser nunca esquecida: é que sempre um mesmo homem deve ser o encarregado de dar a alimentação a um mesmo cão, e isto para facilitar o emprêgo do animal no serviço a que se destina. Devem ser punidos os elementos que derem comida a um cão, sem que estejam para isso designados. Para que os cães só

aceitem a alimentação fornecida sempre pelo mesmo homem, deve-se fazer com que outros homens lhes deem comida misturada com fumo ou outra substância que os ressabiem.

— *ALOJAMENTO* :

O alojamento do cão deve satisfazer às seguintes condições : local abrigado, espaçoso e de fácil limpeza; deve ser um



local afastado do de onde permanecem as tropas; tal local deve ser constantemente limpo, bem como limpas devem ser suas imediações. O alojamento dos cães chama-se canil e neste os cães nunca devem estar presos, para evitar a engorda, tornando-se pesadões; no canil, o cão não deve estar de coleira; o veterinário deve visitar diariamente o canil, separando os cães doentes, devendo existir compartimentos separados para tal fim.

— *TRATO DO CÃO* :

Refere-se, principalmente, à higiene geral, consistindo esta em banhos diários, devendo após serem alisados com pente for-

te e escova. O cão deve ser diàriamente examinado, quanto à existência de feridos, carrapatos, sarna etc.; as unhas, as orelhas, o focinho etc., devem merecer especial atenção.

Cada cão em seu canil deve ter o material distribuído e de uso privativo, sendo desnecessário acrescentar que tal material deve sempre acompanhar o cão, quando mudado de um canil para outro, por razões de força maior.

Todos os cães devem ser batizados com um determinado nome, havendo em cada canil uma relação dos animais aí domiciliados. O material acima citado, distribuído a cada cão, é o seguinte: coleira, guia, placa de identificação, fucinheira e tubo porta-mensagem. Cada cão terá ainda uma caderneta sanitária, esctturada pelo veterinário, e uma ficha escriturada pelo chefe ou auxiliar do canil, em que serão consignadas as alterações ocorridas com o cão e que interessam ao serviço. Num canil encontraremos um livro para revista veterinária e um dito para registro dos treinamentos previstos em um quadro semanal de trabalho, organizado pelo oficial de transmissões da unidade a que pertence o canil.

— O TREINAMENTO :

Compreende dois períodos: adestramento e especialização. Há vários processos para o treinamento, todos porém baseados no castigo imediato e na pronta recompensa, alternando a forma de agir, conforme o caso, dando-se ao animal a possibilidade de distinguir o que deve fazer do que não deve. Aca-riciar e dar guloseimas aos cães são maneiras de agradar e que são largamente empregadas. O castigo deve ser gradual e aplicado conforme a índole do cão. Só um geito todo especial, muita paciência e constância do treinador, aliados à compreensão do animal, farão surgir um resultado prático no treinamento. São características do 1.º período de treinamento: fazer o cão marchar na guia, sem puxá-la; fazer o cão atender ao chamado do treinador, que utilizará gestos, silvos de apito ou sons de uma corneta especial, ou ainda chamando o cão pelo nome com que

haja sido batizado; fazer o cão sentar-se, deitar-se e levantar-se por meio de voz de comando. Quanto ao 2.º período, inicialmente designa-se um ajudante para o treinador, afim de que o cão, solto pelo ajudante e à voz de "PROCURA", atinja o local em que esteja o treinador, ou melhor, solto por certa pessoa, procure o seu tratador. Para tal o cão se utiliza do faro, característica que possui em escala bastante desenvolvida, bem como da sua inteligência.

O treinamento de um cão é demorado, exigindo de 4 a 6 semanas para um resultado prático. O treinamento completo



atingirá quando muito 3 meses. O desenvolvimento racional do treinamento se consegue da maneira seguinte: partindo-se pequenas distâncias, 20 m., por exemplo, colocam-se treinador e ajudante, de modo a se verem; solto o cão pelo treinador, deve-se procurar com que ele encontre o ajudante, devendo voltar para o ponto em que está o treinador. Com o tempo a solta será feita por um ou outro, procurando o cão qualquer um deles e voltando para junto do que o expediu, que deve ter-se deslocado, e assim por diante.

Durante as procuras feitas pelo cão, devem ser produzidas detonações, de modo que o animal se habitue às situações dominantes nos campos de batalha, não se assustando, não latindo portanto. Para se habituarem a ouvir detonações é aconselhável que os cães do canil do corpo de tropa acompanhem seus treinadores aos estandes de tiro, onde a tropa se adentra em exercícios de tiro real. É sabido que o cão possui muito sensível as membranas do tímpano, motivo porque começa a grunhir por vezes, quando ouve certos sons, mais ou menos fortes, em suas proximidades (sons de instrumentos de sopro, detonações, cantos de galos para certos cães, etc.). Não é outra coisa senão a forte zuada que lhe causa tais sons, sendo alguns cães mais sujeitos que outros a esta influência. Assim, pois, será mais difícil, neste último caso, treiná-los para as situações do campo de batalha.

O medo que alguns cães possuem, mormente aqueles que apanharam muito em pequeno, será também um obstáculo difícil a vencer. Alguns devem até ser desprezados, pois são quasi sempre muito vis, pelo mau trato recebido de pessoas que não lhes permitiam certas imperfeições, não se lembrando das próprias.

Daí se observar que certos cães, ou por mal treinados ou por não terem perdido os inconvenientes acima, são empregados apenas em um sentido, chamando-se *emprêgo unilateral* — da frente para a retaguarda; é de resto o que se verifica com certos pombos-correios, animais que prestam também eficiente colaboração ao homem na guerra.

— EMPRÊGO :

O cão normalmente é empregado em pequenas distâncias; faz comumente 1 km. em 5 minutos, através os mais notáveis obstáculos: povoações, cursos d'água etc. Na primeira grande guerra chegou a ser obtido rendimento maior, ou seja 5 km. em 20 minutos, em tempo calmo, e em 12 minutos sob bombardeio. No 99.º Regimento de Infantaria do Exército Francês

existiam 4 cães que se destacaram dos demais, levando mensagens a distâncias variáveis, atingindo o limite de 2000 metros. Sendo menos vulnerável que o homem e ainda mais veloz, apresenta certas vantagens sobre o mensageiro/homem que transporta uma mensagem (texto-escrito), fazendo o percurso a pé.

O treinamento demorado enfraquece o rendimento. O emprego do cão como mensageiro é muito vantajoso no âmbito dos Batalhões ou Regimentos. A mensagem é colocada em um tubo especial de metal, que a protege.

CONCLUSÃO :

Na atual grande guerra, em que a mecanização atingiu um elevado índice de emprego e desenvolvimento, entre os meios de transmissão, inegavelmente, o rádio e o telefone são os que, por excelência, são empregados, não tendo sido prescindidos os outros meios que, por vezes, são os únicos disponíveis em determinadas situações. O Capitão Temple Fiel-
ding, na publicação "ROTARIAN", focaliza alguns aspectos da atividade do cão na presente guerra. Por esta publicação vemos o cão abandonando o conforto do seu "Bungalow" e os carinhos das crianças da casa, para ingressar nos Corpos de Tropa, em serviço de guerra.

Ao lado do seu tratador, investe o cão contra o inimigo de seu dono, precedendo este na entrada das cabanas e atirando-se sobre o inimigo, ferozmente. Companheiro de seu tratador, destacado como vigia, completa sua ação; funcionando como elemento móvel na segurança em estacionamento e nas marchas, auxilia os soldados como patrulhadores.

Nas ilhas do S. W. do Pacífico os cães seguem à frente das patrulhas de reconhecimento — conta-nos o Capitão Temple — e despertam os elementos que repousam, quando de um estacionamento se aproxima o inimigo. Na mesma publicação, verifica-se que 85 por cento dos cães se revelaram ótimos

mensageiros, sentinelas e como capazes de tomarem parte em ataques às posições inimigas.

Em 1943, perto de 40.000 cães foram cuidadosamente selecionados nos Estados Unidos. Como agentes de transmissão e auxiliares no lançamento de fios telefônicos, são os cães, na atual guerra, eficientes colaboradores das transmissões; como vigias, atacantes e patrulhadores, prestam auxílio nos combates, colaborando ainda com o serviço de saúde, pois procuram nas matas os feridos e despertam para eles a atenção dos paramédicos.

E' ainda o Capitão TEMPLE que apresenta transcrito em seu trabalho o comunicado que se segue, transmitido por um comandante de tropa na frente de combate :

"E' com pesar que comunicamos a morte de NAPPY, doado por V. S. para ser usado pelas Forças Armadas dos Estados Unidos. Esperamos que o fato de seu bravo cão ter dado a vida pela nossa Pátria venha mitigar a tristeza ocasionada pela sua morte."

Preparemos nossos Contingentes de Cães de Guerra; eles constituirão a distração dos soldados nas horas de lazer nas frentes de batalha, prestando serviços inestimáveis às tropas em campanha e cooperando para a vitória !

joalheria
la royale

FORNECEDORES DO GOVERNO

AV. RIO BRANCO, 138-B
TEL. 42-0564
RIO DE JANEIRO

RUA DA QUITANDA, 107
SÃO PAULO

Companhia Cantareira e Viação Fluminense

SERVIÇO DE ENTREGA DE DESPACHOS A DOMICILIO —
TRÁFEGO MUTUO COM A AGENCIA PESTANA DE
TRANSPORTES LIMITADA

RIO DE JANEIRO NITEROI SÃO CONÇALO

Rapidez

Economia

Segurança

INFORMAÇÕES:

Rio de Janeiro Estação das Barcas Praça 15 de Novembro
Telefones: — 22-9856 e 22-2422

AGENCIA PESTANA DE TRANSPORTES LIMITADA
RUA PHAROUX N. 3 — Telefone: 42-4196
NITEROI

Ponte Central das Barcas

Telefone 5711

Banco Americano do Brasil S.A.

RUA CHILE - 5

Carta Patente 3.264 de 18-1-44

TELEFONE 42-1508 = Telegramas BAMEBRAS

DIRETORIA — DR. ANGELO CABEDA BROCCHI - Presidente
BENTO AUGUSTO RIBEIRO - Superintendente

DEPOSITOS

Movimento 4% - Limitada 5% - Popular 6%

Prazo Fixo - 6 meses 6% - 12 meses 7%

EMPRESTIMOS - COBRANÇAS - CAUÇÕES

Faça do BANCO AMERICANO DO BRASIL S. A. o seu Banco,
abrindo uma conta e pagando com CHEQUÉ.

649

Comemoração do 25º aniversário da Fortaleza de Itaipú

AS SOLENIDADES REALIZADAS NAQUELA PRAÇA DE GUERRA —
DISCURSO DO TENENTE-CORONEL PAULO ROSAS PINTO PESSOA
ORDEM DO DIA ALUSIVO À DATA

Antigamente, São Paulo sempre tivera a sua melhor defesa na própria serra de Paranapiacaba, confiando apenas nos recursos naturais do solo e na bôa vontade do soldado brasileiro. Hoje, esta parte sul do Brasil é defendida por fortalezas, como a de Itaipú, munidas de todos os elementos necessários e eficazes á defesa de nossas costas.

Homens capazes integram as guarnições destas praças, dando-lhes êste caráter transcendental de segurança, tão preciso á integridade da soberania nacional. E a alma da Pátria Republicana curva-se ante êstes beneméritos que, sacrificando o seu bem estar comum, zelam por nossas tradições, verdadeiros legados que nos deixou o passado. Bem sabem êles que o Brasil conta com o seu apôio, para a realização de seus ideais, quer interna ou externamente às suas fronteiras.

A 12 de julho, uma destas praças de guerra, instituição modelar nêste ramo, a Fortaleza de Itaipú, festejou a passagem do 25.^o aniversário de sua existência.

Para comemorar tão significativa data, o comte. interino da praça de Santos, de Guarujá e de S. Vicente, ten. cel. Paulo Rosas Pinto Pessoa, auxiliado pelo comte. da Fortaleza, major Moacir de Faria, organizou magnífico programa, constando dêle uma parte cívica e outra desportiva.

LEITURA DO BOLETIM DO DIA

Iniciando as comemorações, a guarnição do Forte, comandada pelo major Moacir de Faria, desfilou em continência às autoridades presentes, formando-se, a seguir, no pátio de desportos daquela instituição. O hasteamento da bandeira foi feito logo após, sendo, nesta ocasião, cantado o Hino á Bandeira, pelo corpo de tropas presentes. O tenente Hélio S. Fortes, designado pelo sr. comandante da praça, fez a leitura do Boletim do dia, que transcrevemos:

“Fortaleza de Itaipú”: E’ com grande júbilo que festejamos hoje teu vigésimo quinto aniversário natalício. Nascida da necessidade de manter e defender um princípio — o da liberdade dos povos — cresceste e triunfaste nesta nobre missão. Tivessem todos os seres humanos a compreensão dos direitos de seus semelhantes, e não haveria razão de ser em tua existência. Não fossem os fortes tiranos e os fracos oprimidos e tu não terias nascido. Existem, infelizmente, aqueles cuja única lei é a força, e cujos problemas só se resolvem com a luta... Foste criada, Itaipú, para mostrar a êsses bárbaros da nossa era que um povo pacífico pode ser enérgico e que uma nação ordeira pode ser forte. Nunca foste, em teu quarto de século de vida, razão de desgraça ou de humilhação dos fracos. Findava o mundo uma convulsão tremenda, fruto da ambição desmedida de um povo guerreiro, quando foste organizada e entregue aos teus soldados.

Soldados de Itaipú! A hora grave que atravessa o mundo preocupa-nos de perto a todos. As vitórias de nossos aliados, defensores que são de uma causa que também é nossa, são alegrias e vitórias para nós. Dentro de nossos peitos bate um só coração. Suas pulsações uníssonas visam um mesmo ideal. Nunca fomos conquistadores.

Jamais o nosso Brasil tentou o domínio de outra nação ou sequer a opressão de outros povos.

Somos um povo ordeiro e honrado, a quem repugnam as demonstrações de fôrça.

Nossa História consigna episódios que constituem uma asserção segura de nosso temperamento pacifista.

Nossas independência figura entre êles.

Sem derramamento algum de sangue, tornamo-nos um país livre.

Infelizmente, porém, nem sempre nos é dado resolver todos os nossos problemas de maneira semelhante.



Circunstâncias alheias à nossa vontade impelem-nos à luta.

E o que se nota, então, quando isso acontece?

Cordeiros tornam-se leões, calmos e pacatos tornam-se enérgicos e audaciosos.

Arrojamo-nos à peleja sem destemor e imolamos nossas vidas no altar da justiça e do dever.

Desnecessário se torna lembrar quantos e tão elevados exemplos de brasileiros heróicos enchem a nossa História.

País novo em sua existência, já porque avultado número de fatos gloriosos que nos fazem vibrar de orgulho e satisfação ao dizermos: *Somos Brasileiros*.

Fortaleza de Itaipú (5.º G. A. C.) 957 — 12 de julho de 1944 — Boletim Interno n. 163. — Descendemos dêles dêsses heróis que todo o mundo conhece e admira, e estamos prontos a seguir seu belo exemplo, tão cedo o Destino assim o determine.

Guarnecemos uma Fortaleza !

Sua História todos sabemos, o limite de sua fôrça ninguém exatamente sabe.

Sabem, porém, os brasileiros que aquí estamos alerta. Ninguém ignora, sequer, o que acontecerá àquele que nos tentar atacar.

Desta vasta cabeleira verde que a cobre sairão línguas de fogo a ensinar, aos que duvidarem de sua fôrça, que aquí dentro existem homens resolutos, fortes e bem treinados na arte de defender a todo custo aquilo que lhes pertence.

Trabalhamos com afinco para aprender a utilizar o complexo e eficiente aparelhamento que nos cabe manejar e temos dado sobejas provas de nosso preparo.

Hoje, como outrora, aquí estamos, como sentinelas de um dos portos mais importantes do Brasil, côncios de nossa missão, de sua enormidade e importância, a repetir a frase do passado, q ue será a mesma para o presente e para o futuro :
ÊLES QUE VENHAM !"

DISCURSO DO TEN. CEL. PAULO ROSAS PINTO PESSOA

O cmte. da praça de Santos, Guarujá e S. Vicente usou a seguir da palavra, proferindo o seguinte discurso :

Autoridades !

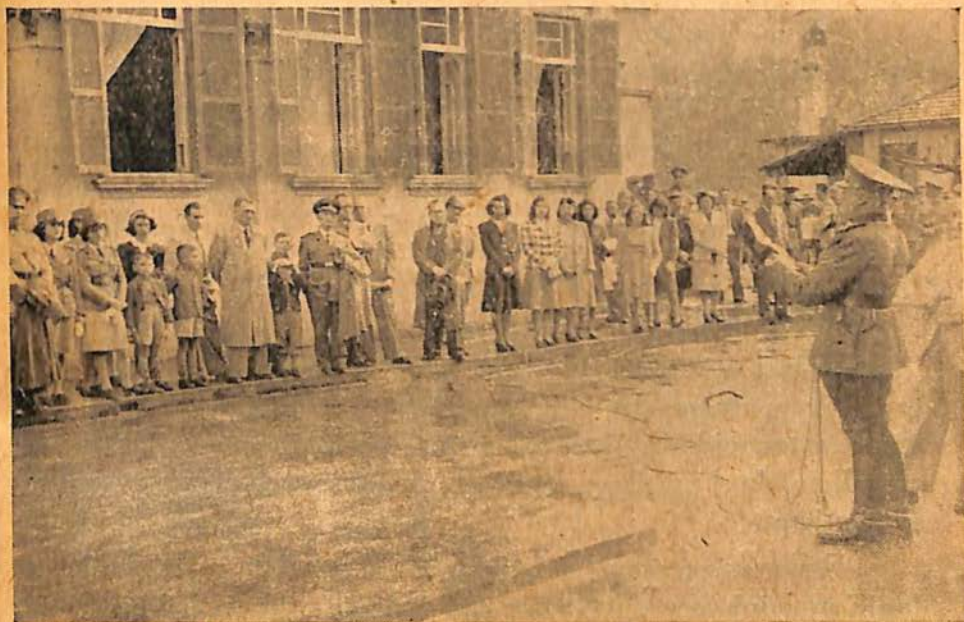
Soldados da Fortaleza do Itaipú !

Quando nos congregamos hoje, para a comemoração do primeiro quartel de século do 5.º G.A.C., volvem os nossos primeiros pensamentos, para a figura do grande militar que norteia os destinos do Exército Brasileiro, S. Excia. o General Eurico Gaspar Dutra, a quem rendemos o tributo da nossa lealdade e admiração.

E' tambem, não esquecemos a ínclita figura de S. Excia. o general Hórta Barbosa, muito digno cmte. da 2.^a Região Militar.

Pela sôma de relevantes serviços prestados á nossa Arma, na Artilharia de Costa, expressamos, nesta Data, ao general Sebastião do Rego Barros as homenagens desta Fortaleza.

Nossa gratidão à s. excia. o sr. Secretário da Justiça de São Paulo, dr. José Adriano Marrey Junior, pelo seu gésto



patriótico, permitindo fôsse artisticamente confeccionada na Imprensa Oficial do Estado, a revista que assinala esta data repositório do alto civismo da culta sociedade de São Paulo, e cuja publicação empresta invulgar destaque a esta solenidade.

Aos seus brilhantes colaboradores, expressamos os nossos melhores agradecimentos!

Meus comandados!

A Fortaleza do Itaipú, festeja, nesta data, o transcurso da efemeride que assinala o 25.^o aniversário de criação do 5.^o G. A. C. Sobre o assunto, acabámos de ouvir a ordem do dia do major Moacir, comandante interino da Fortaleza.

De 1911 a 1917, aqui tivemos guarnecendo a Fortaleza apenas um destacamento. Pelo aviso ministerial n.º 318, de 11 de abril de 1917, foi entregue, pela Comissão de Defesa de Santos, ao comandante da Bateria, as obras do Forte Duque de Caxias — a 2.^a Bateria. As corporações militares que guardaram a entrada da barra do Pôrto de Santos foram a princípio, aquarteladas na Ponta da Praia. Lá, fomos encontrar o 7.º Batalhão de Artilharia de Posição, sob o comando do major Manuel Felix de Menezes, veterano da Campanha de Canudos.

Segue-se a sua inclusão, no 1.º Grupo do 5.º Distrito de Artilharia de Costa. Em 12 de julho de 1919, é extinto o 1.º Grupo do 5.º Distrito de Artilharia de Costa, sendo criado o 3.º G. A. C., ficando, sob comando do cap. Alberto Eduardo Becker. Em obediência ao decreto 24.287, de 1924, tomou este Corpo a designação de 5.º G. A. C., e Fortaleza do Itaipú.

Soldados !

Volvendo as nossas vistas, para o passado, podemos contemplar o escoar de todo êsse tempo, através do qual a energia e a tenacidade se conjugaram, para que, nos pudessemos orgulhar da Fortaleza, onde nos exercitamos com acendrado patriotismo.

Expande-se a vossa satisfação, nesta data, em efusões de legitimo civismo, quando se evocam os marcos brilhantes do bastião de Itaipú.

Quís a fortuna benfazeja proporcionar-me a honra insigne no ano passado, as minhas atividades de comando, neste baluarte Grupamento, testemunhar as efemérides brilhantes de 12 de julho de 1943 e 1944. No convívio do povo paulista, exerci, no ano passado, as minhas atividades de comando, neste baluarte de sua defesa e agora, á frente do 1.º Grupamento de Artilharia de Costa.

Foi através de minha permanência, na saudosa Jundiaí, no comando do 2.º G. A. D., que entrei em contacto, com a admirável gente desta região privilegiada do Brasil.

A pujança e o dinamismo desse sadio reservatório de energia nacional fizeram-me facilmente chegar à magnífica conclusão que a Pátria tem aqui o culto de idolatria.

Bem compreendeis, portanto, soldados, a intensa e indifereçável emoção que avassala o vosso comandante, quando vos conclama, para solenizar o 25.^o aniversário do 5.^o G.A.C.

Pelo comando desta Fortaleza hão passado Chefes que deixaram, na vida do Exército Brasileiro, traços indeléveis do seu amôr ao trabalho e dedicação à causa pública. O espírito disciplinado da oficialidade de escôl desta Guarnição encontra êco, na dedicação ilimitada de seus inferiores.

Temos, sobre os nossos ombros, a missão elevada de guardiões do Porto de Santos, expoente comercial do Continente.

Cresce desmesuradamente a importância das nossas atividades militares, neste recanto do Brasil, na hora sombria que passa, envolto o mundo, na tremenda tragédia desta guerra.

As nossas tradições de povo pacifista foram quebradas, com a agressão sofrida, nos mares, quando os nossos pacíficos barcos de cabotagem velejavam, nas costas brasileiras.

Ante o ultraje à nossa soberania, ergueu-se o Brasil, coêso e disciplinado, para a luta contra a tirania.

Nos trabalhos de guerra empenham-se todos os seus filhos, compenetrados de seus deveres, face à gravidade do momento.

E é na portentosa metrópole de São Paulo que vamos encontrar o labôr fecundo de suas fábricas, na colaboração ingente de nossa preparação bélica. Do planalto com destino ao estuário santista, seguem ininterruptamente, os produtos do trabalho bandeirante, como fatores positivos da vitória da causa que abraçamos. Serra acima, são os comboios que, daqui partindo, levam as matérias primas, para transformações industriais. Vigiar, para resguardar a fim de manter a continuidade dêsse intercâmbio pró-guerra, eis uma das nossas primordiais funções.

Não mediremos esforços, para a consecução perfeita e rigorosa dêsses encargos sagrados que a Pátria nos impôs.

Soldados do Brasil !

Seremos, no nosso posto de atalaia desta orla costeira do Brasil, incansáveis e destemerosos prontos ao sacrifício da própria vida. Ao bramir revôlto das ondas encapeladas que se entrechocam nos rochedos, que abriga esta Fortaleza, a alma ardente e brava do soldado brasileiro vela pela integridade nacional.

Evoquemos, nesta data, o espírito do nosso patrono, o grande Duque de Caxias, cuja memória sacrosanta é para o Exército Brasileiro a fonte de pura inspiração, para os que servem, sob o pavilhão auri-verde.

Soldados de Itaipú !

Ao ecoar das salvas festivas de vossos canhões, perfilamos em continência à grandeza e à soberania do Brasil.

Cabe-me agora inauguração da placa que denomina a essa avenida interna desta Fortaleza de *Avenida General Ximeno de Villeroy* — Homenagem muito justa e muito oportuna a esse oficial general que tem o seu nome ligado a essa fortificação como seu idealizador e construtor. Vem de longe o zelo e a providência dos poderes públicos, no provêr convenientemente a defesa do Pôrto de Santos, êste escoadouro da riqueza do planalto de Piratininga. Na administração do grande presidente Campos Sales, tendo como Ministro da Guerra o Marechal João Nepomuceno Medeiros Mallet, foi confiada à Comissão de Defesa de Santos a construção da Fortaleza de Itaipú. Ao projecto engenheiro Ximeno de Villeroy, realizador do primeiro plano de defesa dêste Pôrto, foi atribuída a execução dos trabalhos, para a construção da Fortaleza de Itaipú onde está sediado o 5.º G. A. C. Assim, pelo aviso ministerial n.º 5 de 16 de janeiro de 1902, foram iniciadas as obras. Após a visita de inspecção, feita pelo Ministro da Guerra, em 1911, quando então os serviços principais, já se achavam concluídos, tomamos conhecimento do aviso, n.º 667, de 31 de agosto de 1911, louvando o então Coronel de Villeroy, pela competência que demonstrou, revelando-se mais uma vez, um hábil en-

engenheiro conhecedor das grandes e modernas obras de fortificação.

A placa cuja honra me coube de inaugurar, denominando esta Avenida de "Avenida General Ximeno de Villeroy" —, foi artisticamente fundida em bronze, nas excelentes oficinas da Cia. Dócas de Santos, por nímia gentileza do nosso amigo e engenheiro de nomeada, Dr. Ismael de Souza, provecto inspector daquela companhia, que vem prestando inestimáveis serviços a esta Fortificação, ao Exército e ao Brasil.

O general Ximeno de Villeroy foi o primeiro governador do Estado do Amazonas, quando da proclamação da República; foi quem iniciou os estudos e a instalação das linhas telegráficas estratégicas mais tarde transformada em Comissão Rondon.

Quando do combate da Armação, pela primeira vez, na História da Artilharia, foi empregado pelo General de Villeroy, o teodolito, para o uso da pontaria nos tiros indiretos, até então desconhecidos. Este fato foi de tal importância, nas artes militares, que provocou a vinda ao nosso país de uma missão especial da Alemanha (fatídica Alemanha), para estudar os processos de emprego desse instrumento com esse fim, pelo general, surgindo então a luneta de peça e de bateria, os atuais goniômetros, os quais foram usados, em primeiro lugar, pelo Brasil e pela Alemanha.

Esse Chefe militar, o General de Villeroy, esteve na Lapa, em missão de Floriano, para um sério entendimento com Carneiro, o famoso Chefe. Além do plano de Defesa de Santos e Fortaleza de Itaipú, construiu, no Porto de Santos, parte das Dócas, o que lhe valeu o título de membro honorário da Sociedade de Engenharia de São Paulo.

A apaixonada questão de limites entre S. Paulo e Minas foi resolvida a contento pelo laudo que proferiu o General de Villeroy que se tornou mais uma vez conhecido em nossos dias.

E assim, se vão enumerando as benemerências desse general que prestou serviços destacados ao Exército e ao Brasil.

Descerrando esta placa, dou por inaugurada sob o seu simbólico nome, esta avenida, que perpetuará um dos nossos chefes e grande brasileiro que nos é muito caro, ligado a esta Fortificação, pelas suas notáveis virtudes e profícuas realizações.

A "VALLOTTO"



É a Joalheria das GRANDES JOIAS
por PEQUENOS PREÇOS

JOALHERIA VALLOTTO

GONÇALVES DIAS, 16-B

No Rio de Janeiro, o verão ou o inverno são aprazíveis
quando se está hospedado no

ASTORIA HOTEL

antigo Hotel Guanabara

Otima mesa com Menu Dietético sem aumento no preço das diárias que são módicas

PRAIA DO FLAMENGO No. 70, a dois minutos do Centro da Cidade

=====
BANHOS de MAR À PORTA
Faça dêste HOTEL sua residência na Capital da República



TRANSFORMADORES

MONOFÁSICOS E TRIFÁSICOS PARA TODOS OS FINS
Retificadores, Carregadores de Baterias, Motores e Dinamos, Reconstruções e Rebobinamentos

L. J. CHIPAUX & CIA.

Praça Otavio Rocha, 59

Fone 5156 - Caixa Postal 797 - End. Tel. XIPÔ

Porto Alegre - Rio Grande do Sul

Oficina Electro-Mecânica - Coletores, Anéis, Porta-Escovas

659

EXCERTOS

(*Filosofia Militar* — ANDRE' ROUJOU — 1932)
Trad. do Cel. R. B. N.

I

O Tempo, que consolida a união entre províncias, parece alargar continuamente o fôssco que separa as nações. A diferença de linguagem, de cultura, de mentalidade, além da oposição de interesse, cria conflitos que a História registra, suscita rancores que a lenda agrava, de maneira que o Exército permanecerá por muito tempo ainda, para os Estados ciosos de sua honra e da independência, um instrumento de primeira necessidade.

II

E' sempre perigoso causar inveja. Para proteger-se contra a inveja de seus semelhantes, o cidadão pode apelar para o juiz e o policial: um Estado só pode confiar em si mesmo, e quanto mais rico e próspero fôr um país, mais precisa de canhões.

III

Podia gostar-se da guerra quando os soldados profissionais eram os únicos que lhe suportavam os riscos. O serviço militar universal diminuiu algum tanto, e por tôda parte, o prestígio da petulância e o atrativo da epopéia.

IV

Não se pode exigir de um exército nacional as qualidades militares de um exército profissional; não é bastante fardar um cidadão pacífico para fazer dêle um soldado.

V

O exemplo dos bravos pode arrastar os que hesitam, mas a fuga dos pusilânimes pode igualmente arrastar os bravos.

VI

A aspereza tradicional da linguagem militar provém do hábito das vozes de comando que, por definição, devem ser curtas e enérgicas. Mas, quando essa rudeza degenera em violência e grosseria, tem origem menos honrosa, e explica-se pela situação privilegiada do superior que, num meio onde a hierarquia é bem marcada, a autoridade rigorosa e a reclamação prenhe de riscos, pode ultrajar impunemente o inferior desarmado pela disciplina. Tratar sem consideração aquêles de quem nada se tem que temer é, para os homens destituídos de nobreza ou de educação, uma tendência muito comum; e é penoso dizer-se que êsse abuso não se produziria se os que se vêm condenados a suportá-lo tivessem o direito de responder como convém.

VII

Permanecer impassível na posição de "sentido", quando se recebem críticas ou advertências grosseiramente enunciadas, é tanto mais honroso quando o homem capaz dessa atitude tem valor e altivez. O silêncio do subordinado é, no caso, uma lição para o chefe; e aquêle que não tiver em tal momento a força necessária para dá-la, não pode gabar-se de ter espírito militar.

VIII

Quem dá uma ordem deve lembrar-se de que há duas razões para que seja mal executada, ou não o seja inteiramente: a primeira é a diversidade dos espíritos que faz com que a idéia se deforme, quase sempre, ao passar de uns para outros; a segunda é a tendência natural que induz a maioria dos homens a não obedecer quando não são vigiados. Daí, a necessidade de, primeiro, assegurar-se de que se foi bem compreendido, em seguida, fazer intervir constantemente o olho do chefe, de maneira a convencer todos, soldados e quadros, de que a execução de qualquer ordem será sempre controlada.

IX

Pode dizer-se que a iniciativa, às vezes, é como navalha em mãos de macaco. Salutar, quando exercida por homens capazes de utilizá-la bem, pode, em caso contrário, tornar-se extremamente perigosa. É preciso admitir, entretanto, que a imensa maioria dos quadros franceses é dotada de bom senso bastante para encontrar, em casos imprevistos, uma solução se não genial, pelo menos aceitável, e cuja execução rigorosamente prosseguida, é susceptível de produzir bons resultados.

E' preciso lembrar, também, que na guerra, somente a inação é infamante, e que nada pode ser mais funesto do que esperar ordens enquanto a oportunidade passa ou quando o perigo é premente. A iniciativa deve, portanto, ser incentivada em todos os graus de hierarquia militar. Mas, para habituar os quadros a exercê-la, é preciso renunciar a louvar somente quando os resultados são felizes. Muitos chefes subalternos sentir-se-iam ditosos por darem provas de iniciativa. A maioria, no entanto, se abstém porque sabe, por experiência, o que os espera em caso de mau êxito.

X

Deixar a iniciativa a seus subordinados não consiste em abandonar-lhes os deveres e responsabilidades privativas do comando e, em presença de uma dificuldade, dizer friamente e sem mais explicações: "Faça o que fôr preciso e comunique-me depois."

XI

O hábito de ser obedecido sem discussão leva, às vezes, certos chefes a esquecer as realidades e a exigir mais do que seria razoável. É este um dos lados ridículos e até odiosos da vida militar. — "É preciso que lustres esse cinturão — Meu sargento, nós não temos graxa — Arranje-se... — No curso da última guerra, um general chamou um major e, mostrando-lhe uma crista a mil e duzentos metros, diz: "Ide tomá-la com vosso batalhão. — Bem, meu general. — Deixareis a minha disposição uma das companhias. — Meu general, já tenho uma destacada em B... — E então? — Restam-me apenas duas. — Atacai com duas. — Bem, meu general."

A posição a conquistar estava fortemente ocupada, e ninguém ignorava isto. As duas companhias, destroçadas em alguns minutos, refluíram para a base de partida em lastimável estado. O comandante do batalhão e dois capitães selaram com a vida a obediência. A posição foi conquistada somente muito mais tarde por uma divisão, com severas perdas. Nessa ocasião, o general não estava mais lá...

XII

Dos três elementos de que depende a carreira de um oficial: mérito, proteção, circunstâncias, somente o primeiro, por si só, não o faz avançar.

XIII

Para vencer, é menos necessário ter muito mérito, do que saber explorar o que se tem.

XIV

É lamentável que uma promoção por merecimento provoque indignação; mais lamentável ainda, é que provoque hilaridade.

XV

Com um cavalo brioso e de bons jarretes, salta-se um obstáculo; se a montaria não inspira confiança, contorna-se. As duas soluções são aceitáveis. Deve-se, segundo o caso, escolher uma ou outra. O que é preciso é não ficar diante do obstáculo, a pensar se se deverá saltar ou não. Assim é, também, na guerra: é melhor optar pela decisão que se adapta aos meios de que se dispõe: mas é preciso escolher uma.

XVI

“Na dúvida, abstem-te”, não é princípio aplicável à guerra.

XVII

Os princípios essenciais em que se baseiam os regulamentos militares, são fruto de uma experiência milenar. A historia das guerras cria uma espécie de jurisprudência, que nada poderá ter de imperativa, mas que é perigoso desconhecer. Todavia, apesar do respeito, que impõem, os regulamentos não dispensam o chefe de pensar nem de ousar. Acima dos dogmas, há a vida presente com suas realidades, a guerra com suas situações trágicas; há a Pátria, cuja salvação é a primeira de todas as leis. Cumpre não alimentar a pretensão de impôr um processo, quaisquer que sejam as circunstâncias. A arte consiste, ao contrário, em adaptar o processo às circunstâncias. O que é preciso, é vencer, custe o que custar, e por todos os meios. Um chefe deve mesmo ter coragem, quando estiver convencido de que a vitória exige êsse preço, de violar os princípios mais sagrados da guerra, ainda que, em caso de insucesso, se arrisque à côrte marcial e à execração pública.

Quando não se fôr capaz dessa audácia, é melhor limitar as ambições, contentar-se com um papel modesto, e deixar a outros mais audazes os grandes comandos.

XVIII

A dificuldade principal dos problemas de guerra, é que devem ser resolvidos em condições de rapidez anormais, muitas vezes em meio ao fragor e do perigo; outras vezes depois de jornadas fatigantes e de noites sem dormir. Daí, a importância das qualidades físicas e do espírito de decisão indispensáveis nos chefes.

XIX

É elegante para um chefe ser inflexível e rigoroso, cuidar sem alardes dos interesses e do bem estar de seus comandados, e regular seu procedimento por este conceito de Antístenes: "E' um prazer de rei fazer o bem e ouvir falar mal de si".

XX

A qualidade dos quadros deve corrigir os defeitos da tropa.

XXI

Na guerra, mais ainda do que na vida ordinária, é preciso agir, e não agitar-se.

XXII

Para poder gabar-se da própria experiência, não é bastante ter visto muitas cousas: é preciso, também, ter compreendido. Sabe-se que o muar de Lamoricière tinha várias campanhas, mas nunca passou de um muar.

XXIII

Um chefe, na maioria das vezes, não adquirirá senão pela aplicação, pelo esforço pessoal de todos os momentos, as qualidades morais que lhe são necessárias. Todo homem recebe duas educações: a que lhe dão os outros e a que ele dá a si mesmo. É esta que mais importa.

XXIV

Não há homem sem defeito. Não admitimos, entretanto nenhuma limitação no conceito que formam a nosso respeito. Aceitamos os elogios, mas não queremos restrições. O segredo das notas podia proporcionar a certos chefes a oportunidade de prejudicar impunemente seus subordinados. A comunicação obrigatória dos conceitos emitidos coloca quem os formula nesta alternativa: ou faltar à sinceridade, ou fazer inimigos.

XXV

Apesar da variedade e da potência sempre crescentes dos engenhos de destruição, há hoje, duas razões para que uma guerra seja longa: a primeira, é que um exército nacional mantém seus efetivos mediante a chamada de novos contingentes e a recuperação dos feri-

dos e doentes, a segunda, é que enquanto o exército se bate, uma multidão de cidadão e cidadãs não mobilizados, cuidam somente de seus negócios, enriquecem sempre, e desejam "que isto dure".

XXVI

Tem-se escrito que uma tropa de jumentos comandada por um leão triunfaria de um bando de leões comandado por um jumento. E' uma opinião, e nada mais. E ainda assim, muito discutível. Nem sempre é o chefe que ganha ou que perde as batalhas. A superioridade de um chefe militar sobre seu adversário nunca será tal que possa compensar a inferioridade de seus próprios soldados; as combinações mais engenhosas abortarão forçosamente se faltar ânimo aos executantes, ao passo que a solidez e o ímpeto das tropas podem resgatar os erros do comando. Parece justo admitir, então, que, em igualdade de armamento, os soldados dignos dêsse nome, embora menos bem comandados, dominarão sempre uma milícia. "É o valor das tropas que decide as situações, em última instância", dizia outrora um regulamento francês de combate.

XXVII

Em 1870, nossa infantaria, fascinada pela superioridade de seu armamento, busca posições de tiro, aferra-se a elas, e não manobra mais. Resultado: perdemos a guerra. A lembrança dessa defensiva calamitosa obceca o espírito de nosso estado-maior, e a ofensiva tornou-se o princípio sacrossanto e a palavra de ordem de nossos exércitos.

Durante quarenta e quatro anos, exalta-se e impõe-se a ofensiva. É vedado conceber outra tática, mesmo em esgrima. Um oficial que, num "trabalho de inverno" teve a idéia de demonstrar as vantagens eventuais da defensiva, foi julgado um espírito perigoso.

Chega a grande guerra. Depois de Gravelotte, o mundo marchou. A ciência também. As armas automáticas têm um poder destruidor que o Chassepot e o canhão de 12 estavam muito longe de possuir. Nutrido de princípios ofensivos a todo custo, nosso exército vê seus ataques se desmoronarem contra um material de guerra cuja potência só então se nos revela. Os batalhões carregam a oitocentos metros, e são ceifados desde os primeiros passos. Os cavalos de nossos cavaleirianos vão chocar-se contra rêdes de arame flanqueadas por metralhadoras invisíveis, enquanto nossas baterias de 75 são desmontadas a grandes distâncias pelos canhões pesados do inimigo.

Abrem-se, então, os olhos. A verdade ressalta. Compreende-se que, de todos os elementos que concorrem para a potência de um

exército, somente a formação moral dos homens pode ser obtida mediante processos mais ou menos invariáveis, mas que os processos de combate devem evoluir paralelamente com os progressos do material; que a ofensiva, sempre recomendável, está votada à morte, se um bombardeio intenso não lhe abrir o caminho, e que a tática que nos teria salvado em 1870, vai perder-nos em 1914. Pára-se; todos se enterram; fortificam-se. Adeus batalhas napoleônicas, cavalgadas em furacão! Passa-se da guerra de movimento à guerra de sítio, para ter tempo de fabricar os canhões e as munições que faltam.

Aos homens incumbidos de preparar a guerra, é indispensável um espírito objetivo, clarividente, capaz de discernir as realidades e afastar as verdades caducas. Para estabelecer a doutrina e elaborar o plano convenientes, terão agora que se inspirar, não nas lições do passado, mas nos progressos constantes da ciência, e lembrar-se de que, hoje, o primeiro, se não o único, ensinamento a reter de uma guerra, é que a seguinte provavelmente não lhe será semelhante.

XXVIII

“Não tenho necessidade de alimentar esperanças nem de triunfar para perseverar”, disse o Taciturno. A frase é lapidar, e o pensamento discutível, sobretudo quando aplicado à guerra. Dos dois princípios que encerra, o primeiro não ao exame. Empreender uma operação sem nenhuma esperança de levá-la a bom termo, seria loucura ou estupidez. Para que nos serve a razão? Se a natureza não-la deu, foi sem dúvida para que pudéssemos evitar de lançarmo-nos às cegas e de gastar inútilmente nosso tempo, o esforço e o sangue de nossos soldados.

Quando o Taciturno criou a marinha dos “Vagabundos do Mar”, esperava certamente que ela servisse para alguma cousa, e é muito provável que não se encontrasse em sua vida de homem de guerra uma única decisão que não fôsse justificada por alguma esperança, confessada ou secreta.

Quanto ao segundo princípio, é preciso reconhecer que é digno de respeito. Exalta a tenacidade, a constância perante os reveses, e incute nos homens a força necessária para marchar direito ao fim, contra ventos e mares, não se deixar desencorajar por cousa alguma e ganhar a última batalha. Exprime, sob forma diferente, uma verdade desde muito tempo conhecida e proclamada por nossos estados-maiores: que na guerra, mais vale prosseguir com tenacidade num plano embora medíocre, do que mudar o estabelecido.

Mas, apressemo-nos em dizer, indiscutível nos tempos de outrora, esta verdade não constitui mais um artigo de fé. Mesmo em 1870,

custava caro encarniçar-se nos empreendimentos imprudentes. A destruição da brigada de Wedell, a 16 de agosto, e da guarda prussiana no dia seguinte, são a prova disso. Hoje, diante dos engenhos de guerra de que os exércitos dispõem, perseverar no erro não é diabólico: é desastroso. Um plano defeituoso conduz direta e muito rapidamente à ruína e, se se cometeu a falta de engajar-se mal, o único meio de evitar a destruição, é tomar, o quanto antes, outras disposições. Fizemos, desde o início da guerra, êste sacrifício. Em sua avalanche contra Verdun, os alemães repetiram os ataques com magnífica tenacidade e convencidos de que lhes valeriam a vitória: sacrificaram centenas de milhares de homens, e perderam a partida.

XXIX

Não se pode negar que haja espíritos nascidos para perceber a floresta, e outros que só podem ver as árvores. Os primeiros, são os aptos para os grandes comandos. Os segundos, podem superá-los nas emprêsas subalternas. Uns e outros são necessários. Mas é preciso que cada qual esteja em seu lugar.

XXX

Na guerra, o mais difícil nem sempre é saber que decisão se deve adotar: é, às vezes, ter a ousadia de adotá-la. Ha casos em que a solução imposta à razão é de tal maneira terrível, que chega a parecer milagre encontrar-se um homem capaz de decidir-se por ela. E só se faz idéia da grandeza dêsse homem, quando êle é generalíssimo e tem nas mãos a sorte do país.

XXXI

O exército deve ser a escola de patriotismo, e todos procuram incutir nos conscritos o amor da Pátria. Mas, desde que se trata de definir a Pátria, é preciso recorrer a circunlóquios, cujo sentido escapa a muita gente. De dez francêsês, seis nada percebem dêsse cáos. Nossos oficiais, quando desenvolvem o assunto diante dos soldados, torturam o espírito para fazer penetrar nesses cérebros, pouco cultivados, idéias que sômente uma boa instrução geral permite apreender. Essas conferências podiam ser vantajosamente substituídas por exercícios de ginástica. São muito morais, ninguém contesta. Mas o patriotismo não é fenômeno de ordem moral. Não pôde ser destruído pela propaganda dos anti-militaristas, nem revigorado por teorias regimentais. Depende, antes de tudo, da fisiologia. O patriotismo não é um sentimento nem uma doutrina; é um movimento reflexo que só o movi-

mento provoca; uma força latente cuja existência nada revela em tempos ordinários, e que cada qual traz em si, muitas vezes sem saber. Manifesta-se a ameaça estrangeira e, como a pólvora à qual se chega a chama, a energia adormecida desperta e explode, o instinto de conservação do grupo reage, um sôpro irresistível passa, e faz vibrar os nervos a todos, arrastando no mesmo turbilhão as gentes mais pacíficas; e nêsse momento, mais de um sente-se patriota como ninguém suspeitava. Foi assim, pelo menos, que as cousas se passaram sempre na França, em 1914 como em 1792, na época de Malplaqué, como nos tempos de Joana d'Arc.

XXXII

Muitos chefes parecem ignorar que a autoridade de que foram investidos tem por objeto fazer respeitar os regulamentos e não a satisfação de seus rancores pessoais. Parece-lhes natural, quando se julgam com razões contra um subordinado, mesmo por motivos estranhos ao serviço, aproveitar a primeira ocasião — que podem, aliás, provocar facilmente — para infligir-lhes uma punição, a qual não é na realidade senão uma vingança disfarçada. É o processo que, em linguagem de quartel chamam “esperar na volta”. Não é, como se poderia crer, monopólio dos chefes inferiores. Aplicam-no, mais ou menos por toda parte, até nas regiões mais elevadas da hierarquia. Por haver declinado de um convite do coronel, por ter desagradado a esposa de um alto chefe, muitos oficiais viram suas notas mesquinamente modificadas e, às vezes, até suas promoções prejudicadas.

Esse abuso de poder, inerente à natureza humana, comete-se diariamente tanto nas hierarquias civis como nos exércitos. Desaparecerá somente quando aquêles que são investidos de funções de mando se compenetrarem desta idéia: — que em cada um dêles, o homem público deve ignorar o homem privado, que as paixões que possam atingir êste não podem agitar aquêles, e que, guardadas as devidas proporções, “não é ao rei de França que incumbe vingar as injurias ao duque de Orleans.”

Grande Baratilha

De

ORESTES DALLE MOLLE - GRAMADO

5.º dist. de Taquara — Rio Grande do Sul — Brasil — Fone n.º 2.

Grande sortimento em: Fazendas, Miudezas, Ferragens, Tintas, Louças, Vidros, Secos e Molhados.

Compra Generos Coloniais

Correspondente do Banco Industrial e Comercial do Sul S. A.

Agente da Standard Oil Company of Brasil — Vende unicamente á Vista.

"CASA MIRANDA" Vidros e Papeis Ltda.

Grande stock de vidro plano nacional da "COVIBRA"
Importação — Fabrica de Biseautar, Espelhar e Gravar — Exportação
22, Rua Evaristo da Veiga, 22 — PAPELARIA — Quadros — Molduras
Espelhos — Tels.: 22-5527 e 22-5908
49, Rua Evaristo da Veiga, 49 — VIDRAÇARIA — Telhas — Ladrilhos
Cristais — Tels: 22-3226 e 42-6567
Fornecimento e colocação em construções. Vidros para Automóveis — P.
dos Arcos, 42 — Tel.: 22-5269. Endereço telegráfico: MIRACOR --
Código: RIBEIRO — Rio de Janeiro.

Cia. Brasileira de Aços Finos S/A

Séde - RUA DA QUITANDA, 20 — 8. andar

*UZINA DE PRODUÇÃO DE FERRO, LI-
GAS E AÇOS ESPECIAIS EM CONSTRU-
ÇÃO NO MUNICIPIO DE NOVA IGUASSU
— ESTADO DO RIO DE JANEIRO —*



*ALTO-FORNO EM CONSTRUÇÃO NO
MUNICIPIO DE JOINVILE ESTADO DE
SANTA CATARINA*

Moinhos Esperança

Dal Molin & Cia. Ltda.

CAIXA POSTAL N.º 640. — Fones: 7333. Gerencia; 4772, Expediente.
Escritorios: — Rua Ernesto Alves n.º 169. Moinhos: Avenida Farrapos, 461
Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.
ENDER.: Teleg. — Fonogr. — MOAGEM
COD.: Rib. Borges Colón, ABC 5.º e 6.º Ed. Mascote
MOAGEM DE TRIGO E DE MILHO



S. Sebastião, em carpanha, à frente de suas tropas

S. Sebastião

(20 de Janeiro
de 288)

PATRONO DAS TRO-
PAS DE GUARDA



Gen. SILVEIRA DE MELO

NAQUELE TEMPO... — S. Sebastião é um dos mais conhecidos e estimados heróis cristãos. Não ha igreja ou oratório em que êle não figure, semi-nú, amarrado a uma árvore, crivado de flechas. De onde vem esta estima pelo Santo? De sus altos méritos, de sua conduta airoza como soldado, de sua elegância e destemor diante da morte. Sua lealdade e impavidez geram simpatia e emulação.

Sebastião nasceu, de uma família cristã, em Narbona nos meados do século III, no ano 250 na opinião de muitos. Seu pai era provavelmente oficial da legião romana que guarnecia aquela região das Gálias. Sua mãe, natural de Milão, retornou a esta cidade, talvez por morte do esposo, quando o filho era ainda jovem. O rapaz aí educou-se nas letras e na religião. Sua fé, alentada pelos conselhos maternos, consolidou-se no convívio da elite cristã que florescia ao norte da península.

Havia quase três séculos que a Igreja vivia perseguida e humilhada. Nenhum delito se podia argüir contra os cristãos, a não ser o de recusarem adoração aos falsos deuses. Sua conduta civil e doméstica era irrepreensível. Causava admiração êles confessarem destemidamente uma fé — considerada loucura, e de como se portavam pacificamente, alegremente até, sem protestos, nas prisões, nos trabalhos forçados e nos suplícios. Nunca seu nome foi envolvido numa sedição, numa revolta, numa trama contra o poder, que eram tão frequentes naqueles tempos de opressão e desmandos. E, todavia, os cristãos estavam fóra da lei. Sem embargo das perseguições quase incessantes, no fim do III século já se haviam disseminado por todas as províncias do império, e eram êles que davam relêvo desconhecido a certas virtudes domésticas e sociais que haviam florescido, mas desapareceram, com os Cincinatos e as Cornélias, nos áureos tempos de Roma.

A depravação dos costumes, a corrupção administrativa, o despotismo governamental eram de tal monta que a doutrina do Nazareno — feita de pureza e de honra — não podia ser tolerada nesse meio deletério. Ademais, como os cristãos não se podiam defender em público, nem travar polêmicas contra os seus detratores, teciam-se as mais absurdas e ridículas versões de sua doutrina e de suas práticas litúrgicas.

Por vezes, a clemência de certos governantes punha trégua às perseguições, mas os rigores da lei nunca foram atenuados, de sorte que surgiam amiude caçadores de espólios, que fiados nas promessas dos imperadores, farejavam indícios de



S. SEBASTIÃO

Exclusividade da UCM

SÃO SEBASTIÃO, PATRONO DAS TROPAS DE GUARDA

prosselitismo cristão nas famílias abastadas, para, denunciando-as, poderem partilhar dos bens confiscados.

Já se contava por milhões o número de mártires. De S. Pedro — 1.^o Papa, até S. Caio, que governou a Igreja de 283 a 295, contam-se 28 Papas, todos mártires. Quem fôsse acusado de ser cristão, ou renunciava a fé publicamente aos pés de um ídolo, ou sofria tormentos e morte indiscreíveis. Os cristãos refugiavam-se em grotas e subterrâneos para celebrarem os atos do culto e valiam-se de enormes recursos de discrição e prudência para viver em público. Os presbíteros faziam-se médicos, vendedores ambulantes, afim de encontrarem vaza para o exercício de seu ministério. Apóstolos fervorosos de todas as classes sociais, nos dias de perseguições, saíam a campo, destemerosamente, para confortar os fracos, encorajar os tímidos, animar os encarcerados, resgatar os corpos dos mártires para lhes dar sepultura condigna, e repartir o pão eucarístico nos domicílios e prisões. Jovens da melhor linhagem ingressavam no Exército, nos quadros da administração para propagarem a fé nos setores elevados e alimentarem a constância dos catecúmenos onde não podia chegar a palavra dos presbíteros. Foram eles os pioneiros da “ação católica”, heróis inflamados pela causa do bem.

OS SOLDADOS CRISTÃOS NA “ERA DOS MÁRTIRES”. — Fazendo-se soldado aos 19 anos, carreira abraçada pela melhor sociedade romana, Sebastião visou uma profissão honrosa que lhe permitia, tomando a defesa do Império contra os inimigos de fóra, concorrer na sua exaltação política e moral pela implantação do cristianismo.

Ainda ha pouco deixara um traço indelevel de fé e de bravura em toda a Itália, por onde passara, a invicta legião de São Maurício, sacrificada totalmente além dos Alpes. O sangue desses mártires era um veemente apêlo endereçado aos cristãos para a profissão militar, visto que podiam levar nos mesmos feixes darmas o sabre que abate os corpos e a cruz que eleva as almas.

As revoltas que nesse tempo rebentavam nas províncias obrigavam os imperadores a reforçar freqüentemente as Legiões, ora das Gálias ora da Síria. Eram dois centros de reunião de forças, cujas guarnições se articulavam para atender a qualquer direção, naquelas bandas, onde o prestígio romano estivesse ameaçado.

Não fosse assim, como assegurar a soberania romana nas longínquas províncias conquistadas, em um tempo em que os transportes e transmissões de informações eram de tal modo incertos e demorados que, freqüentemnte, as providências não chegavam a seus termos ou caducavam diante de fatos consumados? Por isso mesmo, várias vezes, os imperadores associaram o poder a um ou mais cooperadores, no sentido de, assim conjugados, poderem assegurar a solidez do império.

Exatamente assim procedeu Diocleciano durante o seu reinado (284-305). Deixou-se ficar em Nicomédia com o império do Oriente e outorgou em 286 à Maximiano Hércules o império do Ocidente. Em 292 associou mais 2 comparsas, Galério, seu genro, para a Pérsia e Constâncio Cloro para as Gálias.

Foi durante o governo destes imperadores que se desenrolou uma das mais terríveis perseguições contra os cristãos. Foi chamada a "era dos mártires". Fizeram-se tantas vítimas e a caça aos cristãos foi tão generalizada, que, no fim de seu reinado (305), por escassearem ou desaparecerem as vítimas, Diocleciano deu por extinto o nome cristão da face da terra e mandou erigir um monumento comemorativo com estes dizeres: "nomine christianorum delete".

Sebastião tornou-se pela fé um dos mais valorosos militares do seu tempo. Era oficial de confiança de Diocleciano. Fez sob o seu comando as campanhas vitoriosas contra os germanos, ao Norte e contra os persas, além do Mediterrâneo; tal era o seu nome que Maximiano pleiteou-o com instância para o seu serviço e pô-lo, como Tribuno, à frente da "Coorte Prima" (1) da Legião que fazia a guarda imperial em Roma.

Assim que Maximiano assentou o seu poder na cidade eterna, reavivou-se com extrema ferocidade a perseguição contra os cristãos. O circo regorgitava de espectadores, ávidos de contemplar esta bárbara cena: Cristão pacíficos serem trucidados pelas feras. Por ordem do Pontífice S. Cáio, a juventude cristã refugiara-se nos campos. Dos que restavam livres, só ficara em Roma um grupo de presbíteros, de matronas dedicadas e alguns poucos cristãos experimentados para assistirem aos encarcerados e darem ânimo aos prossélitos incipientes.

Sebastião valia-se de sua autoridade e de sua coragem para correr a toda parte onde podia vacilar a fé dos catecúmenos e dos fracos. Foi titulado, por S. Cáio, "Defensor da Igreja", nobre credencial a que devem fazer jús em nossos dias os membros da "Ação Católica". Nas prisões, nos quartéis, nas catacumbas, nos vilarejos dos pobres, onde se fazia mister uma palavra amiga, uma exortação, o auxilio de uma bolsa, um conforto moral a presença de Sebastião operava maravilhas. Foi êle nesse tempo o esteio dos confessores e dos mártires. Cristãos que estavam quase a fraquejar nas prisões, êle socorreu e reanimou, operando milagres tais, por cuja evidência, Cromácio, Prefeito de Roma, Nicóstrato, escrivão do tribunal, fizeram-se cristãos, trazendo para a fé e o martírio as suas famílias e sua clientela. O próprio carcereiro, Cláudio, e muitos guardas da prisão transformaram-se em mártires.

NA ENCRUZILHADA DO DEVER — Afinal chegou também a vez do valoroso soldado. Levaram ao Imperador a denúncia de que o Tribuno de sua preferência, Chefe de sua guarda, era cristão, propagador da fé e fazia enorme prosselitismo nas fileiras do Exército e no meio civil.

Causou surpresa a Maximiano um official tão brilhante e austero como Sebastião pudesse pertencer à seita dos nazarenos, desprezada pela sociedade e proscrita pelas leis do império. Ademais, gosava êle de uma tal confiança que semelhante conduta revestia o carater de traição e de ingratidão.

— Que ouço dizer de ti, Sebastião ? Assim é que respondes à situação de relêvo em que te coloquei na minha côrte, traindo a minha confiança e provocando contra mim a cólera dos deuses ?

O destemeroso soldado confessou respeitosamente, mas com dignidade, que na fé cristã é que hauria os motivos de sua retidão militar e de sua lealdade à pessoa do imperador; que sua religião viêra do berço e que nos longos anos em que servira e combatera, a seu lado e no de Diocleciano, fôra sempre impellido pela lealdade aos Chefes e pela honra ao dever militar, a que estava obrigado como cristão.

— Cerque-se V. Majestade de soldados cristãos e ver-se-á cercado de fidelidade sem artifício e de bravura que não tráe.

Aquele imperador brutal e tirano não podia compreender, bem como os homens de seu tempo, que na doutrina do Nazareno ha mais fôrça de sujeição às leis do Estado, ha mais respeito à autoridade, ha mais adesão à disciplina e à ordem que no temôr dos códigos e no acêno às distinções e aos prêmios.

-- O que o nosso Deus, único e verdadeiro Deus, nos manda, Majestade, é a exclusividade no seu culto e a prioridade no seu amôr, que está acima de todos. Desse culto, porém, e desse amôr decorrem, como de uma fonte viva, este duplo mandamento: — “dignifica teu pai e tua mãe!”, “obedece á autoridade e honra ao rei!”, porque o mandamento cristão que ordena: “amai a Deus sôbre todas as coisas!”, me ordena também: “dai a Cezar o que é de Cezar!”. Sossegai, senhor, que a doutrina do Nazareno é a melhor garantia do Estado e o apoio mais seguro de vosso trôno. Tanto a paternidade como a autoridade vem do alto, do mesmo Pai e Senhor que está nos ceus e que, aos Chefes como aos genitores, delega o poder de govêrno e de assistência, para as gestões civis e domésticas, tudo, porém, em vista de um destino eterno.

Maximiano passou por cima daquelas razões de conciência e de lógica que esse oficial valente e fiel lhe vinha de assegurar em palavras, razões que tinham plena confirmação nos assinalados serviços que lhe prestara sempre, com lealdade e

dedicação inexcusáveis. Supersticioso e cruel, esqueceu-se das provas de fidelidade do servidor sem mácula, para somente dar aso às insinuações da dúvida e da desconfiança, que turbilhonavam em seu cerebro pagão. Não podendo explicar-se da extranha conduta de seu Tribuno, imaginou-o subornado pelo ouro da seita perseguida e envolvido nalguma trama contra a sua pessoa.

Que outro pensamento poderia nutrir, se a profissão de fé de Sebastião lhe parecia em completa opposição com o seu passado? Como, assim de momento, lhe poderiam entrar na cabeça as razões expendidas pelo official cristão, a não ser por milagre, quando o seu cerebro estava saturado das veleidades pagãs? Em tais circunstâncias, como admitir qualquer mudança no pensamento do tirano, ou na filosofia do seu meio social? Eis porque sua decisão só poderia ter um sentido: a morte do acusado, mas morte por suplício lento e penoso, como convinha a um traidor, para escarmento público.

SOLDADO CRISTÃO DEANTE DA MORTE — A sentença foi esta: — Amarrado a uma arvore da praça pública, serviria de alvo aos melhores flecheiros da legião. Os atiradores não deviam tocá-lo, ao vivo, senão nos braços e nas pernas, e, somente ao de leve, à maneira de farpas, nos peitos e no ventre.

Foi escolhida uma centúria de sagitários mouros da coorte africana. A tropa de Sebastião foi excluída da execução de seu Chefe. Cristã como êle, mas ignorada como tal, a Coorte Prima do seu mando, teria repetido certamente, como a Legião Tebana, o martírio coletivo.

O Centurião mauritano escalou os flecheiros exímios que se haviam destacado nos tornêios do circo e pô-los a 50 passos do mártir.

— Soldo dobrado a quem não errar o alvo, advertiu êle.

Um a um iam sendo retezados os arcos e as flechas certezas partiam sibilando, para encravar-se no corpo do mártir, ou passavam zunindo, riscando-lhe a epiderme. Os flecheiros se revezavam e desferiam novas setas, que, uma a uma, iam

crivando o róseo alvo, do qual ficavam pendentes como atestados de bôa pontaria. O corpo do mártir acusava cada impacto com um ponto escarlate, que se via aflorar, um a um na epiderme; entumeciam e deslizavam suavemente como rubins líquidos.

Quando os feixes darmas ficaram vãos de flechas, o centurião mouro mandou recuperar no corpo do mártir as que já haviam sido disparadas, o que lhe constituiu dobrado suplício, visto que, muitos ferros eram munidos de fiskas como anzóis, os quais, quando arrancados, dilaceravam as carnes.

O suplício foi longo, constituindo um espetáculo de gênero esportivo muito do agrado do populacho, afeiçoado aos tornêios bárbaros do circo. Sebastião permaneceu airoosamente, atitude ereta, como se estivesse a comandar a tropa. Ele rezava pela Cidade Eterna e pelos seus camaradas que o matavam em pura ignorância. Nenhum gemido. Somente uma ligeira contração se lhe notava no rosto a cada golpe. Os seus olhos serenos foram a pouco e pouco esmorecendo, até que postos nos ceus, num derradeiro esforço, a sua cabeça vasculhou e caiu para o peito. O cirurgião, militar apalpou a carótida do mártir. Cessara de pulsar. A' voz do centurião, os arqueiros afrouxaram os arcos e recolheram as flechas. Cortaram-lhe as cordas, conforme o costume, e Sebastião caiu exanime no chão, regado pelo próprio sangue.

Uma piedosa viuva, de nome Irene, mãe do mártir Castulo, sabendo da ocorrência, misturaram-se com os espectadores e, aproximando-se do Centurião, acenou-lhe com uma bolsa. O africano compreendeu o sinal.

— Sois parenta dêle? Podeis levar o cadaver. Está bem morto. A nós não interessa que os cães o devorem ou que o leveis à sepultura.

DESAFIANDO NOVO MARTÍRIO — Irene e outras matronas apoderaram-se do corpo do mártir para lhe dar con-dignas exéquias. Enquanto lho ungiam e vestiam para o sepultarem, notaram-lhe uns leves sinais de vida. Foi então agasalhado e pensado com o maximo carinho. O velho Policarpo,

presbítero e médico, prestou-lhe os socorros da ciência e da religião, e, a pouco e pouco, aquele corpo, pontado de chagas, começou a reavivar-se. No fim de um mês estava de pé, mas desfigurado e esquelético. Quando os cristãos imaginavam celebrar com ações de graças a ressurreição do mártir e afastá-lo para o campo, êle resolveu buscar ensejo de avistar-se com Maximiano, afim de provocá-lo a repetir o martírio d forma cabal. Essa resolução viera alimentando o valoroso soldado à medida que suas forças se vinham revigorando:

— Martírio frustrado, pensava Sebastião. Eu que tantas vezes lutei contra a morte nos campos de batalha, vejo-me agora repellido por ela, quando estava prestes a conquistar a corôa da gloria.

Veio-lhe à memória a impavidez da mãe dos Macabeus, de Santa Felicidade, simples mulheres, à vista de seus filhos despedaçados pelos algôzes. Lembrou-lhe o venerando Bispo Santo Inácio, enviado preso de Antióquia para ser exposto em Roma às fêras, o qual, receando o quizessem sequestrar os cristãos, para o isentarem dos suplícios, em atenção à sua avançada idade, suplicava com lágrimas que não o deixassem perder tão risonho ensejo de identificar-se com Cristo pelo martírio, pois a maior aspiração que alimentara em vida outra não fôra que de ser moído pelas mandíbulas das fêras, tal qual o trigo sob as mós, para ser, como puríssimo pão, oferecido a Jesus Cristo.

Certo dia, iludindo a vigilância dos amigos e dos guardas, embóra debilitado pelos ferimentos, Sebastião postou-se num desvão da entrada do palácio, ao tempo em que o imperador chegava para as audiências. Assim que o defrontou, lhe foi dizendo, não mais com a reverência de antigo oficial a que estava obrigado, mas com a liberdade que lhe déra a destituição e o martírio :

— Olha para mim, Maximiano! Não sou fantasma, sou Sebastião mesmo. Voltei da morte para prevenir-te que a espada da justiça está prestes a cair sobre tua cabeça afim de vingar o sangue inocente dos cristãos que vens derramando com

inaudita crueldade. Arrepende-te, miseravel e renuncia os falsos deuses. Se não te decidires pelo Deus verdadeiro e único, que é o Deus dos Cristãos, conta que serás maldito pelo ceu e pela terra.

Surpreendido por esta insólita aparição e pela tremenda exprobação que recebia em público de um homem que julgava morto, estremeceu de furor o ímpio monarca, como panteira acuada.

— Agarrem-no! vociferou Maximiano. Onde está Hifaz, o Centurião negro? Dar-me-á conta por que sortilégio o deixou com vida.

— Não foi por magia que recuperei a vida, tornou Sebastião, mas por mercê de Deus, a quem afrontas com tuas crueldades, para que sintas o seu poder insuperavel. Não é preciso que me agarrem. Sabes que nunca temí o inimigo, nem jamais tremi diante da morte. Escolhe a nova sorte do suplício que me destinas. E' a isso que aqui venho, como quem reivindica o penhor de uma vitória.

Fulo de raiva, Maximiano apontou a Hifaz o mártir:

— Arrastem-no ao circo e deem cabo dêle a bastonadas!

Uma Decúria de mauritânos hercúleos se apoderou da vítima impávida e indefesa e a arrastou ao circo, situado ao lado do palácio. Ali, ao luzir de um sol de primavera, na própria arena em que os mártires costumavam ser dilacerados pelas feras, o corpo de Sebastião foi despedaçado aos golpes dos bastões, assim como se bate a palha do trigo para arrancar-lhe o precioso grão. Por fim, o Centurião lhe deu o golpe de estilo na frente, o "ictus graciosus". Seu sangue ensopou o solo do célebre recinto, misturando-se com o sangue de milhares de mártires que o precederam naquela arena de herois sacrificados.

Os corpos dos sentenciados costumavam ser jogados ao Tibre ou ficar expostos aos cães e corvos no alto das colinas. Desta vez, porém, Maximiano, querendo assegurar-se contra qualquer novo ardil dos cristãos, deu ordens severas para que

o corpo do mártir fosse jogado secretamente no coletor de esgotos de Roma.

A guarda de africanos transportou o cadaver para a caverna e alta noite lançou-o num poço que conduzia àquella calha subterrânea. O corpo, porém, ficou suspenso numa trave e o santo aparecendo à piedosa matrona Lucinda, esta, de parceria com Irene e outras mulheres cristãs, guindaram-no para fóra, pela madrugada, e o sepultaram, como lhes mandara o mártir, nas catacumbas de Calixto, junto aos jazigos onde permaneciam nesse tempo as relíquias de S. Pedro e S. Paulo.

Dessa forma selou o valoroso soldado, com duplo martírio, uma vida belamente vivida em lances de galhardia, de despreendimento e de genrosidade.

Distinguiu-se como grande soldado, nobre cavalheiro, lídimo cristão, paladino da ação católica, destemeroso mártir. Foi amado de Deus a tal ponto que duas vidas lhe deu com que o servisse. E de tal modo Sebastião amou a Deus que, não se contentando em lhe haver sido fiel em tudo, quiz agradecer-lhe as vidas que viveu com o duplo martírio que as selou.

Vê-se ainda hoje no meio das ruínas do Palatino uma Capela artística do nome do Santo, testemunhando o local em que êle desfaleceu varado de flechas.

O Imperador Constantino mandou construir a magnífica basílica, uma das sete maiores basílicas de Roma, para onde foram transportadas mais tarde, em 680, as relíquias do Santo. Por ocasião da trasladação dessas preciosas relíquias desapareceu a terrível endemia que vinha grassando na Cidade Eterna. Por esse motivo S. Sebastião foi erigido em padroeiro contra a peste. A prova de seu valimento contra esse terrífico flagelo verificou-se ainda em 1575 em Milão, em 1599 em Lisboa e alhures em todas as épocas.

CONCLUSÕES

Que devemos imitar em Sebastião?

1.º) *Dedicação à Pátria.* — Fazendo-se soldado, fez profis-

são de devotar-se ao serviço da Pátria, de defendê-la com o risco da própria vida, de servi-la com amor.

2.^o) *Fidelidade ao Dever.* — Sabendo que todo poder vem de Deus, não fazia causa contra a pessoa do Imperador, embora execravel, por conhecer nele a autoridade posta à frente do Estado. Ademais, sua situação como Chefe da Guarda Imperial era um posto de confiança. Um soldado cristão, enquanto veste a farda, não torce nem quebra o compromisso de honra que proferiu um dia diante da bandeira, não conspira, não trae o Chefe.

3.^o) *Austeridade militar.* — Foi por sua retidão e suas virtudes militares que Sebastião se impoz à confiança dos Chefes e galgou os altos postos.

4.^o) *Firmeza de convicções.* — Tendo em conta os favores do imperador e as vantagens de uma carreira brilhante, com que lhe acenava a apostasia, o valoroso soldado preferiu manter sua fidelidade a Deus, embora lhe indicasse o caminho da destituição e do martírio.

Camaradas! Sebastião foi uma consciência réta na trilha do Dever. Imitemos sua dedicação à Pátria, sua lealdade aos Chefes, sua fidelidade à honra militar, sua elegância moral, a firmeza de sua Fé!

NOTAS

Iconografia de S. Sebastião. — São abundantes os motivos de arte suscitados por este herói cristão. Grandes nomes da pintura e da escultura valeram-se de episódios de seu martírio. Numerosos desses trabalhos figuram hoje como obras primas da arte.

Dentre muitos quadros podemos citar: de Bernin, para a Basílica do Santo na Via Ápia, em Roma; de Benedetto da Majano, para a igreja da Misericórdia, em Florença; de A. de Messina, no Museu de Dresde; de Perugin, na galeria Borghese; de Pedro Puget, para a igreja de Santa Maria, de Gênova; de Anibal Carraci, no Luvre; de Ticiano, no museu de Montpelier; idem, no Museu do Vaticano; de Pinturichio, numa abóbada do Vaticano; de Hener, no Luvre; de Montegna, no Luvre; de Van Dycl. "O Santo socorrido pelos anjos", no Museu de Edimburgo; Lucas Giordano, "O Santo socorrido pelas matronas cristãs", no Museu de Dresde; E. Le Sueur, em Tours; Eugênio Delacroix; Hillemacher; J. A. Duval; E. Thirion e tantos outros, a fora as variantes destas pinturas e das estátuas.

A mais antiga imagem do Santo, conhecida, é um baixo relevo de barro, provavelmente do tempo de seu martírio, que foi encontrada na catacumba de Santa Priscilla.

BIBLIOGRAFIA DO SANTO

E' muito numerosa a bibliografia, em prosa e verso, concernente em particular à atuação catequética e aos transe do martírio do Santo. Até mesmo D'Annunzio, escritor materialista, dedicou ao nosso herói um poema em versos franceses "O martírio de S. Sebastião", obra profana que desnatura a beleza do mártir, cercando-o de cenas de puro sensualismo pagão. Esse poema, em 5 atos, foi musicado e adaptado ao teatro por Debussy. Nem um nem outro logrou êxito. O poema ficou no esquecimento e da opera do compositor só alguns trechos subsistem como música de concerto.

Dados históricos. — As atas do martirológio do Santo, o seu túmulo, as inscrições das catacumbas, as referências orais e escritas que passaram à tradição fazem testemunho das ocorrências de sua vida de soldado, e dos transe de seu martírio. A Igreja celebra o dia de sua morte — 20 de janeiro — com panegírico especial e missa votiva. Bem assim, tal é o valimento de S. Sebastião, que seu nome vem inscrito na "Ladainha de Todos os Santos" — litania de impenração universal para todas as necessidades.

Quanto, porém, ao verdadeiro ano em que se consumou o martírio do Santo, nem todos os comentaristas e escritores estão em concordância. Uns fazem menção dos anos 286 e 288, outros de 289, ha quem prefira o ano de 296 e finalmente outros julgam encontrar a verdade no ano 303. No que todos concordam é que esse acontecimento ocorreu dentro do reinado de Diocleciano (286-305), seja sob o guante immediato d'este imperador, seja debaixo do poder de Maximiano, enquanto este ficara em Roma com o governo do Occidente, de 286 a 296. Eis porque os autores que admitem o martírio do Santo entre estas duas datas atiram a sua responsabilidade direta para Maximiano. Preferimos, com muitos autores, o ano de 288. Pouco importa este ou aquele ano — questão de somenos importância, na impossibilidade de encontrar provas autênticas. Para os que preferem o ano de 303, apparece então o imperador Diocleciano, visto que, nesse tempo, já havia elle regressado de Nicomédia para Roma, vindo a abdicar, pouco depois, com os seus comparsas, em Milão, em 303, apenas 8 anos antes de ser decretada por Constantino a liberdade da Igreja.

Outra differença surge com os que dão curso aos anos de 296 e 303. E' em relação ao Pontífice reinante. S. Cáio governou a Igreja de 283 a 295, de sorte que, aceitos como verdadeiros quaisquer algarismos de 286 a 303, o martirológio de Sebastião se teria passado sob o pontificado de S. Marcelino (295-304). Todavia, cumpre deixar consignado que a data 303 é preferida pelo Cardial Wiseman em seu livro magnifico — "Fabiola", dado à luz mediante numerosas indagações a que procedeu o autor, em Roma e alhures.

O nome de Sebastião. — O nome do Santo vem do grego, significando, "augusto". Talvez fosse trazido pelos romanos da Asia Menor, na costa da Armênia, onde havia, um velho forte chamado Cabira, reconstruido por Pompeu sob o nome de Dióspolis e depois mudado para *Sebaste*, em honra do Imperador Augusto e a que deu lustre, no ano 320, o martírio de 40 soldados cristãos.

O nome do Santo multiplicou-se, depois do seu martírio, por todas as nações cristãs. Passou a figurar nas genealogias reais, nas famílias de realce, na descendência dos militares e na nomenclatura geográfica, com a mesma frequência que os de Pedro, Paulo e João.

Os portuguezes tiveram no rei Dom Sebastião, um valente monarca, o qual por querer impedir a expansão islamita às portas da Europa cristã, foi levar-lhe a guerra na Africa e morreu combatendo, lado a lado com os seus soldados, na batalha de Alcacer-Quebir. O nome de Sebastião, bem assim como o de Antônio, acompanhou os portuguezes em suas arrojadas descobertas além dos mares.

Em nossa terra ele teve um acolhimento principesco. — Deu entrada, no próprio dia de sua festa, na mais suntuosa baía do universo, e aí plantou o marco da “cidade maravilhosa”, a que deu o nome — S. Sebastião do Rio de Janeiro. A seguir o nome do Santo estendeu-se a enseadas e ilhas do litoral. Depois penetrou a interlândia, acompanhando as “entradas” e “bandeiras”, e aclimou-se de tal modo em nossa geografia, em nossos anais militares, em nossa genealogia, que Sebastião é hoje um Santo de casa, nome radicado em todas as famílias, identificado com os acidentes do solo em todos os recantos do país. Nos cruzeiros das estradas, nos oratórios domésticos, nas capelas, matrizes e basílicas deste imenso país, lá estão os Santos populares do Brasil: S. Sebastião e Santo Antônio, que presidiram o nosso berço e a nossa evolução e acompanharam as nossas arrancadas, levando os nossos soldados até as raias de Cucuí e Tabatinga, de Príncipe d Beira e Coimbra.

Santo militar por excelência, generoso e intrépido, foi ele que, postado em seu P. C. no alto do antigo Morro do Castelo, em ligação com S. Antonio (no morro em frente), encheu de valor e brios os nossos estudantes — guerrilheiros improvisados — para desbaratarem Duclerc, o atrevido gaulês, de sua ousada arremetida, que esteve prestes a dar-lhe posse desta cidade do Santo, em 1710.

Acaba de aparecer a 3.^a edição, revista e aumentada, de
GRANDES SOLDADOS DO BRASIL

Do Tenente-Coronel Lima Figueiredo

“...Lima Figueiredo compreendeu isso, traçando admiráveis perfis de Caxias, Sampaio, Osório, Malet, Vilagran Cabrita, Andrade Neves, Barbacena, João Propício, Porto Alegre, Tibúrcio e outros grandes soldados do Império e da República até o general Dutra, reformador atual do Exército.

“... Nacionalidade que se formou com tais soldados é realmente eterna. Os perfis de Lima Figueiredo precisam ser lidos nas escolas, nos quartéis, em toda parte, como lições cívicas, que jamais serão esquecidas. Servirão como belos exercícios das virtudes heróicas. Virtudes que exaltaram a grande vida dos grandes soldados do Brasil.”

AGAMEMNON MAGALHÃES

Belo vol. in-8 com 296 páginas e 54 ilustrações

Uma edição da

LIVRARIA JO É OLYMPIO EDITORA

Rua do Ouvidor, 110

Rio de Janeiro



Eu-garanto **O PALADAR**

«O **Restaurante Reis**» - comunica aos seus amáveis fregueses que passou para sua propriedade o **Restaurante Rosas**, situado à rua Alvaro Alvim, 27, onde aguarda a preferência dos seus distintos amigos e clientes.

RESTAURANTE REIS

ALMIRANTE BARROSO, 18 A 22 • Tel. 22-0993

ABERTO
ATÉ
1 hora

ORGANIZAÇÃO DO TERRENO

ESTUDO DA CONSTRUÇÃO DE UM ABRIGO A CÉU
ABERTO PARA RESISTIR AO TIRO ISOLADO DE 155

Major PASTOR ALMEIDA

I — PREVISÃO

Consideremos já realizados os trabalhos de previsão, estudados nos artigos anteriores, que se finalizam no pedido completo do material, necessário à construção do abrigo e instalação do canteiro.

Feito o reconhecimento pelo encarregado do canteiro em companhia de seus auxiliares diretos, nessa mesma ocasião, poderá ser feita a distribuição das missões e a localização dos diversos trabalhos.

II — ORGANIZAÇÃO DO CANTEIRO

TRAÇADO E ESTAQUEAMENTO DETERMINADOS

Antes do estaqueamento é necessário:

- escolher um local que permita o desenfiamento aos tiros e às vistas do inimigo, devendo ser preferida uma contra-vertente;
- locar o eixo, maior do abrigo transversal à direção dos tiros inimigos.

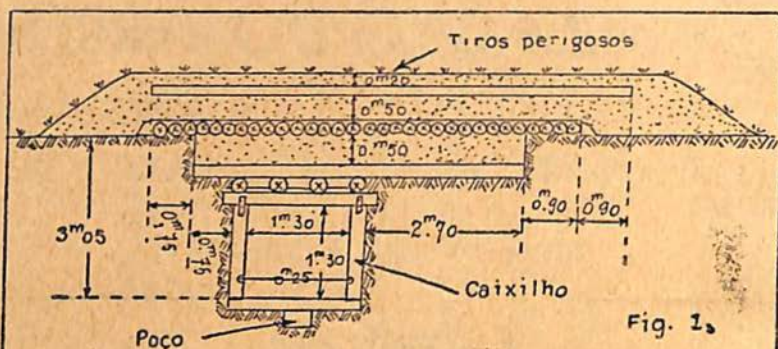
Uma vez satisfeitas as condições enumeradas, estaquea-se sobre o solo as paredes exteriores da câmara a figura indica como se deve proceder. (Fif. 3).

Para isso, coloca-se no prolongamento das paredes do abrigo AB, dois piquetes C e D, na cabeça dos quais se coloca um prego, e, a uma distância tal, que não perturbe a excavação.

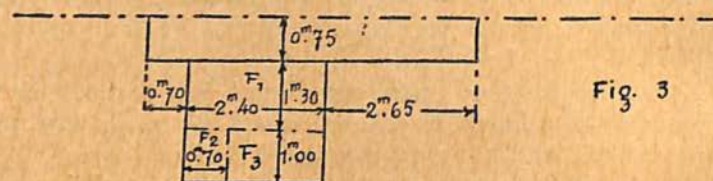
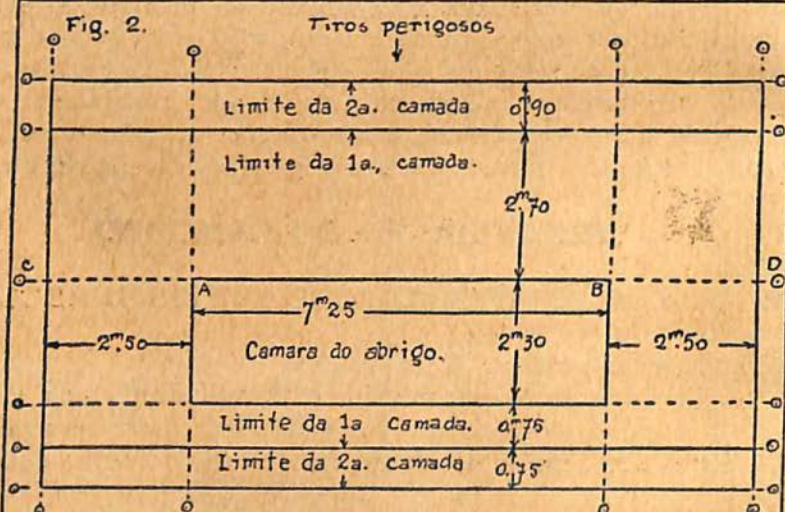
Um cordel, esticado entre os pontos C e D, determina o alinhamento da lado AB.

De modo idêntico procederemos para determinar os outros alinhamentos e para as camadas de madeira roliça, de proteção.

Dada a importância desta operação, deverá ela ficar a cargo do graduado e merecerá especial atenção do encarregado do canteiro.



Corte vertical segundo a direção média dos projéteis inimigos.



DISFARCE DO CANTEIRO

Antes de iniciar a excavação, é necessário disfarçar o local de trabalho, inclusive o material excavado e depositado na borda da excavação.

O tipo de disfarce, que dá melhores resultados, é o da rede cobrindo a excavação, desde que seja feito, no menor tempo possível, afim de burlar a aviação inimiga.

Na impossibilidade de sua adoção, poderá ser empregado outro tipo, tudo dependendo da capacidade inventiva do oficial encarregado da obra.

A construção dos obrigos a céu aberto, nas proximidades do inimigo é, muitas vezes, delicada, em virtude da dificuldades de dissimular o trabalho.

O disfarce deve ser feito antes do início da obra.

SANEAMENTO E LIMPEZA DO CANTEIRO E ARREDORES

Se o local escolhido para a construção do abrigo é coberto, torna-se necessário desmatá-lo, de maneira tal, que não prejudique o disfarce.

O mato cortado e não utilizado deve ser removido, para um local distante do canteiro ou enterrado, pois, ao secar, pode denunciar a existência da obra.

Quando o abrigo se acha localizado em uma encosta, o local de trabalho deve ser circunscrito por uma valeta de contorno, protegendo-o contra as águas de enxurrada.

Os locais para serventia do pessoal, devem ser escolhidos de maneira a não prejudicarem o disfarce e a higiene do canteiro de trabalho.

INSTALAÇÃO DO PESSOAL E DOS DEPÓSITOS

Levando em consideração a pouca duração do trabalho, de um abrigo a céu aberto e o efetivo reduzido para o trabalho, só de dia, não se torna necessário a previsão de depósitos e instalação do pessoal.

Se a urgência do trabalho exigisse turmas de revesamento (neste tipo de abrigo, só se emprega o trabalho à noite, em último recurso, pois, prejudica excessivamente o rendimento) ou se outros trabalhos se localizassem nas proximidades, então, dever-se-ia prever locais para instalações, abrigados das vistas inimigas e, dedivamente, saneados.

PREPARO DAS VIAS DE ACESSO E RECONHECIMENTO DOS MEIOS DE TRANSPORTE

Devidamente estudadas no reconhecimento, as vias de acesso têm papel preponderante na organização dos canteiros.

Elas devem, tanto quanto possível, facilitar o transporte do material, quase sempre, de peso considerável, mas, ao mesmo tempo não devem, pelo seu traçado, denunciar a posição da obra.

Em geral, o que se ganha em facilidade de transporte, melhorando as condições dessas vias, perde-se no disfarce da posição.

Encontra-se a solução transportando o material por meio de viaturas, até um ponto aproximado e daí a braços, por caminhos estreitos, até o local de trabalho.

Se o local não permite o acesso de viaturas, o transporte a braços torna-se mais longo e, em geral, absorve grande parcela do pessoal.

Se a adaptação das vias de acesso exige movimento de terras e corte de mato, é necessário criar falsas variantes, que impeçam, ao inimigo, descobrir o ponto de destino dessas vias.

Mesmo o percurso dos transportadores deve ser mudado, de vez em quando, para não criar trilhas denunciadoras.

TEMPO DISPENDIDO NOS TRABALHOS PREPARATÓRIOS

Em condições normais, o tempo dispendido nesses trabalhos é, geralmente, de um dia.

III — PREPARO DO PLANO DE EXECUÇÃO

SERVIÇOS GERAIS

Para as ligações ao canteiro não há necessidade de prever serviço especial, elas podem ser feitas por estafetas.

Os demais serviços gerais serão providenciados pelo comando da companhia, na execução conjunta de vários outros trabalhos.

Conforme previmos, e é o caso mais geral, o transporte da madeira e do material, do sub-depósito creado pela companhia, até o canteiro, será feito a braço, por uma turma de dez homens.

Sendo a madeira, empregada na França, de pequena densidade, essa turma poderá transportar uma peça de madeira roliça, de 8m.00 \times 0m.25, entretanto, empregando as nossas madeiras, essa mesma peça, pesaria 441 quilogramas, exigindo uma turma de 15 à 18 homens, para o seu transporte.

PLANO PROPRIAMENTE DITO

Pessoal e efetivo de trabalho:

Supomos ter a nossa disposição uma Sec. Sap. Min., podemos dividi-la da seguinte maneira:

— Efetivo de trabalho no abrigo	40
— Transporte de material, ligação e pequena reserva	20

Regimen de trabalho:

— de 7 às 11 e de 13 às 17,30 hs.; jornada de 8 horas com um intervalo para o almoço de 11 às 13 e um lanche de 14,30 às 15.

Marcha do trabalho:

Com o efetivo disponível podemos atacar a obra imediatamente, empregando racionalmente os nossos homens, de acôrdo com as suas capacidades e só interromper o trabalho depois de concluído.

EXCAVAÇÃO

Executados os trabalhos preparatórios já citados, destacaremos 4 homens para a confecção da estrutura e empenharemos os 36 restantes na construção do abrigo.

A distribuição deste pessoal obedecerá o critério de uma turma de 3 homens para cada dois metros quadrados de superfície do local à excavar, sendo:

- 1 com picareta, para excavar;
- 1 com pá, para retirar a terra da excavação;
- 1 com pá e carrinho, para remoção das terras, mais ou menos de acôrdo com as regras gerais de terraplenagem, já conhecidas.

E' um critério razoável, pois as excavações do abrigo é uma operação, com frente de trabalho limitada, sendo o número de homens empenhados, função da superfície do abrigo, ou melhor, da área a excavar.

Uma parte do material excavado é transportada para o depósito de terras e o restante, que deve ser calculado é deixado nas proximidades, para constituir a camada cobridora.

A excavação compreende:

— excavação para a primeira camada de madeira do massiço de proteção:	
.... $12,25 \times 5,75 \times 0,75$	53 m. ³
— excavação do corpo do abrigo:	
.... $7,45 \times 2,50 \times 2,30$	43 m. ³
— Excavação das entradas:	
.... $2 \times 5,50 \times 0,80 \times 2,20$	19 m. ³
.... $2 \times 5,00 \times 0,80 \times 2,20$	17 m. ³
Soma total	132 m. ³

Admitindo o rendimento médio de 2m.³, de excavação, por homemia ou 0m.³500 por hora, teremos para uma turma de dois homens e o número necessário de transportadores:

$$\frac{\text{escavação para a 1.ª camada de madeira}}{\text{n.º de turmas de 3 homens}} = \frac{36}{3} = 12 \text{ turm.}$$

Esse trabalho será realizado em:

$$\frac{\text{cubo de excavação}}{\text{rend. das turmas por h.}} = \frac{53}{12 \times 0,50} = 9 \text{ horas.}$$

CORPO DE ABRIGO

No corpo do abrigo somos obrigados a subdividir a excavação em parcelas, devido a modificações que sofre o trabalho, à medida que aumenta a profundidade.

Sejam F₁, F₂, F₃, essas parcelas (fig. 3), temos:

F₁, — Cubo da excavação: $7m.45 \times 1m.30 \times 2m.50 = 24 \text{ m.}^3$

— n.º de turmas de 3 homens para cada 2 m.²:

$$\frac{7,45 \times 2,50}{2} = 9 \text{ turmas de 3 homens.}$$

$$\text{— n.º de horas de trabalho: } \frac{24}{9 \times 0,50} = 6 \text{ horas.}$$

F_2 — Cubo da excavação: $7,45 \times 1,00 \times 1,80 = 13 \text{ m}^3$ 5.

— n.º de urmas de 4 homens, para cada 2 m^2 :

$$\frac{7,45 \times 1,80}{2} = 6 \frac{1}{2} \text{ turmas de 4 homens.}$$

— n.º de horas de trabalho: $\frac{13,5}{6,5 \times 0,5} = 4 \text{ horas.}$

F_3 — Cubo da excavação: $7,45 \times 0,70 \times 1,00 = 5 \text{ m}^3$ 5.

— n.º de turmas de 5 homens, para cada 2 m^2 :

$$\frac{7,45 \times 0,70}{2} = 3 \text{ turmas de 5 homens.}$$

— n.º de horas de trabalho: $\frac{5,5}{3 \times 0,5} = 4 \text{ horas.}$

Durante a excavação da parcela F_1 os homens restantes (9) poderão ser empregados na excavação das entradas.

O restante do pessoal das excavações F_2 e F_3 vai, também, reforçar as turmas das entradas.

O tempo necessário para executar a excavação total, será então: $9 + 6 + 4 + 4 = 23$ horas, podemos arredondar para 3 dias de trabalho.

Nesse tempo as turmas das entradas terminam suas tarefas.

Então, no fim do quarto dia estarão realizados:

— estaqueamento e preparo do canteiro 1 dia;

— excavação total 3 dias.

CONFECÇÃO DA ESTRUTURA

A confecção da estrutura (corpo e entradas do abrigo), com uma turma de quatro homens, pôde ser fixada em 4 dias de trabalho.

Para uma estrutura maior, pôde-se admitir o mesmo tempo, aumentando, para a sua confecção, um número proporcional de trabalhadores.

No caso considerado, compõe-se a estrutura de oito caixilhos, com peças de reforço e contraventamento.

Ela poderia, também, vir pronta da retaguarda ou de um depósito geral de material de Engenharia.

A estrutura deve ser construída "pari passu" com a excavação, para ser colocada, assim que terminar a mesma.

Estudaremos a sua confecção no último item.

Com a conclusão da excavação e confecção da estrutura, podemos considerar terminada a primeira fase, da construção de um abrigo à céu aberto.

IV — CONSTRUÇÃO PROPRIAMENTE DITA DO ABRIGO

Terminado o trabalho da estrutura,, dispomos do efetivo total: 40 homens.

Conservaremos, si possível, a mesma distribuição que fizemos para a excavação: 24 homens, para o corpo do abrigo e 8 homens, para cada entrada.

Construção do corpo do abrigo:	24 homens
— Colocação do revestimento e caixolhiso:	3 à 4 hs.
— Colocação e fixação da primeira camada de madeira roliça:	2 à 3 hs.
Primeira camada de aterro:	
— Volume de aterro necessário:	
$5m.75 \times 12m.25 \times 0m.50$	36 m. ³
— Terraplenagem:	
36	
—	3 hs.
$- 24 \times 0,5$	
— Apilotamento (metade do tempo acima)	1 h. 30 ms.
— Colocação e fixação da segunda camada de madeira roliça:	3 à 4 hs.
— Colocação de uma camada de cartão betuminado ou folhas de ferro galvanizado leves	1 hora.
Segunda camada de aterro:	
— Volume de aterro necessário:	
$16,25 \times 12,30 \times 0,50$	100 m. ³
— Terraplenagem:	
100	
—	8 h. 20 ms.
$24 \times 0,5$	
— Apilotamento (metade do tempo acima)	4 h. 10 ms.
— Colocação e fixação da terceira camada de madeira roliça.	3 à 4 hs.

Terceira camada de aterro:

— Volume de aterro necessário:

$$18,25 \times 14,30 \times 0,20 \dots\dots\dots 40 \text{ m.}^3$$

— Terraplanagem:

$$40$$

$$\frac{\quad}{24 \times 0,5} \dots\dots\dots 3 \text{ h. } 20 \text{ ms.}$$

— Apiloamento (metade do tempo acima) 1 h. 40 ms.

Tempo necessário para construção do abrigo:

$$4 + 3 + 3 + 1,30 + 4 + 1 + 8,20 + 4,10 + 4 + 3,20 + \\ + 1,40 = 38 \text{ horas.}$$

Então decorridos 5 dias, estará pronto o corpo do abrigo.

Construção das entradas:

Podemos colocar em cada entrada uma turma de 8 homens.

Com o pessoal acima poderão ser construídas em tempo igual ao do corpo do abrigo.

Organização interna do abrigo:

A organização interna do abrigo se compõe de:

- proteção contra os gases;
- limpeza do canteiro;
- disfarce definitivo.

Esses vários trabalhos exigem o emprego de todo o pessoal da seção, durante 6 à 8 horas.

Somando a este tempo o necessário à construção, propriamente dita, do abrigo, acharemos um total de cinco dias, para o segundo período de construção.

Para a construção completa do abrigo, deixando-o em condições de ser habitado, são precisos 9 dias de trabalho, de 40 homens ou 360 homens dias.

Conforme a situação, ainda, seriam necessários:

- pessoal para o corte da madeira, ou si fornecida pelo depósito, seu transporte até o pé da obra;
- reforço da turma de transporte das madeiras, muito grossas e pesadas;

— evacuação do material restante da excavação, quando não aproveitado na camada cobridora e depositado próximo do canteiro.

Não é possível aumentar o número de homens previstos (40) para a construção deste tipo de abrigo, portanto, o tempo encontrado 9 jornadas, é o mínimo necessário, a não ser quando o local escolhido, dispensa disfarce e o trabalho praeparatório para iniciar o serviço.

Uma vez preparado o plano de execução e organizado o local de trabalho, a sua marcha deverá ser assegurada com ordem e segurança, cumprindo as prescrições, já conhecidas no artigo, que trata da organização dos canteiros de trabalho.

O plano de reaprovisionamento deverá assegurar o afluxo normal do material necessário.

O chefe do canteiro exerce o controle dos serviços, pessoalmente.

Além disso deve consignar em boletim diário:

- o efetivo em trabalho;
- a sub-divisão das turmas pelos vários trabalhos;
- as horas de repouso;
- o material pedido e fornecido;
- as dificuldades encontradas;
- o trabalho realizado;
- outras observações que interessem ao comando para confecção de seu relatório.

O chefe de seção deverá possuir um gráfico de execução, onde alterará, diariamente, o trabalho executado.

VI — CONFECÇÃO DA ESTRUTURA DO ABRIGO A CÉU ABERTO

As indicações que vão ser dadas estão sujeitas as mesmas normas de confecção, que para os abrigos em geral.

Na construção do abrigo, relativamente simples, que acabamos de ver, não há necessidade de aplicar uma precisão exagerada, pois se trata de madeira tosca.

Chama-se “pano de estrutura” as diferentes peças de madeira, cujos eixos se acham em um mesmo plano.

A estrutura do abrigo estudado comporta, por exemplo, oito panos longitudinais constituídos pelas ombreiras e pelo contracentamento que existe ao longo de cada parede longitudinal.

Para traçar as extremidades e as ensambladuras das peças de um pano de estrutura, coloca-se sobre uma épura, desenhada sobre o sólo e representando o eixo das diferentes peças.

A primeira operação consistirá em determinar os eixos das peças.

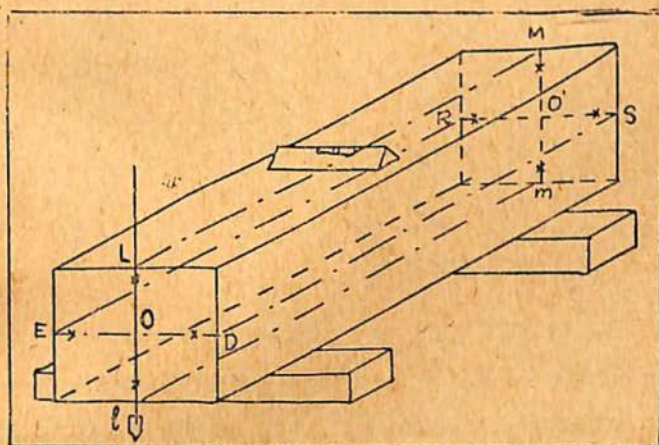
Esta operação chama-se "linhagem" e comporta a determinação dos eixos, por intersecção de dois planos perpendiculares, dos quais se marcam os traços, sobre as faces e sobre as extremidades da peça.

LINHAGEM DE UMA PEÇA DE MADEIRA

Peça esquadriada.

Serrar as extremidades da peça, perpendicularmente à direção aproximada do eixo.

Colocar a peça sobre dois calços de madeira de modo que sua face superior fique na horizontal (verificar com o nível).



Traçar a linha LM, dividindo esta face em duas partes iguais.

Colocar um fio à prumo na extremidade da peça, no ponto L e traçar a vertical l.

Repetir a mesma operação no ponto M e traçar a vertical Mm.

LMml limita o plano que passa pelo eixo da peça.

Levantar a perpendicular ED ao meio de Ll e a perpendicular RS ao meio de Mm.

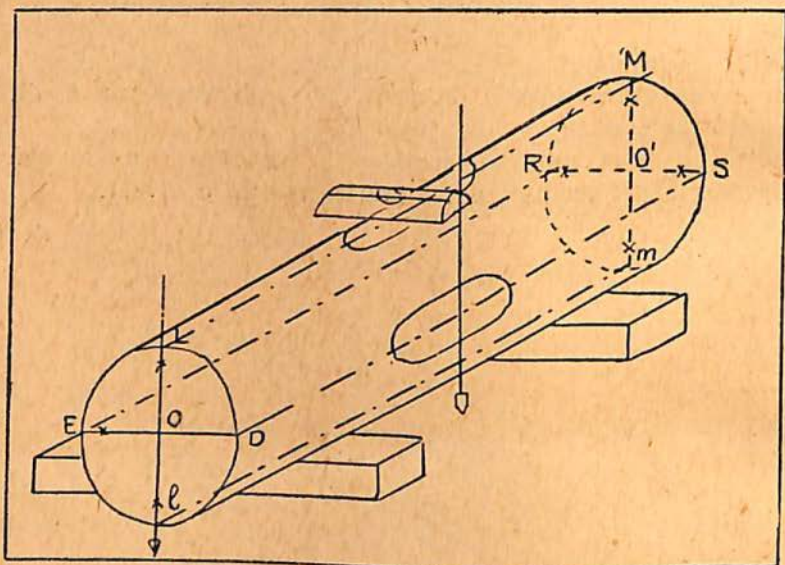
EDRS limita um outro plano, que também passa pelo eixo da peça.

Completar a linhagem da peça, traçando sobre as outras faces os traços dos dois planos, isto é, ligando os pontos E a R, m a l e D a S.

A linha que une os pontos O e O' determinará o eixo real da peça.

Linhagem de uma peça tosca.

Serrar as duas extremidades, perpendicularmente, à direção aproximada do eixo.



Colocar o tronco sobre dois calços, aproximadamente, horizontais.

Fazer a machado ou machadinha um entalhe na parte superior, formando uma pequena face horizontal (verificar a horizontalidade com o nível).

Fazer outro entalhe vertical sobre um lado (verificar com o fio à prumo).

Os dois entalhes correspondem às faces, que apresentaria o tronco, se fosse esquadriado.

Proceder, em seguida, como foi dito para a peça esquadriada.

ESTABELECIMENTO DA ÉPURA

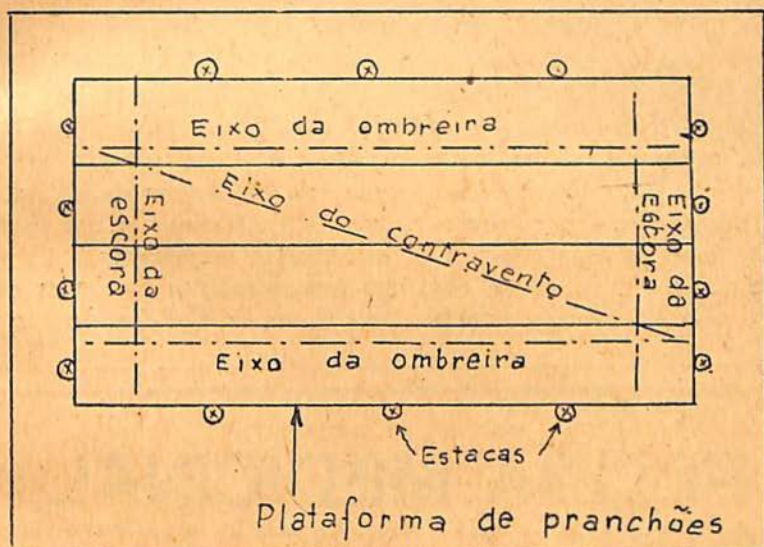
A épura é traçada sobre um tablado de pranchões, colocado, horizontalmente, sobre o sólo.

Este tablado pode ser reduzido às dimensões necessárias, para receber a épura.

Os pranchões devem ser fixados ao sólo por pequenas estacas cravadas dos lados.

As linhas da épura correspondem aos eixos das peças de madeira.

A figura 3 representa a épura da parte de um plano longitudinal, da estrutura do abrigo estudado, correspondente ao intervalo entre dois caixilhos.



COLOCAÇÃO DA PEÇA DE MADEIRA SOBRE A ÉPURA

- Colocar a peça sobre dois calços, em sua posição provável.
- ra — Introduzir, de acôrdo com as necessidades, calços de madeira, entre a peça de madeira e os apoios, até que a face superior da peça esteja na horizontal;
- deslocar a peça, horizontalmente, sobre os calços até que o plano vertical, passando pelo eixo da peça passe pelo eixo traçado sobre a épura (verificar com um fio à prumo colocado na extremidade da peça).

A peça da madeira, uma vez colocada sobre a épura, é necessário que se possa, colocá-la, novamente, com exatidão, si se é obrigado a retirá-la, por exemplo: para efetuar as ensambladuras.

Para isso, traça-se sobre a face superior e perpendicularmente ao eixo dessa face, uma reta chamada "traço recondutor", que se determina com auxílio do fio à prumo, a projeção sobre a épura.

Todas as peças da estrutura, que devem compôr o pano, são assim colocadas, umas sobre as outras, o que permite traçar as sambladuras.

TRAÇADO E CORTE DAS SAMBLADURAS

Na prática executa-se primeiro o corte das ensambladuras sobre as peças onde esse corte é mais simples.

Depois se as reconduz sobre a épura par verificar seu traçado e traçar as outras sambladuras.

Quando todas estiverem cortadas, verifica-se pela última vez o pano da estrutura e morca-se cada uma das peças, para tornar mais facil o seu reconhecimento, no momento da montagem definitiva.

A preparação das estruturas faz-se mais facilmente nos parques, onde se dispõe de especialistas e ferramentas necessárias.

As peças devem, nesse caso, ser marcadas com particular cuidado, para evitar os erros, quando elas chegam ao seu destino.

PRODUTOS DE VALOR DA

FLORA MEDICINAL

DIRAJAIA — Expectorante indicado nas bronquites e tosse por mais rebeldes que sejam.
JURUPITAN — Combate as cólicas e congestões do fígado, os cálculos hepáticos e a icterícia. — **CHA' MINEIRO** — Indicado contra reumatismo gotoso e artrismo, moléstia da pele e, por ser muito diurético, nas doenças dos rins.

VENDEM-SE EM TODAS AS DROGARIAS E FARMÁCIAS DO BRASIL — CUIDADO COM AS IMITAÇÕES E FALSIFICAÇÕES

J. MONTEIRO DA SILVA & CIA.

RUA 7 DE SETEMBRO, 195 — RIO DE JANEIRO

Casa Bella Aurora

A MAIOR E MELHOR CASA DO BRASIL

MARCUS VOLOCH & CIA. LTDA.

Mobiliários de estílo. Decorações. Tapeçaria fina—Depósitos: Rua Pedro Américo, 21 a 27
 RUA DO CATETE, 78-80 e 84 — Telefones: 25-1891 e 25-2768 — Rio de Janeiro

A administração
Fernando Costa e a
solução de proble-
mas capitais para a
vida de São Paulo



Intervenor Fernando Costa

O Governo do sr. Fernando Costa, em São Paulo, caracteriza-se, principalmente, pelo sentido patriótico e oportuno de suas realizações e de seus empreendimentos. É que o experimentado homem público, administrador completo, senhor de todos os problemas de sua terra, ataca de frente e com decisão os trabalhos que se tornam precisos à evolução do Estado. Essa conduta do ilustre governante tem merecido aplausos irrestritos de todos os paulistas, através de suas organizações conservadoras; do operariado que, nas fábricas e nas oficinas, trabalha para grandeza do Estado; das figuras marcantes do Exército, que sempre encontraram e encontram no Intervenor bandeirante um colaborador prestimoso e atento; das associações de classe e, enfim, do povo naquilo que ele representa como força e inteligência.

Pode assim, prestigiado e aplaudido, o notável administrador realizar seu programa de governo, que é amplo, moderno, realizador por excelência e que visa, fiel aos postulados e diretrizes do Presidente Getúlio Vargas, dar ainda maior ritmo ao desenvolvimento de Piratininga e, conseqüentemente, ao progresso e grandeza do Brasil.

O PROGRAMA DO ENSINO PRIMARIO

Enfrentando decisivamente vários problemas cuja solução deseja para quanto antes, o Interventor Fernando Costa multiplica-se na sua faina administrativa, traçando planos, animando as iniciativas particulares, sugerindo medidas acertadas aos seus auxiliares imediatos, protegendo o povo e dele recebendo, em troca, a mais valiosa das colaborações. Nesse labor intenso, de todas as horas, o sr. Fernando Costa cuida de tudo, indo seu interesse desde o problema mais importante, de interesse capital para a vida do Estado, até à solução de assuntos que, à primeira vista, para os observadores menos atentos ao movimento da máquina administrativa, parece não ter maior urgência.

Entre os problemas que o Interventor paulista decidiu resolver com presteza, pois sua solução representa serviço valiosíssimo prestado às gerações de amanhã, está o ensino primário, ainda não à altura do grau de progresso atingido, em outros setores, pela terra do Planalto.

O REMÉDIO SALUTAR

Para dar o devido remédio à semelhante situação, tão em desacordo com as tradições culturais de S. Paulo, o Interventor Fernando Costa, procurando desobrigar o Estado desse dever social-pedagógico, desfazendo assim o atrazo acumulado pelos anos, autorizou pelo Decreto-lei 13.787, de 31 de dezembro de 1943, a construção de escolas primárias e grupos escolares, num total de 60 milhões de cruzeiros, a ser despendidos em cinco exercícios. Numa exata compreensão das peculiaridades com que o problema se apresenta, um terço dessa verba deve ser anualmente invertido em escolas isoladas, comuns e escolas simples e duplas, tipicamente rurais.

Afim de estudar essas construções em todos os seus detalhes, o aludido decreto instituiu a Comissão Orientadora de Prédios Esco-

lares, que ficou assim organizada: Dr. Aluisio Lopes de Oliveira, representante do Sr. Interventor Fernando Costa; Prof. Sud Mennucci, Diretor do Departamento de Educação; Eng. Dr. Francisco José Longo, Diretor de Obras da Secretaria da Viação e Dr. Isaac Garcez, representando o Departamento das Municipalidades. Essa comissão, que numa feliz entrosagem une as mais competentes autoridades especializadas nos assuntos em que se subdivide o complexo problema, elaborou alguns projetos parciais para o exercício de 1944, que foram aprovados pelo Sr. Interventor e postos imediatamente em execução, compreendendo a construção de 128 grupos escolares, 51 dos quais já em obras e os restantes obrigatoriamente iniciáveis até o fim do corrente ano.

ESCOLAS COM FINALIDADES AS MAIS DIVERSAS

Alguns dos grupos, nos períodos de férias, destinam-se a servir de colônias. Dispõem, para isso, de cozinha, refeitórios e instalações sanitárias apropriadas, sendo as salas de aulas transformáveis em dormitórios nas épocas de férias. Nessa primeira série a ser imediatamente construída, existem três grupos-colônias; um no litoral, localizado em Ubatuba, outro no planalto, construído em Campinas, e o terceiro em clima da altitude, instalado em Águas do Prata.

Dois Grupos-Rurais serão, também, construídos nessa primeira série um em Piracicaba e outro em Batatais, Tratando-se de pequenas escolas agrícolas, esses grupos serão edificadas em terrenos com dimensões correspondentes a um alqueire por sala de aula, para perfeita educação das crianças na prática de trabalhos agrícolas.

Além dos grupos escolares, têm merecido especial atenção da Comissão os estudos de diversos tipos de escolas-rurais, compreendendo residência para a professora e construídos em terrenos mais vastos para o ensino de horticultura.

A COMISSÃO ESTUDA NOVOS PLANOS

Os grupos escolares já iniciados dispõem em média de 6 salas, além da biblioteca, galpões e todas as demais dependências necessárias ao seu perfeito funcionamento. Mas, a Comissão, no empenho

constante de atender às necessidades pedagógicas, estuda continuamente inovações a ser introduzidas nas plantas, no aparelhamento e nos detalhes construtivos. Assim, os novos grupos serão providos de instalações adequadas para preparo de uma refeição suplementar — a Sopa Escolar — bem como, para os grupos maiores, pequenas residências para o zelador, afim de que o prédio não permaneça em abandono e sujeito a depredações nos tempos de férias e mesmo nos períodos de descanso escolar.

Razões econômicas e técnicas determinam a supressão dos antigos corredores, considerando-se que trazem inconvenientes para a limpeza e para uma perfeita iluminação direta, dificultando, também, as saídas de emergência e concentrando ruídos perturbadores para as salas de aulas. Nas modernas construções o acesso às salas de aulas será feito por galpões dispendo de proteção contra os ventos, mas permitindo ventilação adequada.

63.000 CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR TERÃO ONDE APRENDER

Com os planos já elaborados pela Comissão Orientadora de Prédios Escolares e postos em execução o Estado de S. Paulo estará aparelhado para prestar instrução a mais de 63.000 crianças em idade escolar. Isso, no entanto, representa apenas uma parcela do grandioso programa administrativo traçado pelo Sr. Interventor Fernando Costa para resolver problema do mais alto interesse para o Estado, e digno dos encômios de todos quantos se empenham pelo desenvolvimento e disseminação do ensino primário em nossa terra.

UM SERVIÇO DE VALOR INESTIMÁVEL

Esse um dos muitos serviços de extraordinária importância que encontraram na energia do Interventor bandeirante o elemento necessário à sua solução. De fato, o dedicado amigo do Exército, o colaborador prestimoso do Presidente Getúlio Vargas, o orientador esclarecido do povo paulista tem sabido conquistar a admiração e o respeito não só dos paulistas, mas, também, dos brasileiros em geral, pois sua obra administrativa transpôs os limites de Piratininga para refletir, em toda sua eloquência, em todos os recantos do território nacional.

Esse o maior elogio que se possa fazer ao emérito homem público, ao lúcido governante, que é o sr. Fernando Costa.

OUTRAS TAREFAS IMPORTANTES

Realizando obra de tamanho vulto, como seja a reforma do ensino primário e a construção de tantas e tantas escolas, o chefe do Executivo de São Paulo volta, no entanto, ao mesmo tempo, sua atenção para o combate à tuberculose, do mesmo modo que se preocupa com a construção de novos edifícios para as repartições do Estado. Igualmente preocupa-o o problema dos transportes, melhorado de muito graças à sua brilhante iniciativa de facilitar o fabrico de gazo-gênios. O sistema rodoviário, por exemplo, em seu governo, encontrou solução, sendo São Paulo atualmente cortado em todos os sentidos. Como se conclue destas ligeiras citações, o ilustre Chefe do Governo de Piratininga compreende as responsabilidades de um governante moderno, responsável pelo êxito de um Estado da expressão grandiosa e merecida de S. Paulo.

Mas não se diga que ficam restritos a tais setores os labores do Interventor paulista. A estatística, tão necessária, hoje, à boa organização dos povos, mereceu-lhe sempre e continua a merecer especiais atenções, quando ainda há pouco afirmou, quando do ato inaugural das novas instalações do Departamento Estadual de Estatística. Disse então o brilhante e ilustre homem público:

“Não foram poucas as providências que tivemos de tomar em favor deste Departamento que hoje começa a produzir os frutos esplêndidos de uma apreciação estatística que serve de base e de orientação para as providências que interessam aos negócios públicos. Não me arrependo das providências tomadas para a centralização do trabalho estatístico. Poderá haver, sem dúvida, entre vós, alguns que não estejam, ainda, bem entrosados na atual organização e preferam um trabalho separado em cada repartição. Mas, esta centralização facilita a realização da tarefa e apressa os resultados finais.

A estatística precisa ser rapidamente, atual, afim de que, por ela, os que produzem possam controlar, diariamente, os seus atos e nortear as suas iniciativas.

Com a estatística atualizada, São Paulo terá elementos seguros para orientar a sua atividade econômica, desenvolvendo as suas iniciativas com firmeza, na direção do seu progresso crescente”.

ACABA DE SAÍR

FORMULARIO para o processo de desertores e insubmissos

Ten.-Cel. NISO MONTEZUMA

3.ª Edição

**ADAPTADO AO CÓDIGO PENAL MILITAR APROVADO PELO DE-
CRETO-LEI N.º 6.227, DE 24 DE JANEIRO DE 1944 E AUMEN-
TADO COM UM APENDICE CONTENDO:**

- 1). — A LEGISLAÇÃO SOBRE O ESTADO DE GUERRA;
- 2). — OFICIAIS DA RESERVA: — instruções para convocação; disponibilidade; insubmissão; tempo de convocação; classificação; uniforme; transporte; ajuda de custo vencimentos; precedência; promoções; mudança de domicílio; permissão para contrair matrimônio; amparo do Estado à família, quando falecem em campanha, etc.;
- 3). — PRAÇAS CONVOCADAS: — alunos de escolas superiores; dispensa diária; que fizeram prova de seleção nos C. ou N. P. O. R.; apresentação; prazo para apresentação; donos ou sócios de casas comerciais; portadores de diplomas; possuidores de curso secundário; incorporação adiada; arrimo de família; operários empregados em obras militares; trabalhadores encaminhados para a extração e exploração de borracha no vale amazônico; operários da Fábrica Nacional de Motores; empregados em construção de aeroportos; pessoal admitido para obras; demissão de empregado convocado; obrigações dos empregados e dos empregadores; em caso de dissolução de firma; mudança de residência; vencimentos e vantagens, etc.;
- 4). — PARECERES E DECISÕES do D. A. S. P. e do MINISTÉRIO DO TRABALHO sobre a situação de funcionários públicos e de empregados, em geral, convocados para o serviço militar ativo;
- 5). — RESERVISTAS E ESTRANGEIROS, operários de Estabelecimentos Fabrís Militares e Cívís produtores de materiais bélicos;
- 6). — ESTABELECIMENTOS FABRÍS CÍVÍS considerados de interesse militar.
- 7). — A MULHER em face da legislação de guerra;
- 8). — ORGANIZAÇÃO DA JUSTIÇA MILITAR junto Ks Forças Expedicionárias;
- 9). — C. P. O. R. — Faltas e entradas — tarde de alunos — funcionários ou empregados; frequência; alunos de escolas superiores; execução de provas parciais.

É UM LIVRO DE INTERESSE GERAL

PREÇO: CR\$ 15,00 — Pelo Correio: — Cr\$ 16,00

**PEDIDOS: — A DEFESA NACIONAL (4.º andar da ala dos fun-
dos) Edifício do Ministério da Guerra. — Praça da República — Rio.
Telefone: — 43-0563 — Caixa Postal 32 — Rio.**

Sendo a edição limitada, convém que os interessados façam seus pedidos.

O significado de Volta Redonda na renovação econômica do Brasil

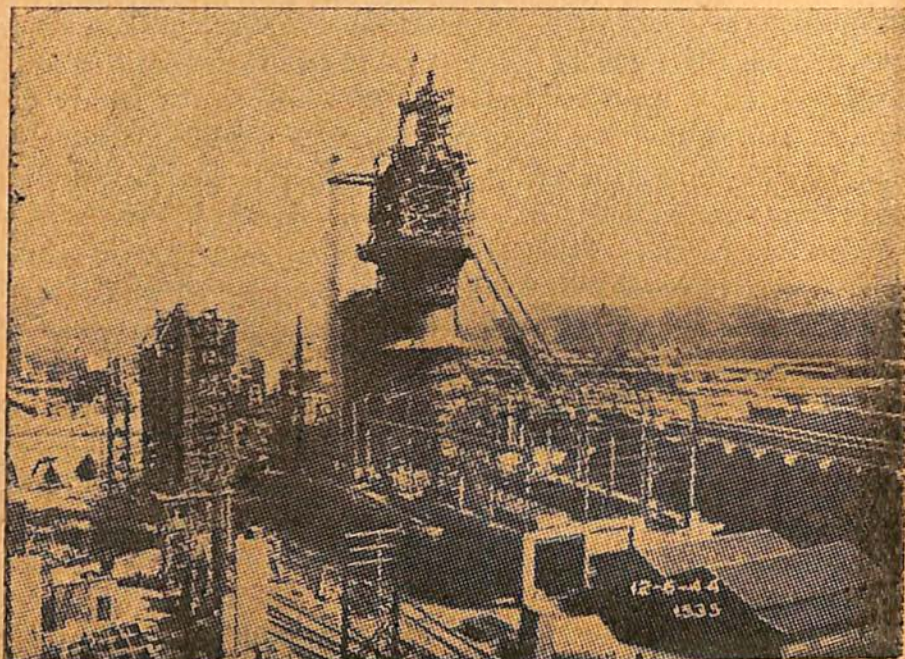
Se ainda não estão acesas as forjas de Volta Redonda podem considerar-se praticamente instalado todo o formidável maquinário e dentro de mezes veremos correr pelas calhas que descem dos altos fornos o metal líquido necessário à produção de ferro que imediatamente se iniciará e a seguir de chapas largas, tiras laminadas a quente, folhas de Flandres, chapas galvanizadas, chapas pretas, trilhos e grandes perfis. O coronel Edmundo Macedo Soares, sem dúvida o nosso maior técnico em assuntos siderúrgicos, escreve sobre a grande indústria quasi tão velha no Brasil, como o proprio Brasil e que ha 126 anos se ensaiava com sucesso, para depois se abandonar, por incuria de governantes :

“Volta Redonda dobrará os números referentes à produção em nosso País; em 1945, sairão das usinas brasileiras 450.000tons. de guza e 400.000 de laminados; em 15 anos, teremos multiplicado por 12 nossa produção de ferro-guza e por 15 a de aço laminado! Sem contar que, durante este lapso de tempo, a produção carvoeira terá passado de 400.000 tons. para 2.500.000 aproximadamente; esse número corresponde à nossa importação antes do atual conflito; cessada a guerra, continuaremos a importar carvão, que se somará ao nacional, afim de satisfazer a um mercado interno avido de combustível.

Com a siderurgia atual que utiliza carvão de madeira nos altos-fornos e óleo combustível importado nos fornos de aço, produzimos guza, vergalhões, pequenos perfis, algum ferro chato, arame liso e farpado, e recentemente trilhos. Tornamo-nos habéis no emprego do concreto armado, com que construímos edificios, pontes, estacas, barragens, encanamentos, reservatórios, etc. Nossas fundições adquiriram novos impulsos e, não fosse a escassês de coque, estaríamos em fase mais adiantada atualmente. Não nos falta capacidade para assimilar. A tecnologia se aprende praticando. Não temos dificuldade em compreender os principios teoricos; o campo de aplicação é que tem sido escasso”.

INDUSTRIAS MECÂNICAS E TRANSPORTES

Mas o que sobretudo interessa, na análise da obra formidável que o Presidente Vargas estimulou e fez realizar, são os seus reflexos em todos os planos da economia brasileira. Desde as indústrias mecânicas às de produtos alimentares, todo o



Obras da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, Estado do Rio de Janeiro. Alto Forno—Da direita para esquerda: Váduto, Estrutura metálica da Casa de Corrida Alto Forno propriamente dito em montagem, Chaminé de contrato, Coletor de pó em montagem. Ao fundo: Gasometro de Gases dos Fornos de Coque.

desenvolvimento que se prevê e ao qual se condiciona a potencialidade econômica do Brasil, está absolutamente ligada ao esforço de Volta Redonda. As usinas que se especializaram na produção de máquinas agrícolas, de máquinas operatrizes, de máquinas matrizes, de material elétrico, de material ferroviário; as caldeirarias, as forjas, crescerão, fatalmente, com o crescimento da Companhia Siderúrgica Nacional.

Sobre o importante setor a que se prende, neste século da máquina, todo a vida econômica da Nação, escreve, ainda, o coronel Macedo Soares :

“Uma máquina se compõe, grosso-modo, das seguintes partes: um suporte, base ou banco que pode ser fundido (gu-

za ou aço), construído com chapa ou feito com perfis; peças fundidas (guza ou aço) para diversos fins (carters, caixas, suportes de terramentas, etc.); recipientes, fechamentos ou proteções de chapas (máquinas agrícolas, principalmente); eixos; alavancas; engrenagens (fundidas ou talhadas); colunas; travessas; em muitos casos, ainda se empregam nas oficinas polias e eixos de transmissão.

As peças fundidas são produzidas nas fundições, empregando, como matérias primas, ferro-guza, coque, sucata e calcareo. A produção nacional de guza atinge, como vimos, 248.000 tons. ano; dessa tonelagem, 175.000 tons. são convertidas em aço em fornos Siemens-Martin ou elétricos e 30.000 tons. em tubos centrifugados, restando, apenas, cerca de 43.000 tons. para emprego nas fundições. O incremento da indústria mecânica exigirá mais ferro-guza que Volta Redonda poderá fornecer até o limite de 30.000 tons. em 1945 e 50.000 daí em diante, enquanto não for construído o alto-forno n.º 2."

Mas adiante afirma o experimentado técnico brasileiro cuidando das soluções para o problema vital do Brasil — o dos transportes :

"Há no Brasil 14 fábricas de vagões para estradas de ferro, em São Paulo, no Rio e fora dessas duas cidades. Elas importam os perfis, chapas, eixos, rodas, aços para molas, etc. destinados à construção de vagões, com exceção de pequena quantidade de eixos forjados e de rodas fundidas em conquinha que estão sendo fabricados no Brasil. Todo esse material está no programa de Volta Redonda, inclusive eixos, aros e rodas de aço, cuja produção estava prevista na segunda etapa da usina; dadas, porém, as prementes necessidades nacionais e a existência em Volta Redonda de amplo suprimento de blocos e placas para essa fabricação, a Diretoria da Companhia Siderúrgica Nacional resolveu adquirir logo que possível a maquinaria destinada a esse objetivo. Note-se que a produção de eixos, rodas e aros pertence rigorosamente às usinas siderúrgicas, da mesma maneira que a de talas de junção e a de placas de apoio, que são acessórios de trilhos. Montar uma pequena fonte de aço líquido para produzir rodas e eixos, quando já existe uma

grande aciaria, trabalhando com um laminador desbastador, seria erro grave que nos faria pagar mais por materiais que poderemos produzir a preço baixo. Não é exato que os aços para eixos, rodas e aros de vagões são produtos especiais que saem do programa das grandes usinas. São aços ao carbono meio-duros, e duros, com o teor de manganês um pouco acima do normal”.

ARMAMENTOS

Todos compreendem a colaboração que Volta Redonda prestará às indústrias químicas e de produtos alimentares. Quanto à primeira basta dizer que terá toda a sorte de laminados para a construção de qualquer espécie de recipientes, para os gasômetros, para os destilatórios de álcool e óleos, além da série de preciosos sub-produtos que resultam, da destilação do carvão na coqueria.

Seremos, seguramente, grandes exportadores de conservas, sucos de frutas e alimentos desidratados. Todo esse comércio depende da folha Flandres para as embalagens. Atualmente o Brasil precisa cem mil toneladas da insubstituível liga metálica e Volta Redonda poderá fornecer, imediatamente, metade desse volume.

Mas importância maior devemos dar à indústria dos armamentos. É velho o axioma: — só subsistem os países que têm ferro para forjar as suas armas e trigo para fabricar o seu pão. De Volta Redonda vai sair o aço dos canhões e das metralhadoras, o do maquinário agrícola que fará crescer as searas e dos aparelhos essenciais à moagem. No plano militar já realizamos muito, mas com a produção de Volta Redonda e a consequente montagem dos pequenos fornos Siemens-Martin e fornos de cadinho, elétricos, poderemos ter os aços rápidos e extra-rápidos, completa autonomia portanto, na metalurgia armamentista — tanto mais quando possuímos para as complexas ligas, em quantidades substanciais o cromo, o níquel, o tungstênio, o molibideno, o vanádio e o cobalto.

Aqui está, na mais rápida das sínteses, acompanhando a lucida lição do coronel Edmundo Macedo Soares, o significado de Volta Redonda na grande revolução econômica que o Brasil realiza.

LIVROS NOVOS

CAPÍTULOS DA HISTÓRIA NACIONAL — Alfredo Gomes — Edições e Publicações Brasil 1944.

Em 1942, no III/4.º R. I., sob o comando do Major Joaquim Marques Santiago, realizou-se, como parte da instrução dos oficiais, um curso de conferências a cargo de ilustres professores paulistas, entre os quais Percival de Oliveira, Ataliba Nogueira, J. Pokrovsky, Alfredo Gomes.

Se a iniciativa do Major Marques Santiago foi excelente, não foram inferiores os resultados obtidos, a julgar pela amostra representada por esses "Capítulos da História Nacional", que constituem a contribuição do Prof. Alfredo Gomes.

Suas conferências foram quatro: uma rápida, sobre o Visconde de Taunay, outra sobre a "Genese, Evolução e Concretização do Ideal Republicano", a terceira fixando os "Primórdios e Consolidação da República" e a última estudando as "Fronteiras do Brasil", na sua origem, expansão e delimitação final.

Neste último estudo, ao revez dos outros, prevalece a exibição de documentos, e a enunciação dos fatos históricos, o que é natural, dada a natureza do assunto. Nos outros o critério é antes explicativo. O elemento histórico vem sempre acompanhado da análise, com fundamentos na pesquisa psicológica e social.

Logo no "Prefácio" percebe-se a disposição do autor, que adverte: "Para compreender Deodoro e Floriano, é forçoso compreendê-los o temperamento, a formação humana e a condição militar".

No correr do estudo não desmente nem aliena esse critério. São, por exemplo, das melhores, mais penetrantes e mais seguras as passagens em que estuda a conduta histórica dos dois grandes soldados da República.

A atitude de Deodoro em face da situação criada em 15 de novembro, e que é em geral discutida com desenvolta superficialidade, tem em Alfredo Gomes um intérprete sereno e compreensivo: "A força da idéia — escreve ele — era demasiada superior ao tributo de respeito que consagrava ao Imperador. Tem-se procurado explorar as vacilações de Deodoro como sinal de fraqueza e de falta de confiança na idéia republicana. Não se negam as vacilações do Marechal, mas não se lhes pode atribuir como causa a falta de fé nos destinos repu-

blicanos do Brasil. Sua atitude é antes de elevação, de nobreza impar. Lutou com seu temperamento afetivo e sobre ele triunfou quando pôde substituir o coração pelocérebro. Quem poderia culpar um homem por possuir escrúpulos como os da "consciência afetiva" de Deodoro?

Quanto a Floriano, embora valendo-se sobretudo de conceitos de outros autores, fixa as linhas mestras da sua fisionomia moral e política. Com uma oportuna citação de Alcindo Guanabara ficam, por assim dizer, definidos esses dois aspectos da personalidade de Floriano: "Se lhe provarem que tal ato fere de frente o artigo tal de tal lei, por mais que o deseje, desiste dele imediatamente. Esta preocupação da Lei só é menor, no seu espírito, do que a preocupação da República".

Alfredo Gomes defende a legalidade da permanência de Floriano no poder, após a renúncia de Deodoro. Esta é uma questão que será sempre debatida, porque envolve uma sutileza jurídica. Alinharão boas razões tanto os que se colocarem de um lado como do outro da contenda. Nesta altura, porém, e acima de tudo ao julgarmos Floriano, o que importa não é bem o mérito jurídico da questão, mas a sinceridade e a honestidade política daquele que se beneficiou com uma das duas interpretações em causa. Ora, o Poder Legislativo baseando-se em artigo das "Disposições Transitórias", da Constituição, o qual regulava especialmente o primeiro mandato presidencial, opinou que não cabiam novas eleições; o vice-presidente devia dirigir o país até o fim do quadriênio. E Floriano ficou. Estava convicto de que de direito lhe competia ficar e dizia: "Desta cadeira só duas forças são capazes de me arrancar: a Lei ou a Morte". Enfrentou uma apaixonada e violenta oposição. Nada todavia, o abalava. Tinha por si a força dos sinceros. E transpôs como um herói a tormenta. Ao cabo, quando havia subjugado todas as resistências, assegurando a vida e o prestígio da República, fez as eleições para sua sucessão na época legal, sem a menor relutância, e retirou-se do poder, que competia, pela sentença das urnas, a Prudente de Moraes, seu adversário.

Esse fato é tanto mais notável quanto é certo que Floriano, ao termo do seu mandato presidencial, dispunha de um prestígio despótico. Afóra o Exército que o apoiava compactamente, seu nome aglutinava forças políticas de grande vulto, e o que é mais, seus partidários eram verdadeiramente combativos e apaixonados. Ao primeiro gesto do Marechal lançar-se-iam à tarefa de sustentá-lo no poder.

O homem todo-poderoso, entretanto, mostrou-se à altura do papel histórico que lhe tocara. Não se fez usurpador, não quis ir além do prazo constitucional e ser-lhe-ia fácil alegar uma missão salvadora, a vontade do povo, a continuidade da sua obra, e outras desculpas que tais, de praxe nessas circunstâncias...

Alfredo Gomes focaliza todos esses aspectos do fenômeno Floriano na nossa história política, e ainda faz referência à sua atuação administrativa, outra surpreendente variante dos governos fortes, em geral corrutos, propícios ao descalabro financeiro, ao compadrismo, às negociatas. Pois bem, Floriano tendo recebido do seu antecessor uma herança “das mais penosas, crise de Ensilhamento, descalabro emissionista, baixa de câmbio, diminuição das rendas públicas, desvalorização de títulos” conseguiu “estancar a fonte dos negócios escandalosos e realizar economias na administração”.

Falando da Assembléia Constituinte, reunida em 1890, Alfredo Gomes incide no lugar comum de dizer mal da nossa primeira Constituição republicana. Repete, através de uma anedota, aquilo de que a Constituição era boa, mas imprópria para o uso dos brasileiros, que, como os pifareiros, flautistas, trombetistas e bumbeiros do régulo africano, não sabiam tirar efeitos dos instrumentos transplantados de uma maravilhosa orquestra parisiense...

Ora, ninguém procuraria ocultar os vícios da nossa vida política passada, que foram muitos e não foram só da República, o Império também os perpetrrou em forte dose e bem parecidos... Mas atribuí-los ao fato de possuímos uma Constituição modelar é um tanto paradoxal... Em verdade cada povo tem suas peculiaridades, a que é preciso atender na hora de construir a sua estruturação política. Mas também é verdade que, apesar de tudo, há uma sensível unidade humana, de sorte essa estruturação não pode fugir a umas poucas fórmulas universais. As peculiaridades, o particular de cada um, só se fazem sentir no detalhe.

A Carta de 1891 estava dentro da fórmula mais avançada para o seu tempo, e cujos princípios fundamentais, tão agredidos e malsinados ultimamente, submetidos à prova suprema desta guerra demonstraram a sua soberana superioridade. Com efeito, os regimes totalitários, calcados na violência, nas restrições de toda natureza, no domínio indefinido de um grupo, estão sendo retumbantemente derrotados por países que fazem praça do respeito aos direitos individuais, à liberdade de pensamento e de palavra, ao exercício do sistema representativo.

Parece-nos injusta a afirmação de que “inkmeras sedições, de ordem política e militar enquadraram-nos no seio das *nações turbulentas*”. Os movimentos de 1922, 24 e 26 não podem ser assim classificados. Todos eles, em última análise, foram parcelas de uma só revolução, culminante em 1930. Convém não incluir num julgamento tão depreciativo quão apressado aqueles que se bāteram com tanto valor e que representam um dos movimentos mais belos e mais puros do idealismo brasileiro.

Em suma, quanto à Constituição de 1891, é tempo de apreciá-la com serena objetividade. Naturalmente a experiência pôs à mostra os seus defeitos, e a revolução de 1930 propunha-se a corrigi-los. Por outro lado apresentaram-se problemas novos e outros assumiram complexidade maior. O direito constitucional sofreu no mundo inteiro profundas transformações. Isto, porém, pouco tem a ver com o vago pecado afivelado à Carta de 1891, de que esta "permitia ao legislativo brincar de esconde-esconde e forçava o governo a brincar de cabra-cega". Muito, muito vago isto. Seja em todo caso o que fôr que isto queira significar, o certo é que o Poder Legislativo tinha um grande papel no nosso equilíbrio interno, tanto político como administrativo.

Politicamente era a fonte, a escola e o palco selecionador dos homens públicos brasileiros. De lá saíam os governadores de Estados, os ministros, os presidentes de República — conhecidos do povo, presos à idéias e compromissos tácitos, decorrentes de uma atuação pública, constantemente sujeita à crítica e julgamento.

Do ponto de vista administrativo era o parlamento, embora às vezes emperrasse a adoção de certas reformas úteis, um instrumento decisivamente policiador. Sob a sua vigilante ação fiscalizadora tornavam-se impossíveis, ou pelo menos mais difíceis de consumir, as negociatas, os arranjos à sombra do Estado, os descabimentos do Tesouro e quantos vícios próprios dos regimes sem contrapesos.

Apreciação que Alfredo Gomes faz, a nosso sentir, com integral justeza é a seguinte: "Agrícola, permanentemente agrícola, incapacitara-se o Brasil desde os primórdios coloniais para a industrialização e se ensimesmara na secundária categoria de país sem riqueza acumulada, de país fornecedor de matérias e gêneros agrícolas, cujos raquíticos proventos, o condenavam à escassez das rendas e aos empréstimos no exterior. O câmbio que desfrutava situação artificial dentro de uma economia paupérrima sofreu brutal choque ao defrontar-se com a realidade quando a República pretendeu repetir entre nós o milagre da prosperidade norte-americana"...

Noutro lance surpreendemos esta aguda definição da nossa vocação republicana: "O *Primeiro Império* espelhou a utilização de um instrumento para obtenção da Independência sem necessidade de derramamento de sangue e sem a quebra da unidade nacional. O *Segundo Império*, nascido de uma situação republicana pois outro não foi o caráter da *Regência*, provou categoricamente que as aspirações republicanas seriam as únicas a corresponderem às necessidades nacionais."

Poder-se-ia talvez reclamar contra o abuso das citações. Evidentemente o próprio ensaísta se valorizaria mais se falasse menos pela boca dos outros autores. Em todo caso, o material utilizado é quase sem-

pre de primeira qualidade, o que de certo modo leva a esquecer outras exigências.

Em suma, esses estudos do Prof. Alfredo Gomes, oficial da Reserva que estava, ao tempo em que os produziu, estagiando no III/4.º R. I., bem merecem um lugar nas estantes de cada um de nós. Além de vasados em forma limpa e atraente, incidem sobre temas históricos de especial interesse para nós oficiais. O tratamento que recebem, como se pôde aquilatar pelas rápidas observações aqui desenvolvidas, é proficiente. Registe-se, ainda, porque nos é muito grato, que nas páginas do Prof. Alfredo Gomes ressuma uma viva simpatia pelo Exército. Mas é uma simpatia inteligente, fundada no conhecimento e na compreensão do nosso papel histórico, não essa "simpatia" interesseira, ostentada com o objetivo de cortejar, para auferir proveitar à custa do prestígio do Exército, e contra a qual devemos estar de sobreaviso.

LIVROS RECEBIDOS

Grandes Soldados do Brasil — Lima Figueiredo — 3.ª ed. aumentada — iv. José Olímpio — 1944.

Tipografia - Linotipia - Litografia
Encadernação - Pautação - Livros
Folhetos - Téses - Revistas - Carimbagem

EMPRESA GRÁFICA
LEUZINGER S. A.

Casa Fundada em 1840

Escritório e Oficinas Gráficas :

RUA LAVRADIO, 162 a 166 - FONE 25.1018

End. Telegr. ZINGERLEU - Caixa Postal, 386

Tática de Infantaria nos Pequenos Escalões

Pelo Ten. Cel. *Alexandre José Gomes da Silva Chaves*

Um livro INDISPENSÁVEL aos alunos das Escolas, Centros e Núcleos de formação de oficiais, e um memento ÚTIL aos comandantes d epequenas unidades de infantaria.

Publicação autorizada pelo Estado Maior do Exército nos seguintes termos :

PUBLICAÇÃO DE TRABALHO — AUTORIZAÇÃO

(Por esta Chefia)

I — Autorizo a publicação do livro “Tática de Infantaria nos pequenos escalões”, de autoria do Tenente-Coronel Alexandre José oGmes da Silva Chaves.

O Estado-Maior do Exército é de parecer que se trata de um trabalho meticoloso, de grande valor dadático, indispensável aos cadetes e oficiais subalternos de infantaria, e de grande utilidade aos oficiais das demais armas que queiram conhecer perfeitamente as possibilidades e servidões de Infantaria.

II — Em seu prefácio, elaborado pelo Coronel RENATO BATISTA NUNES, se louvou também êste Estado-Maior para autorizar a publicação do trabalho do Tenente-Coronel ALEXANDRE CHAVES, ainda oportuna e como contribuição a uma justa homenagem ao autor, oficial de escol, sobejamente conhecido no Exército e onde o seu prematuro desaparecimento deixou sensível lacuna.

Bol^o int. do E.M.E. n. 242, de 17-XII-943 págs. 1776/77).

O preço excepcionalmente modesto desta publicação representa um esforço da Cooperativa Militar Editora de Cultura Intellectual “A Defesa Nacional”, no sentido de facilitar a divulgação dessa obra, posta assim ao alcance de todos.

Preço de um exemplar: Cr\$ 16,00

Descontos :

Mais de 20 exemplares: 20 %

Mais de 30 exemplares: 30 %

Remessa contra vale postal e por Reembolso Postal.

Pedidos à Cooperativa Militar Editora “A Defesa Nacional” — Caixa Postal 32 — Ministério da Guerra — Rio.

REVISTAS EM REVISTA

DA "REVISTA MILITAR" DE PORTUGAL, JANEIRO DE 1944 — "REABASTECIMENTO POR VIA AÉREA", PELO CAPITÃO DE MAR E GUERRA TANCREDO DE MORAIS

Começa o articulista com uma nota talvez exagerada, mas em todo caso útil para ambientar-nos com o quadro de uma transformação que foi realmente violenta e profunda. Diz ele que a guerra moderna, empregando processos que se caracterizam pela rapidez de movimentos, e pela quantidade espantosa de munições e materiais de toda a ordem exigidos para assegurar o funcionamento da complicada máquina militar existente no momento, evoluciona tão assombrosamente que se tornaram anacronicos, quasi ante-diluvianos, os processos consagrados ainda na literatura guerreira de 1939.

A seguir entra o Cap. de mar e guerra Tancredo de Moraes a definir o que seja uma "divisão motorizada", mas parece confundir duas coisas que distinguimos perfeitamente: divisão motorizada e divisão blindada. Pelo menos é o que se pode inferir ao vê-lo considerar que a chamada "Panzer Division" melhor se traduziria por "divisão couraçada" do que por "divisão motorizada". E quando especifica a composição dessa unidade a que se refere, fica definitivamente claro que não se trata de modo algum do que designamos por "divisão motorizada". Uma divisão couraçada — são suas palavras — compõe-se de uma unidade de reconhecimento, constituída por motociclistas, dispoñdo de pistolas ou fuzil-metralhadoras; um batalhão de metralhadoras pesadas, um batalhão de engenhos anti-tanques; o corpo de tanques, composto de cem tanques ligeiros, médios e pesados; uma brigada de infantaria (2 regi-

mentos a 2 batalhões) transportada em caminhões-automoveis; um regimento de artilharia motorizada; um batalhão de engenharia com material para radio-comunicações, pontes, minas, etc. O comando é transportado em automoveis; caminhões-automoveis conduzem munições, mantimentos e a complicada impedimenta de que a força precisa.

Desses dados passa o articulista a considerar os problemas de reabastecimento ligados a forças dotadas de velocidade e raio de ação tão dilatados, para encarar o reabastecimento por via aérea.

Recorda que a solução não é inteiramente nova. Já anteriormente a guerra declarada em 1939, o avião tinha sido empregado no reabastecimento de forças em circunstâncias tais que seria impossível reabastecê-la por outra forma, a querer conservar essas forças em condições suficientes para continuarem eficientes.

No Marrocos espanhol, aí por 1919 ou 1920 — antes da implantação do regime do Directorio em Espanha — pequenos nucleos de tropas tinham ficado isolados em posições cercadas por marroquinos, e a única forma de os abastecer era por via aérea. Fez-se e com bom resultado, mas tratava-se de pequenos efetivos, talvez da ordem de um batalhão, ou pouco mais.

Na campanha da Abissinia, os italianos empregaram largamente a via aérea para abastecer colunas inteiras, e a carência de vias de comunicação colocou em circunstancias tais, que necessário foi recorrer ao avião para resolver as dificuldades. Antes já uma coluna recebera pela via dos ares 18 quintais de bolacha, carne em latas, chá e açúcar. Quando as condições do terreno não permitiam a aterragem dos aviões, os abastecimentos eram lançados em recipientes apropriados e às vezes em paraquedas. Assim, chegaram a ser fornecidos fardamentos e até fundos, pela via aérea.

Convem, notar, todavia, que as condições em que decorreu a guerra italo-abexim não permitiam que o inimigo tivesse qual-

quer meio de interferir com o serviço de abastecimento assim efetuado.

* * * *

Na guerra atual o emprego de tropas por via aérea pode talvez dividir-se em duas categorias: a dos paraquedistas e a de contingentes transportados em aviões

Descrevendo em largo traço a execução dessas operações, o articulista socorre-se do seguinte relato de uma testemunha presencial do desembarque de paraquedistas alemães nas proximidades de Corinto :

“Os aviões largavam os homens com ordem e método, de forma a haver intervalos regulares e constantes no campo de queda. Eram munidos de paraquedas brancos mas de cada avião largava um homem munido de paraquedas vermelho, indicando talvez o chefe do grupo. Alguns paraquedas (e aqui vai um detalhezinho que desiludirá um pouco os fanáticos da eficiência germanica...) não abriram e os homens estatelaram-se no solo. Outros caíram no mar afogando-se os seus portadores.”

Para transportar tropas empregam-se planadores. Um planador tipo inglês, pôde transportar em regra 30 homens e o seu equipamento. Contrariamente ao que se pensa não são tão baratos. Um planador custa pouco mais ou menos 2.000 libras, quasi o preço de um Spitfire.

Os alemães empregam um só avião para rebocar um grupo de planadores, seis, o máximo, mas os ingleses julgam inconveniente fazer rebocar mais de um planador por cada avião. Não porque o conjunto perca muita velocidade — calcula-se que o avião rebocador perde apenas 15 milhas por hora — mas principalmente porque um comboio longo fica sujeito à ação das correntes aéreas que podem pôr em perigo o conjunto.

O planador não exige campo das dimensões requeridas por um avião para poder aterrar. Um terreno plano com 15 metros de comprimento aproximadamente é suficiente. Sabe-se que um planador alemão desceu no jardim do palacio de Can-

dia, em Créta, afim de capturar o rei da Grécia que ali devia encontrar-se.

O articulista descreve o assalto aéreo de que reeultou a conquista de Créta, distribuido pelas seguintes fases:

1.^a Paraquedistas conduzidos do S. da Grécia foram largados em quantidade suficiente para tomar e ocupar o aérodromo de Malemo, situado no extremo NW da ilha e o menos defendido de todos de que ela dispunha.

2.^a De posse dele, fizeram-se ali numerosos desembarques de tropas transportadas em planadores, até que se juntou o número suficiente para expulsar da ilha as tropas que a defendiam.

Calcula-se que a Luftwaffe empregou 1.200 aviões na expedição e que pelo menos 50.000 homens foram transportados pelos ares.

As causas do êxito germânico, opina o articulista, foram, além da perícia e energia do pessoal da Luftwaffe: I — ausência de força aérea da Inglaterra; II — pouca artilharia das forças inglesas em operações.

Essa pouca artilharia disponível ainda causou fortes baixas entre os homens transportados em planadores. Dalguns apenas se salvaram 5 homens, doutros 10, até que se juntou gente suficiente para expulsar a artilharia das suas posições.

Aviões bombardeiros impediram os navios britânicos de prestar qualquer auxilio ao exército que guarnecia Créta. Outros localizavam e atacavam as baterias de artilharia dos gregos e ingleses.

Mas não foi só em Créta que os alemães fizeram uso das tropas lançadas em paraquedas e planadores. O que distingue especialmente aquela batalha é o fato de ter sido um expressivo triunfo de tropas aero-transportadas contra forças terrestres e navais. Ao tempo falou-se até que aquilo era o teste germânico para a conquista das Ilhas Britânicas...

Em todos os outros teatros da guerra, porem, os alemães utilizaram forças aero-transportadas, a começar pela Bélgica,

em 1940, quando tropas de choque foram desembarcadas na retaguarda dos exércitos aliados, a 20 milhas da frente.

O trabalho estampado na "Revista Militar" de Portugal não menciona senão as operações de desembarque aéreo efetuadas pelos alemães. Convém, todavia, não esquecer que essas operações já foram amplamente superadas pelos aliados. Bastará citar os feitos da Setima Divisão australiana, na Nova Guiné, e do Exército de Wingate, na Birmania. No arrombamento da "Fortaleza de Hitler", como tivemos notícia, foi importante o papel distribuído aos elementos lançados do ar, e ainda agora desceu na Holanda, na região de Arnheim, todo um Exército aero-transportado.

Calcula-se que os germânicos tenham levado a Créta pelos ares, em 1941, cerca de 50.000 homens. Os efetivos agora despejados pelos aliados são bem maiores, pois as estimativas iniciais, de origem alemã, davam-nos como superiores a 60.000 homens. Considere-se ademais que em Créta às condições eram idealmente vantajosas para os atacantes. Além da insignificância dos efetivos anglo-gregos, da sua escassa artilharia, dos seus meios de transporte também escassos e ainda por cima inadequados, a Luftwaffe pôde agir com absoluto desembaraço, porque a R.A.F. esteve ausente da batalha, em virtude da falta de bases à distancia útil para atender à cobertura de caça.

Igualmente as operações de paraquedistas efetuadas pelos alemães contra a propria Holanda, em 1940, não podem comparar-se com as atuais. Aquelas foram feitas em combinação com a 5.^a coluna e tinham por objetivo, essencialmente, estabelecer a desordem na retaguarda e assim frustrar a mobilização holandesa, ainda em pleno desdobramento, ao passo que as Divisões aero-transportadas agora lançadas no vale do Reno deviam chocar-se, como se chocaram, com um poderoso Exército alemão, apoiado em linhas defensivas altamente vantajosas.

Então, pois, velhas e até mesquinhas as proesas dos paraquedistas e planadores germânicos. E cada vez se amesquinham mais. Bem apreciadas, hoje, quasi que só realçam pelo lado da técnica-aeronáutica, porque foram efetuadas com tal

superioridade de meios, em condições tão especiais e contra adversários já tão atordoados e desorganizados, que o seu valor estritamente militar é apenas modesto.

* * * *

Voltando ao trabalho do Capitão de Mar e Guerra Tancredo de Moraes, vamos encontrá-lo a concluir que o veículo do futuro, e talvez da atualidade, para reabastecimentos por via aérea é o plantador. Nas condições presentes esses aparelhos podem conduzir duas toneladas de mantimentos, de munições, de fardamentos; fornecendo um meio de transporte rápido e seguro.

E' preciso considerar, em todo caso, as limitações desse recurso. O reabastecimento pelos ares, ao que teem indicado as experiências atuais, só resulta verdadeiramente util em se tratando de pequena quantidade de tropas, ou por um espaço de tempo reduzido. Evidentemente, um numeroso grupamento de forças não pode ser rabastecido apenas com paraquedas. Há que empregar sobretudo aviões de transporte e planadores, o que supõe a posse útil de alguns campos de pouso. Em Stalingrado o 6.º Exército germânico foi por algum tempo reabastecido por via aérea. Os russos, porém, foram apertando o cerco, até conquistarem todos os aerodromos ao serviço alemão, e assim, em dado momento, se tornou impossivel o reabastecimento, foi a rendição de Von Paulus.

Agora na Holanda tivemos um exemplo de outro tipo. Os paraquedistas ingleses desembarcados na região Arnhem viram-se sitiados e tiveram que ser abastecidos durante muitos dias pelo ar. Eram, entretanto, efetivos relativamente pequenos, com uma missão de sacrificio previamente estipulada, além de que contavam ser acolhidos pelo 2.º Exército do General Dempsey. O reabastecimento pelo ar estava previsto, apenas se prolongou acima dos calculos estabelecidos, em virtude da reação germânica, mais vigorosa ou mais feliz do que se podia esperar.

Pois só essa circunstância gerou indisfarçáveis apreensões nos círculos aliados, é verdade que não tanto pela dificuldade de reabastecer pelo ar as tropas sitiadas, mas pelo temor de que estas, submetidas a tão longo e rigoroso castigo, viessem a esgotar a sua capacidade combativa antes de lhes chegar o auxílio terrestre, o que de fato aconteceu.

De qualquer forma, parece claro que as tropas paraquedistas e aero-transportadas terão ainda, por muito tempo, o seu emprego circunscrito às operações do tipo "golpe de mão", isto é, operações de pequena envergadura, porém audaciosas e violentas, visando resultados indiretos. O reabastecimento pelos ares também continua como recurso de excepção, salvador muitas vezes, se não se lhe pedir mais do que no estágio técnico atual está em condições de fornecer.

U. P.

Cerâmica São Caetano S/A

ESCRITÓRIO CENTRAL

Viaduto Boa Vista, 68 — 6.º andar

{ Secção de Refratários — 3.4952

{ Secção Interior — 2.4229

Fones: { Gerência e Compras — 2.7636

Caixa Postal 278 — Telegramas "ACIMAREC" — São Paulo — BRASIL

Fábrica em São Caetano (S.P.R.) — Rua Casemiro de Abreu, 4 —

LOJA:

Rua Boa Vista, 25

{ Chefia — 2.4329

Fones: { Vendas — 2.3429

Caixa — 3.2047

Fore 1124 — Linha 140

TELHAS "BRILHANTES"

LADRILHOS — Vermelhos — Amarelos — Marrons e Pretos

TIJÓLOS PRENSADOS para degraus — pingadeiras — pisos — colunas e outros

MATERIAIS REFRACTÁRIOS

de alta classe, para todos os fins industriais

Fornecedora das principais indústrias do País —

Fábrica peças especiais de qualquer formato

Os materiais refratários

"São Caetano"



se caracterizam pela sua qualidade e esmerada fabricação

Glostora



Destaque-se

Glostorando seu Cabelo

ALGUMAS gotas apenas, bastam para GLOSTORAR seus cabelos... mantê-los em ordem... dar-lhes vida... acentuar-lhes o brilho!... GLOSTORA dá-lhe uma nota de distinção e elegância inconfundível!

**DÁ VIDA E
ESPLendor AOS CABELOS**

Não demore

a carga e descarga dos vagões
para não retardar o transporte
de outras mercadorias de
importância vital



GANHAR TEMPO NO TRANSPORTE É APRESSAR A
Vitória!

THE LEOPOLDINA RAILWAY CO LTD



Não tussa ! Tome só :
VINHO CREOSOTADO
Cuidado. Existem imitações...
Pegam :
Vinho Creosotado Silveira

BOLETIM

A Ordem do Dia do Exmo. Sr. Ministro Gen. Eurico Dutra, em 25 de agosto ultimo, constituiu uma das peças mais notáveis que já se escreveram sobre Caxias.

Há nela umas caracterizações definitivas da personalidade do nosso soldado máximo. Exemplos:

"O marechal Luiz Alves de Lima brilhou em todas as missões que lhe foram atribuídas. Na guerra — foi previdente, organizador, decisivo, impávido, heróico, glorioso. Na paz, no desempenho dos cargos administrativos — foi clarividente, enérgico, bondoso, inteligente, justo e, sobretudo, humano".

Sim, humano; ainda não foi suficientemente focalizado esse lado da personalidade de Caxias. Seus biógrafos preferem em geral apresentá-lo em pose de estátua. Talvez por ser mais fácil e mais bonito...

Fixa ainda a Ordem do Dia do Gen. Dutra, fugindo ao "clichê" das frases convencionais com que costumam ser tecidos esses documentos, outros aspectos originais da personalidade de Caxias:

"Separava com nitidez os que eram puramente soldados dos que, por baixo da farda, apresentavam as qualidades dos diplomatas, o tino dos administradores e a argúcia dos políticos. Era um psicólogo profundo, definindo um arquetipo para cada missão antes de eleger quem deveria executá-la, procurava homens para os cargos e não cargos para os homens".

* * *

A Biblioteca militar já iniciou o lançamento dos nossos novos regulamentos, de acordo com a justa deliberação ministerial, que lhe concedeu privilégio para essas edições.

Devemos esperar que a administração da B. M. funde as suas tiragens nesse setor em dados cuidadosamente estudados, afim de evitar o mal crônico das edições insuficientes, instantaneamente esgotadas.

Como referência grosseira: se a B. M. tem quase 8.000 assinantes, é claro que um regulamento que interesse a todas as armas será absorvido, inicialmente, ao menos pelo dobro desse número.

* * *

A "Revista Militar" da Argentina, no seu número de abril deste ano transcreveu em tradução do Ten. Cel. Julio A. Dentone, o trabalho do Cel. J. B. Magalhães intitulado: "As forças morais na guerra". Trata-se de um trabalho realmente notável, que se desdobra sob os seguintes títulos: "O caráter objetivo da guerra e as teorias"; "As forças da guerra e a política"; "O homem e a personalidade"; "A psicotécnica"; "As forças morais da guerra"; "O sentido profundo da moral"; "A economia de guerra nas forças morais".

* * *

Roy Nash, ex-oficial do Exército norte-americano, atualmente adido cultural ao Consulado Americano em Porto Alegre, e autor de no-

tavel estudo, incluído na coleção "Brasileira", sob o título "A conquista do Brasil", pronunciou recentemente no Itamarati uma conferência sobre o "Brasil no ano de 2044".

Estudando nessa conferência as possibilidades de um desenvolvimento da nossa população comparável ao que se processou nos Estados Unidos Roy Nash assim se exprime: "Tal aumento demográfico depende de três fatores. O primeiro: reduzir a mortalidade infantil. Segundo, prolongar a média de vida. O índice médio de vida em toda a América Latina é extremamente baixo. Varia entre a idade máxima de 47 e a mínima de 32 anos de idade. O Brasil classifica-se entre as duas com uma média de 39 anos, média esta que contrasta com a de 62 e 5 meses nos Estados Unidos. A origem dessa diferença deve ser procurada não no clima, mas no padrão de vida e na saúde pública. O terceiro fator, em que pesem as divergências a respeito, está na imigração, e na imigração em grande escala".

* * *

Por iniciativa do Genl V. Benício da Silva, esse alto espírito que lidera a cultura do Exército contemporâneo, foi publicada em volume autônomo a parte referente às velhas fortalezas da Cidade do Salvador, do livro "Relíquias da Bahia", de autoria de Edgar de Cerqueira Falcão.

A edição é da "Livraria Martins", de S. Paulo, em apresentação primorosa.

* * *

A energia hidro-elétrica constitui uma das maiores riquezas no quadro da civilização atual, por isso que vivemos a idade da eletricidade, e é sabido que as despesas de combustível nas usinas térmicas representam 40 a 60% das despesas totais de exploração.

Ora, o Brasil está em 4.º lugar entre os países mais ricos do mundo em energia hidráulica. E' a seguinte a classificação publicada no "Statistical Year Book": 1.º — Rússia com 50.000.000 kw; 2.º — Estados Unidos, com 25.045.000 kw; 3.º — Canadá, com 19.000.000; 4.º — Brasil com 14.366.000 kw.

A Secção de Energia Hidráulica da Divisão de Águas assim discrimina os nossos recursos hidráulicos: Minas Gerais, 5.828.000 cv, representando 29% do total do país; S. Paulo — 2.602.000 cv, correspondendo a 13,35%; Paraná — 2.590.000 cv, correspondendo a 13,28%; Mato Grosso — 2.202.444 correspondendo a 11,28%; Pará — 1.875.000 correspondendo a 9,60%.

Por bacias: a distribuição de potencial hidráulico é a seguinte: a do Paraná — 9.721.000 cv, ou seja a metade, aproximadamente, do total do Brasil (nela estão situadas algumas das mais importantes quedas do Brasil: Sete Quedas, Urubú-Pungá, Sta. Maria, Maribondo); a do Amazonas — 4.400.000 cv; a do Nordeste — 88.400 cv (é a mais pobre, representando apenas 0,45% do total brasileiro, dadas as condições climáticas e meteorológicas daquela região).

* * *

O Ten. Cel. Lima Figueiredo escreveu para "O Jornal", um excelente artigo recordando "o soldado escritor" Marechal José Bernardino Bormann, cujo centenário transcorreu no dia 26 de setembro próximo

passado. A viuva do Marechal, que ainda vive, entregue ao culto da memória do seu ilustre esposo, ficou fundamente sensibilizada com o registro do Ten. Cel. Lima Figueiredo, e em reconhecimento ofereceu-lhe um busto de Napoleão, que o grande Bormann conservava sempre sobre a sua mesa de trabalho.

* * *

A propósito da recente promoção, por merecimento, do Ten. Cel. Carlos F. de Paiva Chaves, o Cap. Umberto Pêregriño, escrevendo para o jornal "A Manhã", ressaltou a atuação daquele brilhante oficial na organização e desenvolvimento da moto-mecanização no Brasil. Eis um trecho da nota a que nos referimos: "O Ten. Cel. Paiva Chaves fez um curso de moto-mecanização no Exército francês e, mais do que isso, observou, anotou, reuniu todos os elementos sobre a evolução e possibilidades reais da nova arma, que se tornaria o instrumento esmagador nas batalhas terrestres desta guerra. De volta ao Brasil iniciou imediatamente a sua batalha, uma dura e penosa batalha, travada num campo hostil, o da incompreensão generalizada. Aos poucos, porém, esclarecendo a questão e fixando as bases de um programa justo, compatível com as nossas possibilidades e necessidades, logrou ser ouvido, arredou resistências que pareciam irredutíveis, criou um ambiente de franco interesse pela moto-mecanização".

* * *

Chegou ao Rio recentemente o padre Joseph Vicent Ducattillon, da Ordem dos Dominicanos. Famoso orador sacro e filósofo, a voz do Padre Ducattillon é das mais autorizadas e respeitadas do mundo cristão. Pois bem, são dele as seguintes advertências nas primeiras palavras que dirigiu ao povo brasileiro:

"O mundo está atravessando uma grande crise, e toda a humanidade deve esperar por transformações radicais, pois seria uma ilusão pensar-se que o mundo continuaria o mesmo. Esta guerra, como já afirmei no meu último livro, é uma revolução. Se essa transformação é inevitável, precisamos fazer tudo para que ela se processe dentro do sentido cristão".

* * *

Para que perdermos o mercado da borracha, levando a Amazônia à falência e o Brasil a um dos mais fortes logros de sua história econômica? Em geral muito nos queixamos desses desastres, culpamos dele Deus e todo mundo, mas não examinamos as suas verdadeiras causas.

Florianô Möller escreve em "O Observador Econômico e Financeiro" apontando francamente o nosso quinhão de culpa no desprestígio da borracha amazônica: "Dois fatores nos levaram a perder o mercado da borracha — um a ganância dos açambarcadores que, enquanto o mundo necessitava de mais borracha, só aumentavam o preço que passou de 20 contos a 1 dólar a libra e em 1912, quando o Oriente começava a produzir a borracha das sementes levadas do nosso país, chegou a atingir 3 dólares a libra (450 gramas); o outro foi a deshonestidade de certos soringueiros — máus brasileiros — incluindo pedras nas "pelas" de borracha

para fazer render no peso ou então intercalando camadas de latex inferior, modalidade não menos deshonesta”!

* * *

Do último discurso de Churchill:

“Nas primeiras 24 horas que se seguiram à invasão 1/4 de milhão de homens desembarcaram no litoral francês sob a mais feroz oposição inimiga. Depois de 20 dias de luta já contávamos com 1 milhão de homens no Continente. E hoje, de 2 a 3 milhões de soldados aliados pisam o solo francês”.

“Quando nos lembramos de que apenas há 4 ou 5 anos atrás os E. E. U. U. eram uma nação pacífica, sem dispor de nenhum grande exército organizado e contando apenas com um pequeno exército regular, somos obrigados a reconhecer que os feitos das armas americanas são verdadeiramente espantosos”.

“O desleal inimigo que há quatro anos vinha infligindo as crueldades da sua opressão sobre esses Países (França, Bélgica, Holanda), fugiu ante as nossas tropas, deixando talvez 400.000 mortos e feridos atrás de si, e quase meio milhão de prisioneiros em nossas mãos. Além disso, mais de 200.000 homens estão neste momento isolados nas fortificações costeiras da Holanda, tudo fazendo crer na possibilidade da sua destruição ou da sua captura”.

“O futuro do mundo inteiro e de modo geral o futuro da Europa, talvez por muitas gerações dependa de uma associação cordial, confiante, compreensiva do Império Britânico, dos Estados Unidos e Rússia Soviética, de modo que nenhum sacrifício deva ser poupado e nenhuma tolerância deve ser negada ao que se faça mister para que frutifique essa suprema esperança”.

* * *

No dia 3 de outubro próximo passado a Escola de Moto-Mecanização homenageou o seu comandante o Ten. Cel. Artur da Costa e Silva, por motivo da passagem do seu aniversário natalício. Em nome dos oficiais falou o Cap. Caio Miranda, pelos sargentos o sargento Valdivio de Oliveira Coelho, e pelos cabos e soldados o cabo Vitorio Marcus Wanderley, tendo sido ofertados ao homenageado dois presentes, um da parte dos oficiais e outro da parte das praças.

A cerimônia, conquanto íntima e singela, constituiu uma verdadeira consagração ao Ten. Cel. Artur da Costa e Silva. E, com efeito, os que conhecem a Escola de Moto-Mecanização, sabem que o seu alto rendimento atual é fruto do largo descortino, dos nítidos méritos profissionais, das avisadas preocupações pedagógicas, enfim, do vigoroso e inteligente impulso que lhe vem imprimindo o seu ilustre e devotado comandante.

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

ACTOS OFICIAIS DO MINISTERIO DA GUERRA
DE 20 DE AGOSTO A 20 DE SETEMBRO DE 1944

ALUNOS DESIGNADOS DE C.P.O.R. OU N.P.O.R. — (Determinação).

— Em complemento ao Aviso número 1.401, de 4 de junho de 1943, determino o seguinte:

1.º) — Os alunos desligados de C. P. O. R. ou N. P. O. R. e que ao se matricularem já eram cabos ou sargentos, — devem ser incorporados, com as graduações que já tinham, anteriormente, na reserva ou na ativa.

2.º) — Os alunos desligados do 1.º ano e que, irão fazer sucessivamente os cursos de cabo e de sargento, poderão ser reunidos em uma só unidade, por arma, a fim de facilitar o cumprimento do que dispõe o Decreto n.º 10.633.

Ainda que as Diretrizes de Instrução ou Programas, prevejam o funcionamento simultâneo desses Cursos, devem ser feitas adaptações, para se cumprir a Lei, dentro dos prazos fixados pelo Decreto n.º 10.633.

3.º) — Os que concluírem, na tropa, com aproveitamento:

a) — o curso de sargento — serão promovidos a 3.º sargento para a reserva;

b) — o curso de Cmt. de Pelotão (Seção) — serão promovidos a 2.º sargento para a reserva.

4.º) — Os alunos desligados e incorporados, quando não forem aprovados nos cursos que frequentarem, devem completar o tempo fixado para a incorporação e a seguir incluídos na reserva com a graduação que tinham na tropa, esgotados os seguintes prazos:

— de 6 meses para os desligados do 2.º ano;

— de 12 meses para os desligados do 1.º ano;

Estes prazos de incorporação não deverão ser excedidos ainda que não tenham frequentado os cursos por qualquer motivo.

(Aviso n. 2769 de 9. — D.O. de 12-9-944).

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA — (Concessão).

— É concedida autonomia administrativa ao Parque Central de Moto-Mecanização, na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por Decreto-lei n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 2.805 de 9. — D.O. de 12-9-944).

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA — (Concessão).

— Ao 1.º Batalhão de Carros de Combate da Divisão Moto-Mecanizada, criado por Decreto-lei n. 6.813, de 21 de agosto de 1944, é concedida autonomia administrativa, nos termos do art. 25, do Regulamento para Administração do Exército, aprovado pelo Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 2.509 de 26. — D.O. de 29-8-944).

Lanificio Fileppo S. A.

"Fabrica de Tecidos Belem"

Capital Realizado: Cr\$ 10.000.000,00

Rua Padre Adelino N.* 685
São Paulo

Telef. 3-4356
Endereço Telegrafico
"FILEPPO"

VENDAS
Telef. 3-1253
Caixa Postal, 4030

COFERMAT

Companhia Brasileira de Ferro e Materiais de Construção S. A.

Ferros chato, T e Cantoneiras — Arame — Ferro —
Guza — Ferro arco — Cobre e latão em chapas,
arame, vergalhões e tubos

Madeiras para construções — Cal — Cimento branco —
Telhas — Canos de chumbo — Oleos — Alvaiaide —
Gesso.

Ferragens e ferramentas para todos os fins

Fechaduras e ferragens finas para construções

Máquinas para oficinas mecânicas e indústrias

*Válvulas — Manômetros — Gachetas — Asbestos
— Papelão hidráulico*

RUA BUENOS AIRES, 154 Tel. 43-2968-Rio de Janeiro

NOMIA ADMINISTRATIVA — (Passa a ter).

— A Companhia de Sapadores do 5.º Batalhão de Engenharia posta á disposição da Viação Férrea Paraná-Santa Catarina, passa a ter autonomia administrativa, de acôrdo com o disposto no Art. 25 do Regulamento de Administração do Exército, aprovado por Decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 2.806 de 9. — D.O. de 12-9-944).

ADADORES DOS CENTROS DE I. MILITAR — (Exclusão).

— Com o fim de uniformizar o critério para aplicação da pena de exclusão dos atiradores, dos Centros de Instrução Militar, resolve:

1.º — A frequência á instrução é um ato de serviço militar, por cujas faltas serão responsabilizados os atiradores que as cometerem.

2.º — A verificação da presença será feita no início e no fim de cada instrução ou exercício de natureza prática ou teórica.

3.º — É considerado falta tanto o não comparecimento a qualquer ramo da instrução ou exercício (prático ou teórico), como o comparecimento com o atraso, ou ainda a retirada do atirador antes da sua terminação.

4.º — Ao atirador que, por motivo justificado, faltar no mesmo dia a um ou mais ramos da instrução ou exercício (prático ou teórico), ou que dêles se retirar antecipadamente, marcar-se-á um ponto;

a) — se a falta não fôr justificada, ser-lhe-ão marcados dois (2) pontos, ficando além disso sujeito a corretivo disciplinar;

b) — a justificação das faltas será feita mediante apresentação de atestado médico com firma devidamente reconhecida por notário, á juízo do Inspetor de Tiros.

5.º — O atirador que completar vinte (20) pontos durante o ano instrutivo, será excluído por falta de frequência. Entretanto, se as faltas resultarem de motivo de força maior, a exclusão só se dará quando se completarem trinta (30) pontos.

Constitui motivo de força maior:

1.º — Moléstia grave ou acidente do atirador, de seus pais, irmãos, esposa ou filhos

2.º — Falecimento de qualquer um dos membros de sua família, especificados no número 1.

(Aviso n. 2.766 de 9. — D.O. de 12-9-944).

BANDA DE MUSICA — (Criação).

— I — Na conformidade do n.º 1 das "Instruções sobre as bandas de música, fanfarras, bandas de clarins e corneteiros-tambores", fica criada a banda de música do 6.º Batalhão de Caçadores, atualmente em Santos (Estado de São Paulo).

(Aviso n. 2.919 de 18. — D.O. de 20-9-944).

ALHO DE ENGENHARIA — (Efetivo).

— A 1.ª/14.ª Batalhão de Engenharia (Natal) passa a ter efetivo de Companhia de Sapadores Destacada de Batalhão de Engenharia (Boletim Reservado n.º 22, de 20 de dezembro de 1942).

(Aviso n. 2.479 de 23 — D. O. de 25-8-944).

O. R. — (Instrutor)

— Tendo em vista que o Regulamento para os C. P. O. R. prescreve:

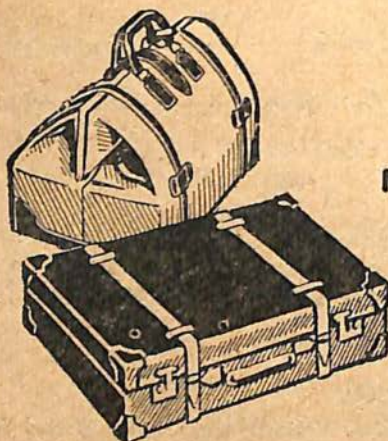


*Pasteis, massas,
doce*

FAÇA BONS PRATOS USANDO A
**FARINHA DE TRIGO
PURA
BOA SORTE**



MOINHO FLUMINENSE S.A. * RIO DE JANEIRO



MESBLA

ARTIGOS PARA VIAGEM

MALAS, VALISES
SACOS PARA ROUPA
ESTOJOS COMPLETOS

MALAS ESPECIAIS
PARA AVIÃO

PEÇAM CATÁLOGOS

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - PORTO ALEGRE
PELOTAS - RECIFE - BELO HORIZONTE - NITEROI

— No quadro de efetivos (apêndice) um único instrutor para o Curso de Intendentes nos Centros tipos I e II, ao passo que no artigo 23, prevê um Capitão para Chefe desse curso, resolvo:

- a) o cargo de Instrutor Chefe do Curso de Intendência, nos C. P. O. R. deverá ser exercido indiferentemente, por Capitão ou 1.º Tenente;
- b) nenhuma diferença de vencimentos, baseada no art. 82 do C.V.V. deverá ser atribuída, o caso de ser 1.º Tenente o Chefe do Curso em aprêço. (Aviso n.º 2.565 de 28. — D.O. de 30-8-944).

COMANDO DA 3.ª REGIÃO MILITAR — (Extinção).

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 74, lera a, da Constituição, decreta:

Fica extinto o atual comando conjunto da 3.ª Região Militar e 3.ª Divisão de Infantaria, com sede em Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul. Este Decreto entrará em vigor na data da sua publicação.

(Decreto-Lei n. 1.650 de 1-9-944. — D.O. de 4-9-944).

CONSCRITOS E VOLUNTARIOS — (Diária).

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição, decreta

O art. 114 e seu parágrafo 2.º do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército, passa a ter a seguinte redação:

Os conscritos e voluntários, ao serem licenciados, terão direito, além do transporte até seu domicílio, em território nacional, a uma diária de alimentação no valor de cinco cruzeiros (Cr\$ 5,00)."

O presente Decreto-Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n. 6.859 de 8-9-944. — D.O. de 11-9-944).

RESPONDENCIA DA F. E. B. — (Declaração).

— Declaro para publicação em Boletim do Exército, que toda correspondência encaminhada à Pagadoria Central da FEB sobre pagamento de consignações de família do pessoal da Força Expedicionária Brasileira, não será retornada à autoridade remetente, devendo a mesma Pagadoria prestar a informação diretamente ao interessado, para evitar delongas e aumento de burocracia.

Não se acham compreendidas nesta determinação as solicitações de caráter *confidencial* e *secreto*, nem as necessárias aos requerimentos que dependam de despacho de autoridade superior.

(Aviso n. 2.811 — 11. — D.O. de 13-9-944).

CORPO DE TROPA — (Extinção e criação).

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, decreta

Fica extinto, na data da publicação deste, o 1.º Regimento de Carros de Combate da Divisão Moto-Mecanizada, criado pelo Decreto-Lei n.º 6.482, de 9 de maio último.

E' criado, para organização imediata, o 1.º Batalhão de Carros de Combate da Divisão Moto-Mecanizada, com sede provisória nesta Capital Federal.

(Decreto-Lei n. 6.313 de 21-8-944. — D.O. de 23-8-944).

CIMENTO PARA O BRASIL

O presidente da Companhia de Cimento Portland Paraná, engenheiro Jorge Bueno Monteiro, concedeu aos jornais uma curiosa entrevista em que analisa, com grande penetração, o panorama da industrialização paranaense. Refere-se particularmente — e as suas atividades atuais o explicam — á produção nacional de cimento. Sustenta a tese nova e certa de que as concentrações de fabrico não servem eficientemente as exigências do consumo brasileiro. País rico de calcareos e pobre de transportes, precisa espalhar usinas por todas as zonas onde há abundância de materias primas e relativa facilidade de energia elétrica. O Paraná, graças aos esforços do engenheiro Bueno Monteiro, iniciará em começos do ano que vem a produção de cimento, em condições de cobrir todo o consumo do Estado e atender aos mercados de Santa Catarina e da zona norte do Rio Grande. Mas precisamos, como diz o experimentado técnico, triplicar a produção, de vital interesse para a economia brasileira porque a ela se condiciona não só o reaparelhamento do parque industrial, mas toda a projetada e irradiavel reforma do sistema de transportes. As palavras do engenheiro paranaense devem ser particularmente estudadas pelos homens de capital e pelos dirigentes dos estabelecimentos de credito a quem cumpre precipua missão na solução de um grande problema brasileiro.

CURSOS DE ESPECIALISTAS COMBATENTES — (Equiparação).

— Ficam equipados, para os efeitos de promoção, os cursos de "Especialistas Combatentes" da Escola de Moto-Mecanização, aos de Comandantes de Pelotão e de Seção.

(Aviso n. 2.447, de 23. — D.O. de 25-8-944).

CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS INTENDENTES DO EXERCITO — (Matricula).

— Tendo em vista a perspectiva do funcionamento na Escola Militar de Resende, no próximo ano, do Curso de Formação de Oficiais Intendentes do Exército e, também, melhor seleção dos candidatos, resolvo que sejam adotadas para a matrícula no referido curso as instruções para o Concurso de Admissão, em 1945, naquela escola, aprovadas por Portaria n.º 6.709, de 9 de junho de 1944.

A matrícula, entretanto, sómente deverá ser permitida aos alunos e ex-alunos das Escolas Preparatórias e do Colégio Militar, bem assim às praças do Exército, até o limite de 25 anos de idade, referidas a 1 de março de 1945.

Os alunos das Escolas Preparatórias que requererem em tempo matrícula no Curso de Formação de Oficiais Intendentes do Exército ficam dispensados do exame intelectual e serão matriculados, com preferência, segundo a ordem decrescente dos graus de aprovação naqueles estabelecimentos, de acordo com o número de vagas existentes e satisfeitas as conclusões.

(Aviso n. 2.761, de 8. — D.O. de 11-9-944).

CURSO DE I. DE DEFESA ANTI-AÉREA — (Funcionamento).

O Diário Oficial de 15-9-944, (página n. 16056) publica as instruções aprovadas pelo Ministro de Estado da Guerra, para o funcionamento dos diferentes cursos de Instrução de Defesa Anti-Aérea para o ano de 1945.

DIVISÃO MOTO-MECANIZADA — (Modificação).

O Diário Oficial n. 196 de 23-8-1944, publica na íntegra o Decreto-Lei n. 6.812 de 21-8-944, que modifica a Organização da Divisão Moto-Mecanizada.

FUNDO DE PREVIDENCIA DO PESSOAL DA F.E.B. — (Declaração).

— Tendo sido veiculadas notícias tendenciosas a respeito do Fundo de Previdência do pessoal da F.E.B., propalando restrições à movimentação das quantias depositadas em nome dos militares e admitindo a hipótese do Governo reduzir a um terço o total do referido Fundo de Previdência declaro o seguinte

1 — Os consignatários de família do pessoal da F.E.B., residentes fora desta Capital e de Niterói, se autorizados a movimentar o Fundo de Previdência nas condições estabelecidas pela Portaria n.º 6.781, de 13 de julho do corrente ano, poderão outorgar poderes em instrumento público passado em cartório, a favor de qualquer estabelecimento bancário do país, com o fim especial de fazer retiradas totais ou parceladamente no mencionado Fundo de Previdência.

2 — As procurações dessa espécie deverão ser apresentadas, pelos mandatários ou seus representantes legais, ao Chefe da Pagadoria Central da F.E.B., que, depois de as comparar com os registros das fichas individuais da Carteira de Averbação, fará o necessário expediente ao Banco Andrade Arnaud, estabelecimento em que é depositado o Fundo de Previdência.

A Defesa Nacional

em

SÃO PAULO

A representação exclusiva desta revista no Estado de São Paulo, capital e interior, está a cargo do Bureau Interestadoal de Imprensa, cuja sucursal se acha instalada na Rua Barão de Piranapiacaba, 61 - 4.º andar, — Telefone 2-5841.

Os interessados pôdem dirigir-se ao endereço supra para anuncios, assinaturas, etc.

Chefe da Sucursal: — Mario Herédia.

Só podem efetuar recebimento de contas de **A DEFESA NACIONAL** os cobradores devidamente autorizados pelo chefe da Sucursal do B.I.I.



Anunciar na **A Defesa Nacional** é fazer
publicidade eficiente.

3. — As pessoas residentes nesta Capital e em Niterói, — que estejam autorizadas a movimentar o Fundo de Previdência nas condições estabelecidas pelas disposições vigentes, farão as retiradas diretamente naquele estabelecimento bancário, sem necessidade de interferência de qualquer procurador.

— As procurações referidas no item 1 — só poderão ser passadas a pessoas jurídicas, não devendo ser aceitas pelo Chefe da Pagadoria Central da F. E. B. as que deleguem direitos das famílias dos militares da F.E.B.

5. — Em caso de morte do titular da conta do Fundo de Previdência, tão logo a Pagadoria Central da F.E.B. tenha conhecimento oficial do óbito, deverá ser comunicado ao Banco Andrade Arnaud que a movimentação daquela conta ficará suspensa, até que a Justiça Militar julgue legal a habilitação dos herdeiros do militar.

6. — A Pagadoria Central da F.E.B. deverá entrar em ligação com o D.I.P., a fim de fazer a divulgação desta determinação pela imprensa e, se possível, por intermédio de todas as emissoras do país, para tranquilizar as famílias.

(Aviso n. 2.925 de 13. — D.O. de 20-9-944).

INSIGNIA DE COMANDO — (Aprovação).

— É aprovada a insígnia de comando, cujo modelo a este acompanha, do General Diretor de Moto-Mecanização.

(Aviso n. 2.395 de 19. — D.O. de 22-8-944).

INSPECTORIAS DE GRUPOS DE REGIÕES — (Extinção).

— O Ministro de Estado resolve aprovar as Instruções que com esta baixam, para a extinção das Inspetorias de Grupos de Regiões. — *General Eurico G. Dutra.*

Para cumprimento do art. 5.º, do Decreto-lei n. 6.775, de 7 de agosto de 1944, que extinguiu as Inspetorias de Grupos de Regiões, determino que sejam observadas as seguintes instruções até que sejam criados os Grupos de Regiões Militares, na conformidade do art. 4.º, do referido Decreto-lei:

1. — As atuais Inspetorias de Grupos de Regiões Militares continuarão a funcionar em caráter transitório para efeito de encerramento dos seus serviços, da sua administração e da sua escrituração.

2. A documentação pertencente às Inspetorias, de qualquer procedência ou utilidade e desde que não tenha caráter sigiloso, deverá, depois de devidamente numerada e catalogada, ser recolhidas à Diretoria do Arquivo de Exército.

Parágrafo único. Excetuam-se os mapas, relatórios, memórias e demais documentos referentes ao Brasil em geral, e em particular aos territórios da 3.ª e 5.ª Regiões Militares, que serão conservados no Arquivo da Inspetoria do 2.º G.R.M., onde permanecerão e não serão recolhidos, aguardando conveniente destino.

3. Os regulamentos das armas, dos serviços, os documentos sigilosos e os controlados serão recolhidos aos órgãos de onde provierem.

4. Os Generais Inspetores ficam adidos, para efeito de vencimentos, à Secretaria Geral do Ministério da Guerra.

5. Os demais oficiais passam a adidos ao Estado Maior do Exército, às Diretorias das Armas e dos Serviços, conforme os quadros a que pertenciam, continuando, porém, a prestar serviço às extintas Inspetorias, enquan-

Assistencia aos trabalhadores da Central

Na grande renovação que se opera na Central do Brasil, dentro do periodo mais critico que a grande ferrovia já viveu, ha detalhes a que se não tem ligado maior importancia e que não são, de modo algum, os de menor significado. Enquanto se cuida de encurtar caminho e poupar combustivel com a construção de variantes, de aumentar a capacidade de oficinas, de melhorar, vencendo dificuldades incriveis, o material rodante, olha-se, com cuidados talvez maiores, assistir ao trabalhador. Esse aspéto da administração do major Alencastro Guimarães, merece destaque. gora mesmo, numa integração perfeita com o programa do Presidente Vargas e com uma compreensão clara do problema racial brasileiro, foram inauguradas uma grande creche, dirigida pelo pediatra Waldemar Carrilho, com salas modelares de isolamento, ambulatorio, latario, cozinha, banheiros etc. Simultaneamente entregava-se aos seus trabalhadores o seu hotel de ferias, em Valença, e instalava-se a grande sapataria cooperativa. Pouco depois concluia-se a operação para a construção de mil casas, no valor de quinze milhões de cruzeiros e que custarão aos operarios da "Central" menos trinta por cento dos preços que atualmente pagam, em verdadeiros mocambos sem higiene e sem conforto. Fazendo verdadeiro milagre para melhorar o sistema de transporte do Brasil a "Central do Brasil" realiza paralelamente, uma obra que não é menor, objetivando dar aos seus trabalhadores condições economicas para viverem dignamente a vida.

to se tornar necessário e dentro do prazo fixado no n.º 11, das presentes Instruções.

6. As praças ficarão adidas à Diretoria das Armas e continuarão a concorrer no serviço na forma estabelecida no número anterior.

7. De igual maneira proceder-se-á com o pessoal civil, depois de apresentado à Secretaria Geral do Ministério da Guerra.

8. A inclusão em folhas de pagamento e as alterações relativas ao pessoal militar e civil, passa a ser atribuição dos órgãos a que ficarem adidos.

9. Os almoxarifes-tesoureiros continuarão responsáveis pela carga e conservação do material distribuído às extintas Inspetorias, até nova distribuição da mesma.

10. A gestão financeira será encerrada na conformidade do que estabelece o § 1.º, do art. 27, do R.A.E.

11. Fica fixado o dia 30 de setembro do ano em curso, para prazo limite de ultimização das providências prescritas nas presentes Instruções. — *Eurico G. Dutra.*

(Portaria n. 7.064 de 21. — D.O. de 23-8-944).

MILITAR EM TRANSITO — (Permissão).

— Até ulterior deliberação e a fim de criar uma orientação única por parte das diversas Diretorias, recomendo a fiel observância do disposto no § 7.º do art. 22 do Decreto-lei n.º 3.752, de 23 de outubro de 1941 (Lei do Movimento de Quadros) pelo qual sómente poderá ser permitido ao militar gozar parte do seu trânsito "*na localidade de destino, ou em qualquer outra ao longo do itinerário que tenha de seguir*".

(Aviso n. 2.590 de 29. — D.O. de 31-8-944).

OFICIAIS REFORMADOS — (Gratificações).

N.º 2.600 — 1 — Os oficiais reformados que forem licenciados e exerçam cargos em repartições ou estabelecimentos militares poderão continuar nas mesmas funções, com a gratificação prevista no art. 205 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército, uma vez manifestem esse desejo junto ao Chefe sob cuja jurisdição estejam servindo.

II — Idêntica faculdade é extensiva aos oficiais da reserva de 1.ª classe que também forem licenciados por força do disposto no parágrafo único do artigo 60 do Decreto-lei n.º 3.940, de 16 de dezembro de 1941, e se achem nas mesmas condições dos referidos no item I.

(Aviso n. 2.600 de 30-8. — D.O. de 1-9-944).

OFICIAIS DA RESERVA DE 2.ª CLASSE — (Declaração).

— Os Oficiais da Reserva de 2.ª classe do Exército, quando convocados para o serviço ativo, devem declarar, na Unidade ou Repartição em que fizerem a primeira apresentação, os nomes das pessoas da família com direito à passagem por conta do Estado, apresentando, nessa ocasião os comprovantes necessários, conforme determina o art. 231, § 5.º, do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército, declaração essa que será comunicada às respectivas Diretorias e à de Recrutamento.

(Aviso n. 2.589 de 29. — D.O. de 31-8-944).

OFICIAIS DA RESERVA DE 2.ª CLASSE — (Matricula).

— Tendo-se em vista o trabalho excessivo a que estão sujeitas as Escolas de especialização — Moto-Mecanização, Transmissões, Artilharia de Costa

As estradas estratégicas modernas encontram no material ARMCO a melhor solução para as exigências sempre crescentes de rapidez de instalação e de aptidão para as condições mais árduas de serviço.

Elevado número de boeiros ARMCO, do tipo standard e do tipo de encaixe, e de pontilhões ARMCO de chapas múltiplas garantem a perfeita drenagem das principais estradas estratégicas do mundo, onde atestam a superior qualidade dos produtos ARMCO.

**ARMCO INDUSTRIAL
E COMERCIAL S. A.**
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO
— PORTO ALEGRE —
SÃO SALVADOR — CURITIBA
Agentes em todas as capitais do
Brasil

**Material
ARMCO**
PARA ESFORÇO DE GUERRA



ARMCO



MULTI PLATE

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA **UNES**
MARCAS REGISTRADAS

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE
65 · RUA DA CARIOCA · 67 RIO

BANCO CRUZEIRO DO SUL DE S. PAULO S./A.

Matriz: S. Paulo — Rua da Quitanda, 144 — Caixa Postal, 259-A
Filiais em Franca, Rancharia, Garça, Poupéia e Quintana

DEPÓSITO EM CONTA CORRENTE

Movimento sem limite	4%	ao ano
Limitada até Cr\$ 100.000,00	5%	" "
Populares até Cr\$ 30.000,00	6%	" "
Aviso prévio de 30 dias	5 1/2%	" "
Aviso prévio de 3 meses	5 1/2%	" "
Prazo fixo de 6 meses	6%	" "
Prazo fixo de 12 meses	7%	" "

e Anti-Aérea — bem assim a falta de oficiais nos corpos, não é permitida a matrícula de oficiais da Reserva de 2.^a Classe nesses estabelecimentos de ensino até que seja normalizada a situação das mesmas escolas e sanada a deficiência de oficiais na tropa.

(Aviso n. 2.526 de 26. — D.O. de 29-8-944).

OFICIAIS DA RESERVA DE 2.^a CLASSE — (Promoção).

O Diário Oficial n. 198 de 25-8-1944 (página n. 14868) publica as instruções reguladoras da organização das propostas de promoção dos Oficiais da Reserva de 2.^a classe e do Exército da 2.^a Linha.

OFICIAIS DO QUADRO TÉCNICO DA ATIVA — (Apresentação).

— Fica esclarecido que os oficiais do Quadro de Técnicos da Ativa, enquanto sejam movimentados pelas Diretorias Técnicas correspondentes, devem fazer à Diretoria das Armas as apresentações consequentes a essa movimentação.

(Aviso n. 2.852 de 13. — D.O. de 15-9-944).

POSTO DE IDENTIFICAÇÃO. — (Criação).

— É criado um Posto de Identificação, sob n.º 22, a cargo de um 2.º sargento identificador, para funcionar anexo à Escola Militar de Resende.

(Aviso n.º 2.447 de 23. — D.O. de 25-8-944).

PRIMEIRO GRUPO DE REGIÕES MILITARES — (Criação).

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 74, letra a, da Constituição, decreta:

É criado, na conformidade do que estabelece o Decreto-lei n.º 6.775, de 7 de agosto de 1944, para organização imediata, o 1.º Grupo de Regiões Militares, abrangendo todos os Comandos e Forças com sede no território dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, e Território Federal do Iguaçu.

O 1.º Grupo de Regiões Militares tem a seguinte constituição

- Comandante — General de Divisão.
- Quartel General (Estado-Maior, Serviços Administrativos e Contigente).
- 3.^a Divisão de Infantaria.
- 5.^a Divisão de Infantaria.
- 1.º Corpo de Cavalaria.
- 3.^a Região Militar.
- 5.^a Região Militar.

O Comando do 1.º Grupo de Regiões Militares exerce plena autoridade militar, no que se refere à disciplina, instrução e questões administrativas atinentes ao preparo para a guerra, nos territórios das 3.^a e 5.^a Regiões Militares e Território Federal do Iguaçu, e tem sede na cidade de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul.

É criado, para organização imediata, o Comando da 3.^a Divisão de Infantaria.

A 3.^a Divisão de Infantaria é constituída:

- Comandante — General de Divisão.
- Quartel General (Estado-Maior, Chefias de Serviços e Tropa do Q.G.).
- Infantaria Divisionária (I.D/3).
- Artilharia Divisionária (A.D/3).
- 3.º Regimento de Cavalaria Divisionário.

Cousas Práticas

ADQUIRIR livros
pelo serviço de reem-
bolso postal da secção
de publicidade de
"A Defesa Nacional".

CAIXA POSTAL N.º 32
MINISTÉRIO DA GUERRA
RIO DE JANEIRO

Serviço rápido e seguro

— 3.º Batalhão de Engenharia.

— 3.ª Cia. Independente de Transmissões.

O Comando da 3.ª Divisão de Infantaria tem sede na cidade de Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul.

E' criado, para organização imediata, o 1.º Corpo de Cavalaria.

O 1.º Corpo de Cavalaria é constituído:

— Comandante — General de Divisão.

— Quartel General (Estado-Maior, Chefias de Serviços e Tropa do Q.G.).

— 1.ª Divisão de Cavalaria.

— 2.ª Divisão de Cavalaria.

— 3.ª Divisão de Cavalaria.

O Comando do 1.º Corpo de Cavalaria tem sede na cidade de Alegrete, no Estado do Rio Grande do Sul.

O Comando da 3.ª Região Militar, com sede na cidade de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, será exercido por um General de Divisão — que, além dos encargos administrativos e de comando territorial do Estado do Rio Grande do Sul, — terá atribuições de comandante quanto às tropas regionais independentes das Grandes Unidades sediada nêsse território.

O Comando da 5.ª Região Militar e 5.ª Divisão de Infantaria continuará com a organização vigente.

As atribuições pormenorizadas do 1.º Grupo de Regiões Militares, 3.ª Região Militar, 3.ª Divisão de Infantaria e 1.º Corpo de Cavalaria serão definidas no Regulamento para as Grandes Unidades e seus Estados-Maiores, Comandos de Armas da Divisão de Infantaria e Comandos de Brigada em tempo de paz (Regulamento n.º 25), e no de Comando de Grupos de Regiões Militares.

Fica o Ministro da Guerra autorizado a baixar os atos administrativos que se fizerem mister para a execução do presente Decreto.

Este Decreto entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n. 16.507 de 1-9-944. — D.O. de 4-9-944).

REGULAMENTO DA ORDEM DO MERITO MILITAR — (Apresentação).

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 74, letra a, da Constituição, decreta:

Fica aprovado o Regulamento, que com este baixa, da Ordem do Mérito Militar, assinado pelo General de Divisão Eurico Gaspar Dutra, Ministro de Estado da Guerra.

O presente Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-lei n. 1.651 de 4-9-944). — D.O. de 8-9-944).

SARGENTOS COM 10 ANOS DE SERVIÇO — (Solução de consulta).

— Consulta o Comandante do 16.º R. I. se os Sargentos que completaram ou venham a completar 10 anos de serviço e que deixaram de ser licenciados por força do aviso n.º 731, de 22 de março de 1944, fazem jus ao acréscimo de 10 % de que trata o art. 70 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército.

Em solução declaro:

Em conformidade com o art. 70 acima citado, não resta dúvida que assiste direito aos Sargentos e demais praças que completaram ou venham a com.

REPRESENTAÇÃO DE A DEFESA NACIONAL

Ampliando a sua rede de sucursais em vários Estados do país **A DEFESA NACIONAL** desenvolve, também, a sua circulação e habilita-se a tornar mais eficiente a propaganda em suas páginas.

Tendo, outrossim, entregue a exclusividade de sua publicidade em todo o Brasil ao

BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA

a revista por excelência do Exército acha-se habilitada a receber anuncios e toda a demais matéria respectiva através dos representantes desta prestigiosa organização abaixo discriminados:

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Paranaíacaba, 61 — 4.º andar.

Curitiba — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573.

Porto Alegre — Arthur Batista Gonçalves, Rua Shuller, 44.

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de Deus, 113.

Pará — Edgard Proença, Edifício Bern (1.º andar), Avenida 15 de Agosto).

Anuncie nas páginas de

A DEFESA NACIONAL

que fará publicidade eficiente

50.000 LEITORES EM TODO O BRASIL

pletar dez anos de efetivo serviço ao acréscimo de 10 % estabelecido pelo referido artigo.

(Aviso n. 2.810 de 11. — D.O. de 13-9-94).

TRANSPORTE DE PESSOAL E BAGAGENS — (Determinação).

— I — Tendo-se verificado ser mais rápido e mais barato o transporte para o pessoal, sua respectiva bagagem e pequenos volumes destinados às guarnições da Bahia, Sergipe, Alagoas, e Pernambuco, pelo itinerário Rio de Janeiro — Bururama — Umburama — Salvador — Propriá — Maceió — Recife, determino que por êle seja realizado o transporte nas condições seguintes :

Rio de Janeiro — Bururama — E. F. C. B.

Bururama — Umburama — Rodovia.

Umburama — Salvador — E. F. L. B.

Salvador — Propriá — E. F. L. B.

Propriá — Maceió — Rodovia.

Maceió — Recife — E. F. G. W.

II — Os trechos rodoviários ficarão a cargo dos Serviços de Embarques das 6.^a e 7.^a R. M. nos trechos de sua jurisdição.

III — O Comandante da 6.^a R. M. poderá utilizar-se de elementos do Destacamento de Joazeiro, para atender o trecho Bururama — Umburama e se fôr necessário, manterá um posto em Propriá e outro em Brumado.

IV — Os transportes dos suprimentos do E. M. I. de Recife, para as guarnições de Aracajú e Salvador deverão ser feitos, de preferência, via Propriá.

(Aviso n. 2.803 de 9. — D.O. de 12-9-94).

UNIDADES DIVISIONARIAS — (Criação).

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição, decreta :

Ficam criadas, para organização imediata, as unidades divisionárias de manutenção das grandes Unidades de Cavalaria, com as designações e sedes seguintes :

1.^a Cia Média de Manutenção em Santo Angelo;

2.^a Cia. Média de Manutenção em Alegrete;

3.^a Cia. Média de Manutenção em Bagé;

respectivamente unidades orgânicas de manutenção da 1.^a, 2.^a e 3.^a Divisões de Cavalaria.

O Ministro da Guerra fica autorizado a tomar as providências que se tornarem necessárias.

(Decreto-Lei n. 6.844 de 1-9-94. — D.O. de 4-9-94).

VENCIMENTOS — (Solução de consulta).

— Consulta o Sr. Comandante da 3.^a R. M. se cabe direito a vencimento de capitão aos Primeiros e Segundos Tenentes médicos que estão chegando, por falta de capitães, as Formações Sanitárias Regionais em Unidades às quais é atribuído um capitão médico pelos respectivos quadros de efetivo: — Em solução declaro :

Deve ser paga diferença de vencimentos ou de gratificação, conforme se trate de cargo vago ou substituição, temporária, aos Primeiros e Segundos Tenentes médicos que se acharem em função do posto de capitão médico, uma vez que a função seja privativa desse posto por lei, regulamento e só na falta destes constar dos quadros de efetivo.

(Aviso n. 2922 de 18. — D.O. de 20-9-94).

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A "A DEFESA NACIONAL" recebeu, no período de 20 de Agosto a 20 de Setembro de 1944, as seguintes publicações:

- 1 — Pátria — n.º 28-29 — Abril de 1944 — México.
- 2 — Pátria — n.º 30-31 — Junho de 1944 — México.
- 3 — Orientacion — n.º 1332 — Agosto de 1944 — Paraguai.
- 4 — Revista Militar — n.º 6 — Junho de 1944 — Argentina
- 5 — Memorial del Estado Mayor — n.º 1-2 — Janeiro e Fevereiro de 1944 — Colombia.
- 6 — Memorial del Ejercito de Chile — n.º 194-195 — Maio e Junho de 1944 — Chile.
- 7 — Boletim de la 1.ª Region — n.º 2 — Maio de 1944. — Chiclayo — Perú.
- 8 — Liga Marítima Brasileira — n.º 444 — Junho de 1944 — Rio.
- 9 — Revista da Cruz Vermelha Brasileira — Junho e Julho de 1944 — n.º 12 — Rio.
- 10 — Visão Brasileira — n.º 73 — Agosto de 1944 — Rio.
- 11 — Revista de Intendencia — n.º 15 — Maio e Junho de 1944 — Rio.
- 12 — Nação Armada — n.º 57 — Agosto de 1944 — Rio.
- 13 — Cultura Política — n.º 43 — Agosto de 1944 — Rio.

LIVRARIA ODEON

LIVROS MILITARES

Avenida Rio Branco, 157 - Tel. 22-1288

Companhia de Propaganda, Administração e Comércio

End. Teleg. "PROPAC" — TELEFONE: 23-2101
 AV. RIO BRANCO, 85-14.º — Caixa Postal, 2168
 RIO DE JANEIRO

Biblioteca da "A Defesa Nacional"

LIVROS A' VENDA

Anuário Militar do Brasil, 1935	22,00
Anuário Militar do Brasil, 1936	22,00
Anuário Militar do Brasil, 1937	22,00
Anuário Militar do Brasil, 1940	27,00
Anuário Militar do Brasil, 1941	37,00
Anuário Militar do Brasil, 1942	42,00
A Arte da Guerra — Trad. Cel. Renato Batista Nunes	26,00
A Campanha da Africa Oriental — Gen. Waldomiro Lima	21,00
A Revolução de 1842 — Martins Andrade	19,00
Aspêto Geografico Sul-Americano — Cel. Mario Travassos	6,00
(x) — As Condições Geográficas e o Problema Militar Brasileiro — Cel. Mario Travassos	6,00
A Compreensão da Guerra — Cel. J. B. Magalhães	30,00
Andrade Neves o Vanguardeiro — Cap. De Paranhos Antunes	7,00
Aplicações Militares — Cap. Marcio de Menezes	16,00
Atestado de Origem — Ten. Cel. Dr. E. Marques Porto	3,00
A. C. P. — Cap. Geraldo de Menezes ortes	16,00
A Concepção da Vitória entre os Grandes Generais — Cap. Frederico Mindelo Carneiro Monteiro	21,00
Auxiliar do Instrutor de Pontes — Cap. Santuel A. A. Corrêa	7,00
(x) — A Defesa Nacional (Número Avulso)	5,50
Acentuação Gráfica — Cap. Antonio Pereira Lira	3,00
A Instrução na Cavalaria — Cap. João de Jesus Mena Barreto	11,00
A Técnica do Tiro de Costa — Cap. Ary Silveira	21,00
Boletim n.º 3 — Cel. Araripe e Ten. Cel. Lima Figueiredo	11,00
Bandeira do Brasil — Ten. Janary Gentil Nunes	11,00
(x) — Cartilha da Mocidade — Cap. Micaldas orrêa	7,00
Caderneta de Ordens e Partes	13,00
Caderneta de Ordens e Partes (Bloco para)	3,00
Caderneta de Campanha do Capitão — Cap. Nelson Boiteux	13,00
Coletânea de Leis e Decretos 1544-1938 — Maj. Bento Lisboa	13,00
(x) — Contribuição para a Historia da Guerra entre Brasil Buenos Aires — Gen. Bertoldo Klinger	13,00
Código de Justiça Militar — Cel. José Faustino da Silva Filho	27,00
Código de Vencimentos e Vantagens — Getulio Costa	5,00
Comandar — Ten. Cel. Niso de Viana Montesuma	7,00
Código Penal Militar — Cap. Moacyr Faião Gomes de Abreu	9,00
Cooperemos para a boa Linguagem — Ruy de Almeida	11,00
Dispersão do Tiro — Ten. Cel. Arnaldo Morgado da Hora	12,00
Do Brasil á Itália — Gen. Newton Braga	8,00
Dicionário de Termos Militares (Inglês-Português) — H. Castro Jobim	25,00
Educação Física Militar — Cap. Gutemberg Ayres de Miranda	10,00
Educação sobre a Instrução Militar — Trad. Maj. José Horacio Garcia	13,00
Estudos sobre Granadas de Mão e Fuzil — Cap. Moacyr N. Assumpção	11,00

	Educação Moral do Soldado — Cap. Frederico Trota	10,00
	Emprego Tático das Transmissões — Cel. Paulo Bolivar Teixeira	17,00
	Exercício Combate Companhia — Maj. Alcibiades Tamoyo da Silva	18,00
(x)	— Estratégia do Terror — Trad. Cel. J. B. Magalhães	15,00
	Exterio e Julgamento dos Equideos — Walter Jardim	30,00
	Escola de Fogo I e II parte — Maj. Rubens Monteiro de Castro	16,00
	Escola de Fogo II parte — Maj. Rubens Monteiro de Castro	7,50
	Escola de Fogo III parte — Maj. Rubens Monteiro de Castro ..	7,50
	Escola de Fogo IV parte — Maj. Rubens Monteiro de Castro	7,50
	Euclides da Cunha — Cap. Umberto Peregrino	4,00
	Fichário para I. de Educação Física — Cap. Jair Jordão Ramos	16,00
	Formulário do Contador — Cap. José Salles	5,00
(x)	— Formulário Processual — Ten. Cel. Niso de Viana Montezuma..	16,00
	Fenomeno Militar Russo — Cel. J. B. Magalhães	30,00
	Fenomeno Militar Russo — desconto de 10 % aos Assinantes da Revista "A Defesa Nacional"	27,00
	Guia para o Cmt. de Plt. de Fuzileiros 1. ^a parte — Maj. Tamoyo	16,00
	Guia para o mt. de Plt. de Fuzileiros, 2. ^a parte — Maj. Tamoyo	13,00
(x)	— Guerra de Secessão Separata n.º 53 — Ten. Cel. Arthur Carnauba	5,00
	Guia para a Instrução Militar — Maj. Ruy Santiago	21,00
	Historia do Duque de Caxias (Hustrada) — Cap. Frederico Trota	5,00
	Historia Militar do Brasil — Gustavo Barroso	13,00
	Indicador Alfabético — Odon Antonio da Cunha Braga	4,00
	Indicador Paranhos 1935 — Eurico Paranhos	13,00
	Indicador Paranhos 1936 — Eurico Paranhos	6,00
	Invasão e Tomada das Ilhas Balticas — Trad. José J. da Silva..	5,00
	Impressão de Estágio no Exército Francês — J. B. Magalhães..	5,00
(x)	— Instrução na Cavalaria Separata n.º 54 — Maj. José H. Garcia..	5,00
	Instrução de Obs. nos Corpos de Tropas — Ten. Cel. Armando Ba- tista Gonçalves	9,00
	Instrução de Transmissões — Ten. Cel. Lima Figueiredo	11,00
	Introdução ao Estudo da Estratégia — Cel. Inácio J. Veríssimo	11,00
	Inquerito Policial Militar — Amador Cysneiro	21,00
	Índice do C. J. M. de 1938 — el. José Faustino da Silva Filho ..	3,00
(x)	— Limites do Brasil — Ten. Cel. Lima Figueiredo	11,00
	Lições D'Armas — Gen. Valerio Falcão	19,00
	Manual de Orientação em Campanha — Cap. Antonio Pereira Lira	6,00
	Manobras de Nioac — Gen. Bertoldo Klinger	21,00
	Manual da Socorrista de Guerra — Raul Briquet	26,00
	Manual de Topografia Militar — Cap. Evandro Del Corona	11,00
	Manual de Instrução Pré Militar — Cap. Moacyr Faião G. de Abreu	6,00
	Manual do Soldado de Engenharia	11,00
(x)	— Memento do Artilheiro — Cap. Amir Borges Fortes	21,00
	Mais uma Carga Camaradas — Gen. Benicio da Silva	11,00
(x)	— Morteiro — ap. Gutemberg Ayres de Miranda	16,00
	Noções de Desenho Topografico — Cel. Arthur Paulino	5,00
	Notas sobre o Comando do Btl. no Terreno — Cmt. Audet	11,00
	Notas de Tática de Cavalaria — Cap. Alvaro Lucio Areas	13,00
(x)	— Noções de Topografia em Campanha — Gen. Paes de Andrade ..	11,00
	O Livro do Observador — Cap. Paladini	27,00
	O Exército Alemão — Cel. Leony de Oliveira Machado	2,00
	O Surto no Japão — Maj. Nicanor G. de Souza	

O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira	5,00
O Tiro da Seção do Morteiro Brand. 81m/m — Maj. Pavel	16,00
(x) — O Tiro de Grupo nas I. Rápidas — Cap. Breno Borges Fortes..	6,00
O Tiro de Morteiro — Cap. Goberi de outo e Silva	11,00
O Livro do Carro de Combate — Cap. Frederico Reis Pimentel	11,00
O Serviço de Campanha na Arma de Cavalaria — Cap. Antonio	
O Oficial de Cavalaria — Gen. Benicio da Silva	11,00
(x) — O Serviço de Informações e de Transmissões em Campanha —	
Cap. Geraldo de Menezes Cortes	11,00
(x) — Os Pombos Correios e a Defesa Nacional — Dr. Freitas Lima....	6,00
(x) — Pequeno Manual do Serviço em Campanha na Cavalaria — Trad.	
Maj. José Horacio Garcia	13,00
Pedagogia de Educação Física — José Benedito de Aquino	16,00
Pastas para Folhas de Alteração	8,00
(x) — Regulamento para Instrução dos Quadros e da Tropa	3,00
(x) — Regulamento de Educação Física I.ª parte (N.º 7)	25,00
(x) — Tática de Infantaria — Cel. X.	3,00
Sinalização a braços e ótica — Ten. Cel. Lima Figueiredo	3,00
Telemetria — Cap. José Joaquim Gomes da Silva	16,00
Telemetros de Inversão Zeiss — Cap. José J. Gomes da Silva ..	9,00
(x) — Tática de Infantaria nos Pequenos Escalões — Ten. Cel. Alexan-	
dre José Gomes da Silva Chaves	16,00
(x) — Travessia de Cursos Dagua — Maj. José Horacio Garcia	6,50
Transposição de Cursos Dagua — Ten. Cel. Lima Figueiredo ..	8,00
Transferidor Militar (Tipo A) — Carlos Morim	75,00
Transferidor Militar (Tipo B) — Carlos Morim	25,00
Transferidor de Derivas e Alças — Carlos Morim	80,00
Theoria e Progressões de Logaritmos — Floriano Daltro Ramos..	5,00
Theoria e Emprego dos Milésimos — Cap. Eduardo Campello ..	5,00
Tres anos de Ortografia S. Brasileira — Gen. Bertoldo Klinger..	16,00
Tres anos de O. S. Brasileira (para Oficiais) — Gen. Klinger ..	12,00
Topografia Prática — Cap. João Augusto Fernandes — Rubens	
Castro	31,00
Um ano de Obs. no Extremo Oriente — Ten. Cel. Lima Figueiredo	15,00
Vade-Mecum de Matematica Elementar — Frederico J. Nunes Dias	13,00
(x) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I. "A Defesa	
Nacional.	

MAQUINA DE ESCRIVER IMPERIAL

Desmonta-se toda em suas 3 partes em menos de 3 segundos

A mais perfeita — A mais completa — Mimeógrafos Edison-Dick — Du-
plicadores Ormig (operando estes sem Stencil, sem Tinta, sem Gelatina).
Máquinas de Calcular e de Somar Odhner — Arquivos

JOHN ROGER

Rua Sete de Setembro 191

Telefone 23-3760

A DEFESA NACIONAL

Matéria para o número de 10 de novembro de 1944

- 1.º — EDITORIAL.
- 2.º — OS BOMBARDEIOS AÉREOS — (Transcrito de "O Jornal do Comércio" - 1943).
- 3.º — A ENGENHARIA MILITAR NO BRASIL — Ten.-Cel. Lima Figueiredo.
- 4.º — REMUNICIAMENTO E ALIMENTAÇÃO DE UM BATALHÃO DE FUZILEIROS NA OFENSIVA. — (Trad. — Cap. Nelson Rodrigues de Carvalho).
- 5.º — A CAVALARIA MODERNA — Ten.-Cel. Arthur Carnaúba.
- 6.º — O EMPREGO DAS UNIDADES DE DESTRUIDORES DE CARROS — Trad. — Cap. José Bezerra Pessoa.
- 7.º — PATRIARCAS E CARREIROS — Coriolano de Medeiros.
- 8.º — A BATERIA DE 152,4 MM. — Major Newton Franklin do Nascimento.
- 9.º — ORGANIZAÇÃO DO TERRENO — Major Pastor Almeida.
- 10.º — PROBLEMAS DA VIDA DO OFICIAL — Cap. Rui Alencar Nogueira.
- 11.º — DEVEMOS FORMAR OS NOSSOS SOLDADOS RODO-FERROVIÁRIOS — 1.º Ten. Lidenor de Melo Mota.
- 12.º — ÉCOS DE UMA CAMPANHA CÍVICA — Major Emanuel Morais.
- 13.º — REVISTAS EM REVISTA.
- 14.º — LIVROS DO EXÉRCITO.
- 15.º — NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO.

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Redação e Administração

Edifício do Ministério da Guerra

PRAÇA DA REPUBLICA — Telef. 43-0563

Correspondência

Para a Gerência: Caixa Postal 32, Ministério da Guerra

Colaborações: Ten.-Cel. Lima Figueiredo, mesmo endereço

Publicidade

Bureau Interestadoal de Imprensa

PRAÇA MAUA, 7 — 13.º andar

Telefone 43-9918 e 23-1451

Assinaturas	Ano	Semestre
Associados da Cooperativa	Cr\$ 30,00	Cr\$ 15,00
Renovadas	Cr\$ 45,00	Cr\$ 25,00
Novas a partir de 25/2/44	Cr\$ 60,00	Cr\$ 30,00

A PUBLICIDADE NA

A DEFESA NACIONAL

Comunicamos ao público, em geral, ao comércio e indústrias do país e aos nossos anunciantes do Rio de Janeiro e dos Estados, em particular, que todo o serviço de publicidade está a cargo, desta data em diante, do

BUREAU INTERESTADOAL DE IMPRENSA

com escritório à

PRAÇA MAUA, 7 — 13.º andar

Telefones: 43-9918, 23-1451 e Oficial 2-515

Caixa Postal, 365 — End. Telegr.: "Bureau"

Sucursais

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Paranapiacaba, 61 — 4.º andar — Telefone 2-5841.

Curitiba: — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573

Porto Alegre — Arthur Batista Gonçalves, Rua Shuller, 44

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de Deus, 113.

Pará — Edgar Proença, Edifício Bern (1.º andar), Avenida 15 de Agosto.

Colaboram neste número:

Gen. Silveira de Melo

Cel. J. B. Magalhães

Cel. R. B. N.

Ten.-Cel. Armando Vasconcelos

Ten.-Cel. Paulo Mac Card

Ten.-Cel. Arthur Carnaúha

Major Pastor Almeida

Major Adalardo Fialho

Major Paulo Eneas F. da Silva

Cap. I. E. José Salles

Cap. Diogenes Nunes de Assunção



Cr\$ 5,00

EDITORA HENRIQUE VELLO
(Empresa "A Noite")

15, Rua do Janeiro, D. F.